U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

O LUGAR DA ARQUITETURA EM CAMPOS DE REFUGIADOS:

da emergência à permanência, de espaço a lugar

Joana Vilaça Lélis Gil Ferreira

M

2026

O LUGAR DA ARQUITETURA EM CAMPOS DE REFUGIADOS:

da emergência à permanência, de espaço a lugar

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Orientação: Professor Vitório Ribeiro Tavares de Vasconcelos Leite
Co-orientação: Lígia Paula Simões Esteves Nunes Pereira da Silva
Joana Vilaça Lélis Gil Ferreira
2025/2026

Ao meu Avô Rui, que queria (e podia) ter sido arquiteto… Consegui!

Aos meus Pais e às minhas irmãs, pelo apoio e carinho.

Ao Henrique, que merecia bem mais do que duas linhas, pela presença, pelo olhar atento e honesto, pela entrega e por toda a paciência. Pelo dedo cortado no 3º ano.

Aos meus amigos arquitetos e futuros arquitetos, que me acompanharam desde o início, que enriqueceram esta tese (e a minha vida) de forma única e preciosa. À Carol, à Bárbara e à Francisca, que não sendo do Porto passaram mais dias que eu na FAUP.

Aos amigos de outras andanças, que atrasaram a tese em troca de medalhas. Pela motivação constante, pelos sorrisos e pela manutenção da minha sanidade mental.

Aos meus amigos de sempre, que de alguma forma ainda têm paciência. À Ritinha.

Ao Professor Vitório, que quando precisei mostrou um apoio total e permanente. Obrigada pela ajuda, pela contribuição valiosa e pela visão de que precisava. :)

À Professora Lígia, pela partilha e orientação.

ABSTRACT

A refugee camp can be defined as a temporary response to a situation of emergency. When this condition is lost, and time extends over years or decades, the spaces of shelter and of the camp itself acquire new dimensions, transforming into places of permanence through a process marked by adaptation and appropriation. Between the emergency at its origin and the permanence that time constructs, arises the question of the role of architecture in the evolution of ways of inhabiting and in integrating the needs of the communities that form the camps.

The present work starts from this relationship, seeking to understand the role of architecture in refugee camps, using time and transformation as materials for design. The research develops around the definition of space and place, as distinct ways of experiencing the camp. The analysis of three case studies, Baqa'a, in Jordan, Domiz, in Iraq, and Azraq, in Jordan, corresponding to different moments, forms of organization, and processes of transformation of the camps, allows for the discussion to be framed and for different manifestations of architecture in space to be identified. The distance between us and refugee camps, not only geographical but also social, requires alternative methods of study that allow for an approach to these realities.

The bibliographical and conceptual review, documentary analysis, and comparative study of the different cases inform the entire work, allowing for the evolution of the initially planned structures and the changes introduced by their inhabitants to be followed. In this process, adaptation is inherent to permanence in the camps, representing a fundamental dimension in the construction of place.

Architecture can act as an agent capable of anticipating, accompanying, and structuring change, through flexible and progressive systems that consider different temporal scales and integrate the people who remain there and their ways of inhabiting. Between shelter and place, a reflection is proposed on refugee camps as spaces in permanent transformation, where time ceases to be merely a condition and becomes part of the design process itself.

RESUMO

Um campo de refugiados pode ser definido como resposta temporária a uma situação de emergência. Quando essa condição se perde, e o tempo se prolonga por anos ou décadas, os espaços do abrigo e do próprio campo adquirem novas dimensões, transformando-se em lugares de permanência num processo marcado pela adaptação e apropriação. Entre a emergência, na origem, e a permanência que o tempo constrói, coloca-se a questão do papel da arquitetura na evolução do modo de habitar e de integrar as necessidades das comunidades que formam os campos.

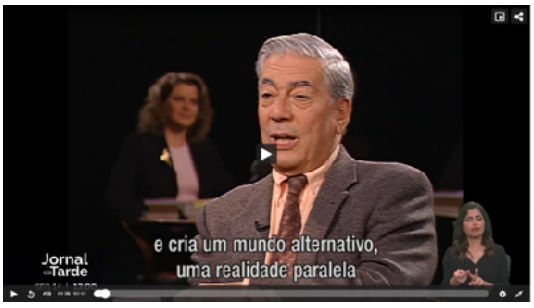
O presente trabalho parte desta relação, procurando compreender o lugar da arquitetura nos campos de refugiados, utilizando o tempo e a transformação como matérias de projeto. A investigação desenvolve-se em torno da definição de espaço e do lugar, como formas distintas de experienciar o campo. A análise de três casos de estudo, Baqa'a, na Jordânia, Domiz, no Iraque, e Azraq, na Jordânia, correspondentes a diferentes momentos, organização e processos de transformação dos campos, permite enquadrar a discussão e identificar formas distintas de manifestações da arquitetura no espaço. A distância entre nós e os campos de refugiados, não apenas geográfica, mas também social, implicou métodos de estudo alternativos de forma a permitir uma aproximação a estas realidades.

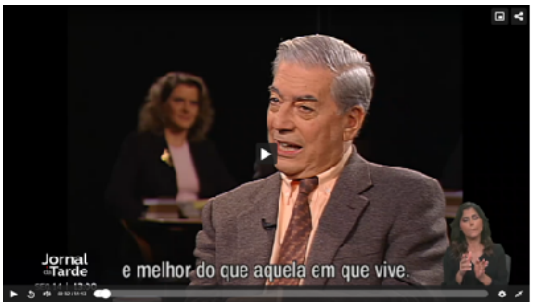
A revisão bibliográfica e conceptual, análise documental e estudo comparativo dos diferentes casos, informam todo o trabalho, permitindo acompanhar a evolução das estruturas inicialmente planeadas e para as alterações introduzidas pelos seus habitantes. Neste processo, a adaptação é inerente à permanência nos campos, representando uma dimensão fundamental na construção do lugar.

A arquitetura pode ser um interveniente capaz de antecipar, acompanhar e estruturar a mudança, através de sistemas flexíveis e progressivos que considerem as diferentes escalas temporais e integrem as pessoas que aqui permanecem e as suas formas de habitar. Entre o abrigo e o lugar, propõe-se uma reflexão sobre os campos de refugiados enquanto espaços em permanente transformação, onde o tempo deixa de ser apenas uma condição e passa a integrar o próprio processo de projeto de forma explícita e contínua.









"Atrás de um pintor, de um músico, de um poeta, há sempre alguém que recusa o mundo como ele é e cria um mundo alternativo, uma realidade paralela e melhor do que aquela em que vive"
RTP Arquivos. (n.d.). Mario Vargas Llosa. Rádio e Televisão de Portugal (RTP). https://arquivos.rtp.pt/conteudos/mario-vargas-llosa/

Nota introdutória

Atrai-me a dimensão humana da arquitetura.

A arquitetura aparece-nos como uma expressão última do ser social. Uma arte inerente ao ser humano e que é condição de *ser* humano. Por esta razão, talvez me interesse tanto estudar e compreender estas formas de habitar que se geram dentro dos campos de refugiados.

Nestes campos, onde os recursos são limitados e a informação também escassa, não deixa de existir uma vontade, que é muito nossa, de adaptar o espaço às necessidades e culturas das pessoas que os habitam. Criam-se assim novas formas, modelos e modos de habitar. Com o tempo, o que começa como uma emergência transforma-se. Os espaços vazios de significado tornam-se lugares construídos pelas memórias de quem os vive.

Existe um certo afastamento do ensino da disciplina da arquitetura a temas como o que me proponho a trabalhar. De certo modo, este afastamento também se verifica na realidade, no distanciamento que se cria entre eles, os refugiados, e nós, o resto do mundo. Também por isso, não deixei de procurar estes casos e estas realidades, tentando eventualmente transpor esta separação que se criou e se desenvolve diariamente.

Este trabalho permitiu-me procurar conectar ferramentas que o meu percurso académico me proporcionou com espaços onde a arquitetura, afinal, também se parece praticar.

"O verdadeiro desafio é desenhar para as pessoas como eram antes de experienciarem a emergência"[1]

---

[1] Aburamadan, R., Trillo, C. & Makore, B.C.N. *Designing refugees' camps: temporary emergency solutions, or contemporary paradigms of incomplete urban citizenship. Insights from Al Za'atari. City Territ Archit* **7**, 12 (2020). pg.11 https://doi.org/10.1186/s40410-020-00120-z

Nota prévia

A presente dissertação está redigida conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Para uma melhor leitura do presente documento aconselha-se e a sua leitura em formato de dupla página.

Todas as citações transcritas encontram-se a itálico e numa cor distinta ao restante texto.

As citações referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução livre por parte da autora.

Palavras ou expressões estrangeiras cujo significado se perdia na tradução foram mantidas na língua original, encontrando-se em itálico e explicadas em nota de rodapé.

Algumas das imagens recolhidas foram manipuladas.

Todas as imagens que não têm marcação da orientação geográfica estão orientadas a norte.

Todas as peças desenhadas são de autoria própria e estão apresentadas e escaladas segundo as unidades do sistema métrico.

As legendas e referências das imagens encontram-se apresentadas lateralmente, junto aos respetivos elementos gráficos.

SUMÁRIO

0.0 ESPAÇO EM CRISE 3

0.1 INTRODUÇÃO 3

0.2 ARQUITETURA E CAMPOS DE REFUGIADOS 6

0.3 OBJETIVOS E METODOLOGIA 13

1.0 DA EMERGÊNCIA À PERMANÊNCIA 19

1.1 ESPAÇO DE TRANSIÇÃO 19

1.2. CAMPO DE REFUGIADOS: UMA TIPOLOGIA URBANA? 25

2.0 ARQUITETURA NUM CAMPO DE REFUGIADOS 31

2.1 CAMPO DE BAQA'A 31

2.2 CAMPO DE DOMIZ 45

2.3 CAMPO DE AZRAQ 59

3.0 ADAPTAR, ACOLHER E (RE)PENSAR: 71

3.1 ADAPTAR 71

3.2 ACOLHER 76

3.3 (RE)PENSAR 86

O ABRIGO 86

O CAMPO 95

CONSIDERAÇÕES FINAIS 101

REFERÊNCIAS 104

0.0 ESPAÇO EM CRISE

0.1 INTRODUÇÃO

"Há uma parte para aqueles que não têm parte."[2]

De acordo com o relatório publicado em 2025 pela UNHCR[3], existem mais de 117 milhões de pessoas forçadamente deslocadas[4] (interna e externamente), 40% são crianças. Destas, 36.4 milhões são reconhecidas como refugiados: impedidos de permanecer em segurança nos seus territórios de origem devido a perseguições, violência generalizada, guerra e, mais recentemente, também por causas ambientais.[5] São pessoas estrangeiras aos países que as acolhem, ou aos quais chegam, encontrando, por isso, enormes barreiras à sua entrada e estadia.

A deslocação forçada expõe estas populações a condições de vulnerabilidade extrema, exigindo respostas específicas de proteção e acompanhamento.

Desde o momento da sua fuga até à eventual estabilização num outro país, existe uma enorme indeterminação. Para cada um destes deslocados inicia-se um período incerto de trânsito, entre "(…) *as periferias ("outskirts") ou os espaços entre os tecidos*"[6] das nossas cidades, como explica Michel Agier. Sem um rumo certo, vivem "(…) *à margem do nosso mundo"*[7] como o próprio escreve. Eventualmente chegam a um lugar onde se estabelecem, ou tentam estabelecer, continuando a vaguear entre ruas e entre 'nós', sem nunca pertencer de facto a lugar nenhum. Este distanciamento entre o 'nós' e o 'eles', que será um tema a abordar, contribui, em parte, para o abandono e a desumanização dos campos de refugiados.

Cerca de 6.6 milhões de pessoas encontram abrigo nestes campos.[8]

Um campo de refugiados é "*uma estrutura temporária construída para proporcionar proteção imediata e assistência a pessoas forçadas a fugir das suas casas.*"[9] Não são pensados como solução permanente, providenciando apenas meios básicos de sobrevivência para situações de emergência: comida, água, ajuda médica e, ultimamente, abrigo.[10]

---

[2] Rancière, J. (1999). *Disagreement: Politics and philosophy* (J. Rose, Trans.). University of Minnesota Press. (Original work published 1995) p.11

[3] UNHCR- United Nations High Commissioner for Refugees (ACNUR- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados)

[4] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). Refugee Data Finder – Key indicators. https://www.unhcr.org/refugee-statistics

[5] United Nations High Commissioner for Refugees. (n.d.). *Who is a "refugee"?* UNHCR. https://www.unhcr.org/ie/refugees

[6] Agier, M. (2008). On the margins of the world: The refugee experience today. Polity Press., prefácio

[7] Agier, M. (2008). On the margins of the world: The refugee experience today. Polity Press p.2

[8] USA for UNHCR. (n.d.). *Refugee facts: Camps.* https://www.unrefugees.org/refugee-facts/camps/ consultado dia 22.04.2025

[9] USA for UNHCR. (n.d.). *Refugee facts: Camps.*_https://www.unrefugees.org/refugee-facts/camps/

[10] USA for UNHCR. (n.d.). *Refugee facts: Camps.*_https://www.unrefugees.org/refugee-facts/camps/

Segundo dados recentemente publicados pela UNHCR, cerca de 60% dos refugiados[11] estão deslocados a longo termo, ou seja há mais de 5 anos. Números que evidenciam a necessidade de reestruturação de alguns destes campos, revendo as estruturas e equipamentos disponíveis, mas também a sua capacidade de adaptação às culturas e quotidiano das pessoas que neles habitam.

Paralelamente a estes valores, o número de pessoas que conseguiu, em 2024, retornar à sua cidade de origem ronda os 1.6 milhões. Embora significativo em termos absolutos, este valor representa apenas uma pequena fração do total de pessoas deslocadas, revelando a dificuldade de inverter a tendência de crescimento da crise.

Por se tratar de grupos extremamente diversificados de pessoas, é necessária uma resposta que supere a satisfação das exigências de vida básicas a curto prazo. A questão não passa por legitimar a permanência dos campos, mas por reconhecer que a sua duração real exige respostas capazes de ultrapassar a lógica mínima da emergência.

Da experiência a longo prazo de um campo de refugiados surgem novas necessidades, consequência das interações sociais que se desenvolvem. No espaço entre tendas e entre as vidas de quem as habita, constroem-se novas formas e estruturas. Lenta e improvisadamente as pessoas adaptam o espaço à sua volta.

"Tal como em cidades informais, os residentes dos campos de refugiados melhoram a sua envolvente e estabelecem relações sociais normativas."[12]

Rania Aburamadan introduz uma perspetiva destas formas auto-construídas que se afasta de um estudo meramente funcional e pragmático do campo. Sugere o aparecimento de um novo tipo ou modelo, que se define algures entre o abrigo e a cidade. Um espaço que através das práticas dos seus habitantes, ultrapassa progressivamente a condição de refúgio transitório.

A partir do estudo de contextos específicos, Sandi Hilal e Alessandro Petti defendem também que os campos são espaços que parecem ter perdido o sentido e a cultura, que "(…) *estão destinados a não ter uma história ou um futuro, estão destinados a ser esquecidos."*[13] Estes ambientes carecem, frequentemente, das condições espaciais, sociais e simbólicas que tornam um espaço num lugar social e humanamente reconhecível. Colocam em causa a dignidade e o bem-estar de quem neles habita, tornando-se necessário procurar alternativas aos modelos atuais de acolhimento.

"O lugar representa a verdadeira dimensão da arquitetura. É a manifestação concreta do habitar humano, e a identidade do homem depende do seu vínculo aos lugares."[14]

Uma questão que acompanhará todo este estudo prende-se com a própria existência dos campos de refugiados.

---

[11] UNHCR- United Nations High Commissioner for Refugees, Agencia das Nações unidas dedicada a proteger e assistir refugiados e comunidades forçadamente deslocadas

[12] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture, p.9.

[13] Hilal, S., & Petti, A. (2018). Permanent temporariness. Art and Theory Publishing. p.9.

[14] Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli. p.8.

Trabalhos como o de Hilal e Petti ou de Aburamadan, incidem precisamente neste ponto, defendendo que a permanência dos campos deve ser compreendida como consequência de uma falha política e humanitária, e não como modelo habitacional desejável.[15] Serão, por isso, exploradas alternativas às atuais soluções de alojamento de refugiados nos países de acolhimento. O prolongar da situação dos campos de refugiados, por não estar previamente planeado, expõe falhas que colocam em causa a dignidade e integridade destes espaços.

Com este novo cenário, torna-se pertinente questionar de que modo a arquitetura pode atuar como observador ativo e interveniente nestes contextos. Se a temporalidade prevista tende em reduzir o investimento no planeamento e na qualificação espacial, o prolongamento destas situações parece exigir uma mudança de abordagem.

A emergência e as suas características espaço-temporais podem justificar um desenho pragmático da configuração inicial, no entanto, com esta perenidade latente, torna-se necessário questionar a insuficiente presença de uma reflexão arquitetónica nestes espaços. É nesta tensão entre emergência, temporalidade e permanência que se situa uma das questões centrais deste trabalho.

Procura-se perceber qual o lugar da arquitetura numa solução integrada com outras disciplinas, para que se adeque ao panorama atual. Pretende-se analisar as soluções existentes e propor novas abordagens, não só de adaptação, mas também de revisão dos modelos atuais de planeamento e das estruturas disponíveis.

Além da importância de explorar alterações que podem ser propostas para os campos em funcionamento, também serão analisadas possibilidades de resposta a futuras situações de emergência.

Na transição para a permanência, poderá existir um lugar para a arquitetura num campo de refugiados.

[15] Hilal, S., & Petti, A. (2018). Permanent temporariness. Art and Theory Publishing.

0.2 ARQUITETURA E CAMPOS DE REFUGIADOS

"Eu não aceito que a arquitetura, vernacular ou monumental, seja um luxo ou algo feito para impressionar massas. (…) Não existem diferentes "tipos" de arquitetura, apenas diferentes situações que requerem diferentes soluções a fim de satisfazer as necessidades físicas e psíquicas do Homem."[16]

Se entendermos a arquitetura como nos é apresentada nesta passagem de Norberg-Schulz, isto é, como resposta às necessidades físicas e psíquicas do ser humano, podemos dizer que está presente desde o primeiro momento num campo de refugiados.

Existem diretrizes internacionais[17] de planeamento e regulamentação para a construção dos campos que visam orientar respostas a novas crises, garantindo o cumprimento de parâmetros e condições de vida básicas. Apesar da sua eficácia e pertinência numa fase prematura, estes guias demonstram-se insuficientes na formulação de soluções especializadas para cada local e que considerem as diferentes circunstâncias que cada caso apresenta. Uma grande complexidade e variedade de fatores, que compõem a conjuntura em que cada campo se insere, tornam inviável um plano universal de resposta a emergências. Assim, o seu desenho quando desenvolvido junto da comunidade que está a servir, deverá assumir formas muito distintas, criando-se diversas soluções mais ou menos autónomas.

Esta heterogeneidade de abordagens leva a diferentes expressões ou consequências da arquitetura no espaço. Existem campos que se desenvolvem de forma espontânea e outros que apresentam um planeamento formal e consolidado por parte de entidades governamentais ou organizações humanitárias.

KUTUPALONG
BALUKHALI:
auto-construção

A resposta à deslocação forçada de grandes grupos de pessoas nos países de acolhimento pode ser ineficaz, levando a que estas comunidades procurem soluções rápidas e espontâneas. Em casos como em Kutupalong e Balukhali, os refugiados instalaram-se em zonas inabitadas, próximas da fronteira, onde construíram abrigos improvisados.

Estes dois campos integram um dos maiores complexos de acolhimento de refugiados do mundo, situado no Bangladesh. Campanhas de perseguição étnica[18] levaram a um êxodo massivo de refugiados Rohingya para estes campos, que se intensificou a partir de 2017. Sem qualquer orientação formalizada, quem chegava alojava-se em abrigos auto-construídos com recurso a materiais locais.

As estruturas, maioritariamente em bambu, estão instaladas ao longo de uma área extensa, em terrenos irregulares propensos a inundações.[19] Há uma deficiência de sistemas viários e sanitários bem como de redes de serviços, que comprometem a garantia de condições básicas de vida.[20]

---

[16] Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli. p.5.

[17] Como o Sphere Project ou o Handbook for an Emergency da UNHCR.

[18] Better Shelter. (n.d.). Sheltering in camps: Kutupalong and Balukhali camps, Bangladesh. Better Shelter. https://bettershelter.org/sheltering-in-camps-kutupalong-and-balukhali-camps-bangladesh/

[19] Better Shelter. (n.d.). Sheltering in camps: Kutupalong and Balukhali camps, Bangladesh. Better Shelter. https://bettershelter.org/sheltering-in-camps-kutupalong-and-balukhali-camps-bangladesh/

[20] Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (2020, June). Princípios do nada [Programa de televisão]. RTP Play. Episode 2. https://www.rtp.pt/play/p7360/e478434/principes-do-nada

No entanto, as adaptações realizadas pelos habitantes e pelas organizações presentes no terreno revelam uma vontade de desenvolver e melhorar diferentes formas de habitar.

Podem ser identificados gestos deliberados de transformação do ambiente através de manifestações identitárias num processo de exteriorização de um 'eu' no espaço. Como nos explica Langer: *"(…) a arquitetura cria a aparência daquele Mundo que é o contraponto de um Eu."*[21]

De forma improvisada e espontânea constroem-se estruturas que, ao persistirem no tempo, sugerem a passagem a algo mais que um refúgio.

A ocupação e construção informal de assentamentos é um fenómeno que se repete, por todo o mundo e que toma diversas formas. Desde as *shantytowns,*[22] ou os bairros de lata, até a campos de refugiados, muitos destes modelos acabam mais tarde por se consolidar em estruturas formalizadas.

CALAIS: da cidade espontânea ao plano rígido

É o caso do campo de Calais, onde o desenho do campo foi materializado pelas mãos de quem nele procurava abrigo, sendo mais tarde revisto e reconstruído sobre o controlo do governo francês.

Desmantelado em 2016 no contexto da implementação de políticas de gestão e controlo da migração na região, o campo de Calais, era o local de passagem de milhares de migrantes. De diversas origens, as pessoas instalavam-se nesta localidade do norte francês, enquanto aguardavam autorização, ou uma oportunidade informal, de entrada no Reino Unido.

Em 2015, havia uma prevalência de estruturas e abrigos auto-construídos, chamando a atenção não só dos meios de comunicação social, mas também de arquitetos que se deslocaram a Calais para mapear, documentar e construir, explorando potenciais melhorias no campo.[23] O campo funcionava sem um planeamento ou intervenção externa formalizada. Não se exclui, contudo, que a arquitetura estivesse presente sob a forma de apropriação do espaço.

Os residentes da *Calais Jungle* reconstruíram de forma provisória as suas vidas, transformando uma área florestal inabitada naquilo que Léopold Lambert denomina de *self-built city.*[24]

Existia restaurantes, cinemas, discotecas, espaços de convívio, escolas, estabelecimentos de cuidados de saúde, bem como zonas associadas a diferentes comunidades e culturas. O espaço foi adaptado às necessidades dos que por ele passaram, mantendo-se o caráter transitório pela procura permanentemente por qualquer forma de saída.

---

[21] Langer, S. K. (1953). Feeling and form: A theory of art developed from Philosophy in a New Key. New York, NY: Charles Scribner's Sons. p.98.

[22] S*hanty towns* são frequentemente designadas por assentamentos clandestinos (*squatter settlements*), bairros de lata (*slums*), assentamentos informais e/ou assentamentos não planeados. Segundo a UN-Habitat, uma *shanty town* é um assentamento ilegal ou não autorizado, caracterizado por habitações substandard construídas com folhas de plástico, chapas metálicas onduladas ou caixas de cartão e ocupadas por populações empobrecidas sem garantia e segurança e posse da propriedade.

[23] Failed Architecture. (2024, 15 Maio). #06 Architects in Calais: On border systems and self-built cities [Episódio de podcast]. Em Failed Architecture Podcast. Spotify. https://open.spotify.com/episode/4ZW36tDb00er5m0gmO8RdZ?si=f7672364132441b3

[24] Lambert, Léopold in Failed Architecture. (2024, 15 Maio). #06 Architects in Calais: On border systems and self-built cities [Episódio de podcast]. Em Failed Architecture Podcast. Spotify. https://open.spotify.com/episode/4ZW36tDb00er5m0gmO8RdZ?si=f7672364132441b3







Fig. 1
(esquerda superior)
Grupo de homens aguarda em frente a abrigo construído em bambu e lonas da OIM (organização Internacional para as Migrações.
Campo de Kutupalong, 2020

Fig. 2
(direita superior)
Vias em terra batida entre habitações improvisadas em bambu e lonas.
Campo de Kutupalong, 2020

Fig. 3
(direita inferior)
Crianças tomam banho em fonte de água comunitária. Os refugiados têm acesso a menos de 20L de água por dia, abaixo do valor mínimo estipulado pela ONU.
Campo de Kutupalong, 2020







Fig. 4
(esquerda superior)
Homem corta o cabelo numa barbearia afegã em Calais construída sobre paletas de transporte e com estrutura em madeira coberta por lonas.
A entrada é marcada por uma porta que contrasta com o restante abrigo.
Calais, 2015.

Fig. 5
(esquerda meio)
Inúmeros incêndios deflagram no campo de Calais.
Mais de 4.000 migrantes tiveram de ser realojados.
Calais, 2016.



Fig. 6
(esquerda inferior)
Vista aérea do campo de Calais permite identificar os novos abrigos, contentores, onde os migrantes vivem.
No exterior encontram-se ainda tendas de emergência. Calais, 2016

Fig. 7
(direita)
Homem caminha em frente a abrigos construídos em lonas estruturas de madeira, sobre terreno enlameado.
Calais, 2016

Em 2016 o campo apresentava sinais de degradação das condições materiais, sanitárias e de segurança, agravados pela sobrelotação. Aquando do seu desmantelamento, foram ateados incêndios que destruíam todas as estruturas existentes. Ainda que não tenham sido apuradas as causas, acredita-se poder ter-se tratado de uma forma de protesto por parte dos residentes, ou ainda de uma forma de expressão através de tradições culturais relacionadas com o abandono do lar.[25]

"Não era certo quem começou os fogos no campo, no entanto, os correspondentes dizem poder ter sido o último ato de resistência dos migrantes."[26]

Posteriormente, o governo francês construiu um novo dispositivo de acolhimento nesta área. Foi planeado um espaço que apresenta um desenho rígido, com uma disposição estruturada e homogeneizada, utilizando contentores para as novas unidades habitacionais.[27]

O planeamento do novo campo de Calais permite um controlo rigoroso das entradas e saídas de refugiados e deslocados, evidenciando como a organização do espaço pode também funcionar como instrumento de regulação e monitorização do fluxo migratório no Canal da Mancha.

Entre a auto-construção e o planeamento e intervenção estruturada, existem ainda modelos de atuação híbridos, que são consequência de um conjunto de fatores muitas vezes imprevisíveis. A forma como percepcionamos a arquitetura nestes espaços difere de campo para campo, exigindo um estudo específico para cada caso.

PENSAR O ABRIGO

Além destas abordagens, a disciplina da arquitetura também pode observar os campos como matéria de trabalho, desenvolvendo propostas e documentos que visam promover melhores condições de habitabilidade e planeamento. Existe uma grande diversidade de projetos elaborados a partir de um maior envolvimento da arquitetura nestas áreas. Algumas destas soluções chegam a ser testadas e implementadas em diferentes geografias e crises humanitárias.

Um exemplo relevante é a colaboração entre a IKEA e a UNHCR que originou o desenho do *Better Shelter*, um abrigo modular concebido para oferecer maior durabilidade, facilidade de montagem e melhores condições de proteção face a outras tendas de emergência.[28] A equipa contou com designers e arquitetos e o projeto foi premiado com o Beazley Design of the Year em 2016. Esta solução já foi utilizada em cerca de 90 países, com avaliações positivas por parte das organizações e residentes,[29] estando também sujeita a adaptações e limitações conforme as condições locais.

---

[25] BBC News. (2016, 26 de outubro). Calais 'Jungle': Fires rage across migrant camp. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-europe-37771889

[26] BBC News. (2016, 26 de outubro). Calais 'Jungle': Fires rage across migrant camp. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-europe-37771889

[27] Lambert, Léopold in Failed Architecture. (2024, 15 Maio). #06 Architects in Calais: On border systems and self-built cities [Episódio de podcast]. Em Failed Architecture Podcast. Spotify. https://open.spotify.com/episode/4ZW36tDb00er5m0gmO8RdZ?si=f7672364132441b3

[28] IKEA Foundation. (2016). Flat-pack refugee shelter wins design of the year 2016. IKEA Foundation. https://ikeafoundation.org/stories/flat-pack-refugee-shelter-wins-design-of-the-year-2016/

[29] Wainwright, O. (2017, January 27). Why Ikea's flatpack refugee shelter won design of the year. The Guardian. https://www.theguardian.com/artanddesign/2017/jan/27/why-ikea-flatpack-refugee-shelter-won-design-of-the-year





Fig. 8
(esquerda superior)
Hassan e filho vivem num abrigo temporário (até 10 anos) da BetterShelter no campo de refugiados de Chad.
Chad, 2024

Fig. 9
(direita superior)
Transporte animal de caixa que contém um abrigo da BetterShelter, desenvolvida pela IKEA em colaboração com a UNHCR.
Marrocos, 2024



Fig. 10
(esquerda inferior)
Abrigo da BetterShelter é montado no terreno.
São precisas cerca de 4 a 6 horas (4 pessoas) para a montagem completa.
Gaza, 2026





Fig. 11
(esquerda)
primeiro abrigo desenvolvido com o sistema Paper Tubes de Shigeru Ban
Kobe, Japão, 1995

Fig. 12
(direita cima)
Pavilhão Desportivo Geral de Yatsushiro disposição em compartimentos, garantindo privacidade
Prefeitura de Kumamoto, Japão, 2020



Fig. 13
(direita inferior)
Paper Emergency Shelters para a UNHCR.
Sistema utilizado como estrutura do abrigo.
Rwanda, 1999



Fig. 14
'Camps in camps': tenda em betão, manifesto de Sandi Hilal e Alessandro Petti
Palestina, 2013

Soluções alternativas, com recurso a materiais leves, reutilizáveis e de menor impacto ambiental também fazem parte do leque de respostas arquitetónicas desenvolvidas para atender às necessidades das comunidades dos campos.

O arquiteto Shigeru Ban, por exemplo, desenvolveu um sistema construtivo utilizando tubos em papel para a criação de abrigos de emergência. Desenhadas no Japão como resposta a situações de catástrofes natural, as *Paper Tube Structures*[30] oferecem uma grande versatilidade na disposição dos abrigos.

A leveza do material facilita o manuseamento, o transporte e a montagem em contextos de emergência. Estes sistemas podem assumir diferentes formas: desde abrigos até estruturas de compartimentação interior em pavilhões de acolhimento. Estas unidades foram uma das primeiras experiências desenvolvidas pelo escritório neste contexto, após o terramoto de Kobe, e exploram esta lógica construtiva.

"Os critérios de projeto para as habitações temporárias destinadas às vítimas do terramoto de Kobe exigiam uma estrutura económica, que pudesse ser construída por qualquer pessoa, com isolamento satisfatório e uma aparência aceitável, sendo também fácil de desmontar e reciclar posteriormente.

A solução consistiu numa espécie de cabana tipo log-house, com fundações feitas de grades de cerveja cheias de areia, paredes em tubos de papel e uma cobertura e teto realizados com membranas de tenda."[31]

Paralelamente aos desenvolvimentos feitos em torno da forma do abrigo, é necessário o estudo das diferentes crises a partir de uma abordagem etnográfica, permitindo identificar problemas e necessidades de cada comunidade, para a criação uma base de trabalho que permita informar uma qualquer resposta arquitetónica.

Esta necessidade de adequação cultural e territorial é descrita por Norberg-Schulz através do conceito do *ter-lugar.*

"O 'ter lugar' (taking place') é geralmente entendido num sentido quantitativo, 'funcional' (…). Mas não serão as 'funções' inter-humanas semelhantes em todo o lado? Evidentemente que não. Funções 'semelhantes', mesmo as mais básicas, como dormir e comer, 'têm lugar' de formas muito distintas e exigem espaços com propriedades diferentes, de acordo com diferentes tradições culturais e condições ambientais. A abordagem funcional deixou, assim, de fora o lugar concreto, o 'aqui', com a sua identidade particular."[32]

A ausência de uma organização social e política é uma das falhas dos campos de refugiados, com consequências inevitavelmente espaciais.

---

[30] Shigeru Ban Architects. (n.d.). Paper Log House – Kobe. https://shigerubanarchitects.com/works/paper-tubes/paper-log-house-kobe/

[31] Shigeru Ban Architects. (n.d.). Paper Log House – Kobe. https://shigerubanarchitects.com/works/paper-tubes/paper-log-house-kobe/

[32] Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli. p.8.

"O campo, na verdade, exclui através da inclusão. Marca a degradação de um sistema organizado político convencional. É uma tentativa desesperada de preservar uma ordem política ultrapassada através da construção de um espaço em suspensão onde estão confinados todos aqueles 'que não pertencem'."[33]

A procura por um espaço comum de pertença concretiza-se em projetos como o de Sandi Hilal e Alessandro Petti projetaram o *Campus in Camps,*[34] em Dheisheh, na Palestina, Desenvolvido com a participação dos refugiados do campo de Dheisheh, foi criado um espaço cultural, educativo e político de ação coletiva.

A estrutura construída reinterpreta a tipologia de uma tenda de emergência através da sua construção em betão armado, material duradouro que contrasta com com a temporalidade associada à tenda de emergência. Assume-se como um manifesto e provocação à atual situação dos campos de refugiados.

É uma crítica ao prolongamento do tempo nestes espaços.

(Os campos) "são formas efémeras de arquitetura, não foram construídas para durar (…) O excepcional prolongamento da efemeridade dos campos de refugiados, pode paradoxalmente criar condições para a sua transformação: desde um espaço puramente humanitário para um espaço de ação política, de envolvimento e de expressão do direito ao retorno."[35]

[33] Petti, A. (2013, 11 de junho). Architecture of exile. Campus in Camps. https://www.campusincamps.ps/about/

[34] Petti, A. (2013, 11 de junho). Architecture of exile. Campus in Camps. https://www.campusincamps.ps/about/

[35] Petti, A. (2013, 11 de junho). Architecture of exile. Campus in Camps. https://www.campusincamps.ps/about/

0.3 OBJETIVOS E METODOLOGIA

"Ser humano é viver num mundo composto por lugares com valor simbólico: ser humano é ter e conhecer o seu lugar."[36]

Compreender o lugar da arquitetura num campo de refugiados implica identificar as questões associadas às diversas formas de habitar estes espaços.

O ponto de partida deste trabalho reside em perceber por que razão os campos de refugiados perderam o seu caráter transitório, tornando-se espaços de permanência, e quais as consequências que advêm desta transformação. Enquadrar-se-á este tema no campo da arquitetura respondendo à pergunta: existe arquitetura num campo de refugiados? Refletindo sobre a forma como este debate disciplinar tem sido frequentemente secundarizado nestes contextos.

Pretende-se entender as razões da perenidade do abrigo e os problemas arquitetónicos associados à estadia prolongada em campos de refugiados.

Um distanciamento que não é apenas geográfico, mas também no acesso à informação e aos registos disponíveis, pode representar um desafio à análise rigorosa e aprofundada destas realidades. Existe, no entanto, uma ampla diversidade de fontes que irão permitir reduzir este afastamento inerente.

Numa primeira fase, serão revistos conceitos que estão na base da definição da arquitetura, identificando temas essenciais para o desenvolvimento da problemática. Nomeadamente, da distinção entre um *espaço* e um *lugar*, abordadas por exemplo por Norberg-Schulz[37] em *Genius Loci* ou Heidegger[38] em *Being and Time*, expondo a necessária relação do ser humano com a sua envolvente para uma existência plena. Narrativa que em muito se aproxima da de Yi-Fu Tuan, geógrafo que se debate também com esta terminologia.

"There is no place like home."[39]

Tuan remete para a dimensão de identidade associada ao conceito de lugar defendendo ainda que "*espaço é transformado em lugar quando adquire definição ou significado."*[40]

Poder-se-á considerar um campo de refugiados apenas um *espaço,* ou também um *lugar*? De que modo as práticas existentes contribuem para a construção de *lugares* dentro do campo? O que pode ser feito em novas situações de emergência?

Surgiram dentro dos campos novas formas de habitar e de apropriar o espaço, transformando-o e adaptando-o às necessidades de quem neles vive. Retomando a interrogação anterior, importa identificar se estas ações deliberadas e espaciais devem ser entendidas como formas de produção arquitetónica e de que forma podem indiciar modelos para o seu planeamento.

---

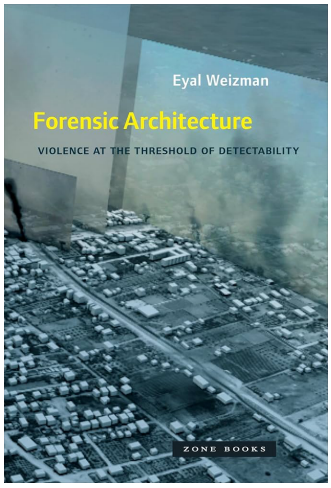
[36] Relph, E. (1976). Place and placelessness. Pion Limited. p.1.

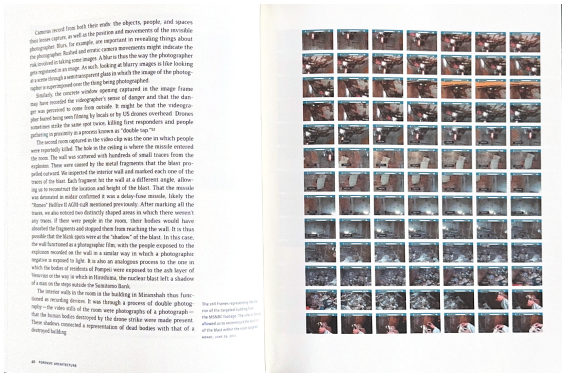
[37] Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli.

[38] Heidegger, M. (1962). Being and time (J. Macquarrie & E. Robinson, Trans.). Blackwell Publishers Ltd.

[39] Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. University of Minnesota Press. p.3.

[40] Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. University of Minnesota Press. p.136.





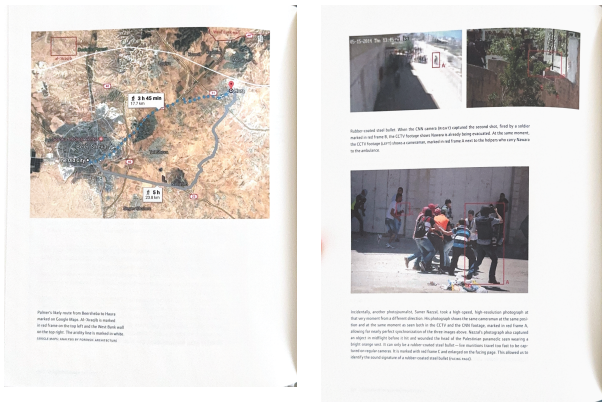


Fig. 15
Weizman, E.
Forensic architecture: Violence at the threshold of detectability. Weizman, E., 2017



Para uma análise mais precisa e próxima da realidade serão apresentados três casos de estudo. A sua relevância advém das diferenças tipológicas e dimensionais que apresentam entre si, mas também dos aspetos que os aproximam. Nos exemplos em análise, dois resultam da mesma crise migratória associada à guerra na Síria e os três enfrentam desafios ambientais semelhantes por se localizarem no Médio Oriente. O contexto geográfico é também relevante, uma vez que esta é uma das zonas do mundo de maior instabilidade e permanência de conflitos armados, levando à ocorrência de massivas deslocações populacionais forçadas, intensificadas nos últimos 50 anos.[41]

Para além disso, trata-se de campos amplamente documentados, atenuando algumas limitações que poderiam distanciar este estudo dos contextos reais. Ao longo de décadas, têm sido estudados e materializados em investigações, documentários e relatórios, facilitando assim a sua análise. Não obstante, persistirá um afastamento inevitável pela impossibilidade de um reconhecimento presencial e direto destes espaços. Esta limitação implica a construção de uma aproximação baseada no cruzamento de diferentes fontes, como registos audiovisuais e fotográficos, ferramentas de cartografia digital e testemunhos recolhidos no terreno e presentes em fontes secundárias. A abordagem desenvolvida pela Forensic Architecture, sistematizada por Eyal Weizman em *Forensic Architecture: Violence at the Threshold of Detectability*[42], constitui uma referência metodológica para esta aproximação, particularmente na utilização articulada de diferentes formas de evidência para reconstruir espacial e temporalmente realidades que não podem ser diretamente observadas. A partir desta lógica, os casos de estudo são informados pelo cruzamento da informação de todas estas fontes, procurando relacionar a configuração espacial dos campos com os processos de transformação, adaptação e apropriação que neles ocorreram.

O primeiro caso analisado é o campo de Baqa'a, na Jordânia. Aberto em 1968, na sequência da crise migratória causada pela Guerra dos Seis Dias árabe-israelita, este campo é o maior da Jordânia e também aquele que refugia o maior número de refugiados palestinianos.[43] A população residente atualmente é de cerca de 130 mil pessoas[44] e apesar de ser um campo que conta já com mais de 50 anos em funcionamento é o segundo mais pobre de toda a Jordânia.[45] Aqui as tendas deram lugar a estruturas permanentes e consolidadas. Com o prolongar do tempo no campo, também os abrigos adquiriram um caráter progressivamente definitivo. Apesar do planeamento inicial,[46] a grelha habitada tomou uma nova forma, moldada pelas vidas e necessidades de quem aqui reside.

O segundo campo em estudo é o de Domiz, aberto em 2012, no Iraque, como resposta à crescente crise de deslocação forçada causada pela guerra na Síria. Este campo, inicialmente planeado para um número relativamente reduzido de pessoas, viu a sua capacidade largamente

---

41 UNHCR. (2024). Global appeal 2024: Middle East and North Africa. https://reporting.unhcr.org/global-appeal-2024/middle-east-and-north-africa

42 Weizman, E. (2017). Forensic architecture: Violence at the threshold of detectability. Zone Books.

43 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). *Baqa'a Camp*.UNRWA. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp

44 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). *Baqa'a Camp*.UNRWA. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp

45 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). *Baqa'a Camp*.UNRWA. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp

46 Palestine Question (PalQuest). (n.d.). *Baqa' refugee camp.* Institute for Palestine Studies. https://www.palquest.org/en/highlight/37438/baqa'-refugee-camp

ultrapassada num curto espaço de tempo, obrigando a uma rápida adaptação, não só das organizações no terreno, mas também dos próprios refugiados. Hoje, mais de 10 anos depois, este campo cresceu e adaptou-se. A sua morfologia, ainda que informal e resultante de sucessivas adaptações, aproxima-se da de um centro urbano.[47]

O último caso de estudo apresentado é o Campo de Azraq, na Jordânia, pensado desde o início como resposta a uma crise migratória que se previa duradoura. Este campo veio responder à mesma emergência do campo de Domiz, mas aparece numa fase mais tardia, tendo sido integradas, no seu planeamento, aprendizagens que visavam ultrapassar os erros cometidos anteriormente.

Apresenta uma planta rígida e estruturas concebidas especificamente para aquele lugar, bem como um sistema de segurança muito mais rigoroso do que os campos que o antecedem.

Este último aspeto resulta num maior controlo por parte da direção do campo.[48] Em Azraq os refugiados dispõem de uma margem muito reduzida para alteração das estruturas existentes.

Atualmente, o campo conta já com mais de uma década de existência sem que tenha sofrido grandes alterações. Os recursos são extremamente limitados e o financiamento tem vindo a sofrer sucessivos cortes, com um impacto direto na vida dos residentes.[49]

Os três casos, apesar da proximidade geográfica, ilustram três formas distintas de abordagem e de evolução de um campo de refugiados. A sua relevância, e razão para terem sido selecionados, advém também da sua aproximação cultural e circunstancial, tornando mais fácil a sua comparação e análise. Arquitetonicamente são representativos de formas de planeamento e de permanência no tempo díspares, ainda que os problemas que se colocam sejam muitas vezes transversais, permitindo estabelecer relações e comparações na proposta de soluções.

Procura-se elaborar um estudo de base etnográfica sobre a evolução dos campos para que se possa problematizar e enquadrar as falhas espaciais e sociais que apresentam, dentro da esfera da disciplina da arquitetura. A análise destes três casos de estudo resulta numa última fase do trabalho onde são identificadas e propostas soluções para as questões anteriormente levantadas.

Da análise dos casos de estudo e da investigação que os antecede é possível identificar diversas formas de atuação e soluções que podem ser consideradas para contornar as consequências do prolongar da situação de deslocação forçada.

Num primeiro momento, pretende-se compreender de que forma os campos de refugiados se podem ou não adaptar à conjuntura atual, e qual o papel da arquitetura como parte da sua transformação. Com base nos três campos apresentados identificar-se-á alterações e intervenções que tenham sido realizadas e a sua relevância e eficácia. Nesta primeira abordagem torna-se importante compreender se poderá fazer sentido uma intervenção informada e orientada, baseada em conhecimentos da disciplina da arquitetura, introduzindo novas formas de pensar e de organização do desenho dos campos.

---

[47] UNHCR, DMCR, & BCF. (2024). Perfil do campo de refugiados Domiz 1: Dezembro de 2024. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR).

[48] BBC News. (2014). Azraq: How a refugee camp is built from scratch. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-middle-east-27205291

[49] Danish Refugee Council (DRC). (n.d.). *Azraq refugee camp*. Danish Refugee Council. https://drc.ngo/11483

É importante relembrar algumas das narrativas que acompanharam a investigação inicial desta dissertação. Problematizar sobre a permanência nos campos de refugiados implica também reconhecer que a sua existência, a longo prazo, poderá ser posta em causa. Existem já diversas opções que visam o acolhimento e integração definitiva de refugiados e que, por isso, se apresentam como soluções que procuram oferecer condições mais dignas face a estas crises e ao crescente problema da permanência. Também aqui importa compreender como pode a arquitetura contribuir para uma estratégia aplicável a diferentes realidades e culturas. Uma vez que algumas das conclusões deste estudo apontam nesta direção, pretende-se procurar alternativas aos campos, frequentemente incapazes de responder à permanência prolongada.

Por último propõe-se uma revisão dos modelos existentes. Explora-se a criação de um sistema que se possa adaptar ao tempo, ao espaço e às diferentes formas de habitar. Aqui entra a dimensão projetual e de planeamento da arquitetura, na procura de um desenho capaz de integrar flexibilidade, adaptação e apropriação do espaço ao longo do tempo.

Procura-se, com esta dissertação, compreender de que forma a arquitetura pode responder à permanência e à transformação dos campos de refugiados, explorando modelos capazes de acompanhar a evolução das necessidades, dos modos de habitar e das circunstâncias na origem destas questões. Pretende-se com este estudo contribuir para uma mudança na forma de pensar e desenhar estes espaços, reconhecendo o tempo e a capacidade de adaptação como elementos fundamentais de projeto.

1.0 DA EMERGÊNCIA À PERMANÊNCIA

1.1 ESPAÇO DE TRANSIÇÃO

"O tempo de vida de campos de refugiados, por todo o mundo, é medido, muitas vezes, em anos ou décadas. No entanto, a construção dos campos para acolher pessoas que fogem de violência política é muitas vezes enquadrada como uma emergência medida com uma duração limitada."50

Um campo de refugiados é, na sua génese, uma estrutura temporária.[51] É uma solução adotada pelas entidades de acolhimento, sejam elas organizações humanitárias, governos ou até pelos próprios refugiados, que visa suprimir necessidades básicas num curto espaço de tempo, após uma determinada situação de crise. São efémeros, até deixarem de o ser.

Na prática, conforme tem sido descrito, os campos tornaram-se, gradualmente e por todo o mundo, espaços de permanência. Apesar de existirem alternativas ao alojamento de refugiados nos países onde procuram asilo, esta dualidade é reforçada pela constante escolha dos campos como resposta por parte dos governos e organizações no terreno. Representam uma *"(…) medida transitória até ser encontrada uma solução a longo termo."*[52]

Com o prolongar da sua existência e funcionamento, normalmente por décadas, esta abordagem entra em falência. As estruturas de emergência planeadas não estão preparadas para uma durabilidade acima dos 10 anos.[53] A permanência no espaço e tempo dos campos de refugiados, para Hilal e Petti *"(…) representa um crime e uma falha política"*.[54]

Milhões de pessoas vivem em permanência neste limbo entre a fuga e a transição para uma situação de segurança e estabilidade. A maioria não conhece, ou irá alguma vez conhecer outra realidade, outra *casa*. Alguns deixaram as que tinham, impossibilitados de regressar, outros já nasceram nos campos. Lentamente os abrigos e as tendas tornam-se algo mais que um refúgio e a emergência dá lugar à permanência.

"O espaço não se encontra no sujeito, nem o sujeito observa o mundo 'como se' esse mundo estivesse num espaço, mas o 'sujeito' (Dasein-'Ser-num-lugar/Ser-no mundo), se bem compreendido ontologicamente, é, ele próprio espacial."[55]

---

[50] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.371.

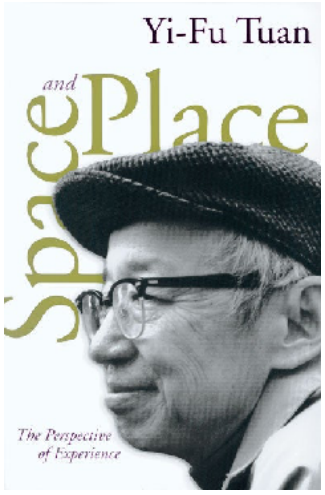
[51] USA for UNHCR. (n.d.). *Refugee facts: Camps.* https://www.unrefugees.org/refugee-facts/camps/ consultado dia 22.04.2025

[52] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.371.

[53] UNHCR. (2016). Shelter design catalogue. United Nations High Commissioner for Refugees.

[54] Hilal, S., & Petti, A. (2018). Permanent temporariness. Art and Theory Publishing. p.201.

[55] Heidegger, M. (1962). *Being and time* (J. Macquarrie & E. Robinson, Trans.). Blackwell Publishers Ltd. p.146.



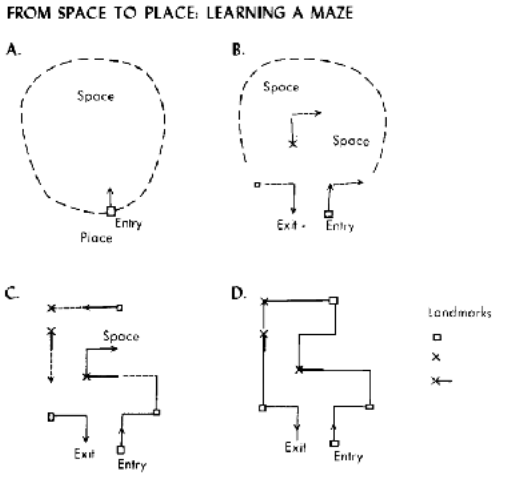


Figure 5. From space to place: learning a maze. At first only the point of entry is clearly recognized; beyond lies space (A). In time more and more landmarks are identified and the subject gains confidence in movement (B, C). Finally space consists of familiar landmarks and paths—in other words, place (D).

Fig. 17 I 18
"De espaço a lugar: aprender um labirinto; algures fica o espaço (A). Com o tempo, cada vez mais pontos de referência são identificáveis e o sujeito ganha confiança no movimento (BC). Finalmente espaço consiste em referências e caminhos familiares- em outras palavras, lugar (D)
Space and Place de Yi-Fu Tuan, 1977

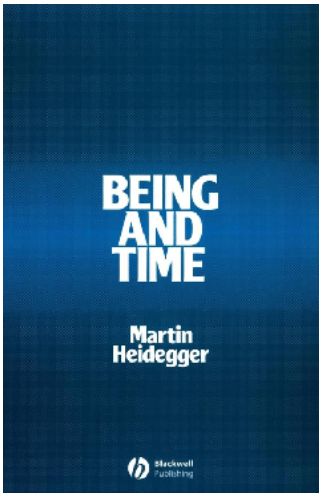
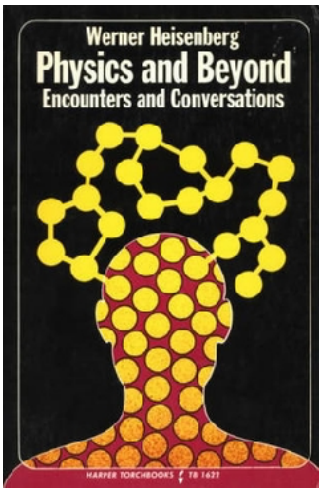


Fig. 19
Being and Time, Heidegger, M., 1927



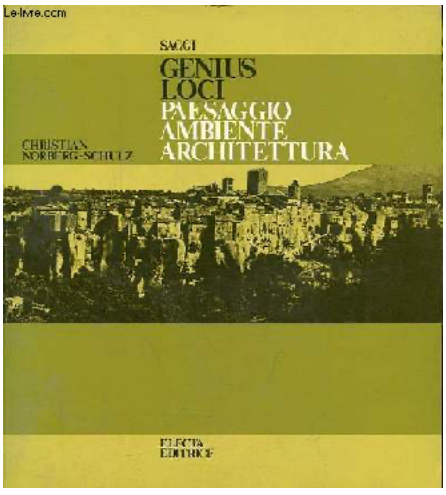


Fig. 20
(esquerda)
Physics and Beyond Encounters and Conversations, Heisenberg, W., 1969

Fig. 21
Genius Loci
Christian Norberg-Schulz, 1979

O LUGAR E O *EU*

Heidegger sugere que a ausência de uma ligação entre a pessoa e o espaço compromete a possibilidade de existir de forma completa e humana.

A fuga forçada do lar gera também uma perda de identidade. É o abandono de um lugar com o qual foi criado um vínculo que transcende a dimensão literal. Num *lugar* imprimem-se marcas identitárias e, conforme explica Heidegger, cria-se uma extensão do *eu*. Os campos de refugiados são espaços de abrigo imediato que, pela natureza de emergência e pragmatismo, alienam aqueles que neles procuram refúgio.

Existe uma distinção que opõe *casa* e *abrigo*. *Casa* está associada a um conjunto de memórias, de construções sociais e culturais que definem o espaço. Ao contrário do abrigo temporário, *casa* representa um *lugar* de pertença.

"Devemos repetir contudo, que 'lugar' representa mais do que uma localização."[56] Norberg Schulz acrescenta ainda que *"(…) quando olhamos para a estrutura de um lugar, não percebemos só muros, ruas ou edifícios isolados. Percebemos todo o ambiente, a soma integrada de espaços (onde nos movemos e vivemos) e de caráter (a identidade, o ambiente e a sensação que o lugar transmite)."*[57]

O espaço, em contrapartida, é definido por uma relação de posição física e literal do corpo com a envolvente. *"As ideias de espaço e lugar requerem-se mutuamente para que se definam. Desde a segurança e estabilidade de um lugar conseguimos percepcionar a grandeza, liberdade e ameaça do espaço, e vice-versa."*[58]

O que é o *lugar*? O que atribui identidade ao *lugar?* São questões discutidas para além da disciplina da arquitetura. Niels Bohr e Werner Heisenberg, dois físicos envolvidos nos programas nucleares da Segunda Guerra Mundial debateram-se com esta distinção aquando de uma visita ao Castelo de Hamlet. Bohr diz a Niels:

"Não é estranho como este castelo se transforma assim que imaginamos que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo é apenas constituído por pedras e admiramos a forma como o arquiteto as dispôs. As pedras, o telhado verde coberto pela pátina do tempo, os entalhes em madeira da igreja, constituem a totalidade do castelo. Nada disto deveria ser alterado pelo facto de Hamlet ter vivido aqui e, no entanto, tudo se transforma por completo.

Subitamente, as muralhas e os baluartes passam a falar uma linguagem completamente diferente. O pátio torna-se um mundo inteiro, um canto escuro recorda-nos a escuridão da alma humana e ouvimos o "Ser ou não ser" de Hamlet. (…) Ninguém consegue provar que ele existiu de facto, muito menos que viveu aqui.

Mas todos conhecem as questões que Shakespeare o levou a colocar, a profundidade humana que lhe deu a revelar e, por isso, também ele teve de encontrar um lugar na Terra, aqui, em Kronborg. E, uma vez que sabemos isso, Kronborg torna-se, para nós, um castelo completamente diferente."[59]

---

[56] Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli. p.5.

[57] Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli. p.5.

[58] Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. University of Minnesota Press. p.12.

[59] Heisenberg, W. (1971). Physics and beyond: Encounters and conversations. Harper & Row. p.51.

Sugere-se que um lugar não se define apenas pela sua configuração física, mas também pelas experiências que lhe conferem significado. É esta capacidade de acumular sentidos e traços identitários, que se distingue o *lugar* de um *espaço*. Nos campos de refugiados esta transição é dificultada pela condição temporária imposta à sua existência. Rejeitar esta dicotomia é a base da construção da narrativa que se propõe nesta dissertação.

Um campo, ainda que planeado como resposta humanitária, não é necessariamente um espaço humanizado. Numa situação que se prolonga no tempo, estes dispositivos carecem de mecanismos e elementos que permitam a sua apropriação. É necessário um processo de transformação muitas vezes limitado pelas instituições.

O LIMBO DA PERMANÊNCIA

A constante lembrança de que o acolhimento de refugiados representa uma medida de emergência e, por isso, transitória, legitima a adoção do sistema de campos como forma de alojamento preferencial destas pessoas em detrimento de alternativas que poderiam solucionar esta crise a longo prazo.

"Escrever sobre campos para refugiados implica lidar com uma rígida dicotomia entre temporário e permanência. Por diferentes razões, os governos de acolhimento, os doadores internacionais, as organizações humanitárias e os próprios deslocados tendem frequentemente a reforçar esta oposição, sublinhando que o alojamento em campos constitui apenas uma medida provisória até que seja possível encontrar uma solução de longo prazo."[60]

Frequentemente, não é possível prever a duração das crises, nomeadamente com origem em conflitos armados e perseguições. Neste espaço de indeterminação, a opção por campos de refugiados é uma forma de resposta que permite albergar um grande número de pessoas num curto espaço de tempo, ainda que nem sempre se garantam os direitos básicos que o estatuto de refugiados lhes confere.

A resposta a situações de deslocação forçada parece inevitavelmente passar pela existência de campos de refugiados. Os residentes veem-se obrigados a aceitar esta situação, ainda que não se conformem necessariamente com as condições que lhes são disponibilizadas. A vontade de transformar a envolvente à medida das suas necessidades gera ação por parte de quem os habita.

ADAPTAR APESAR DAS REGRAS

De forma improvisada e espontânea formam-se soluções muitas vezes repetidas ou transversais à maioria dos abrigos, numa aproximação àquela que seria a realidade que viviam antes do momento da fuga. Em campos no Médio Oriente, como Zaatari, na Jordânia, estas transformações são notórias. De formas distintas os residentes procuraram, por exemplo, produzir um espaço para receber visitas. Trata-se de um compartimento, separado fisicamente das restantes áreas privadas, onde cada família recebe os convidados, para negócios, assuntos familiares ou outras relações privadas.

"Mesmo que por um breve lapso de tempo, o chá, os doces e os convidados, fazem-nos sentir em casa com eles novamente."[61]

---

[60] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.371.

[61] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.372.

O que se sucede neste campo poderá ser transversal a todas as outras culturas. Independentemente do contexto, existem espaços com características distintas destinadas a diferentes funções, cumprindo normas sócio-culturais.

Existe um arquétipo de *casa*, consequência de um conjunto de práticas e costumes inalienáveis de cada indivíduo. É um sentimento associado à noção de lugar conforme explorada por Yi-Fu Tuan que explica: "(…) *a permanência é um elemento importante na ideia de lugar"* acrescentando *"(…) quando o espaço se torna plenamente familiar, torna-se lugar."*[62]

Nos campos *"(…) os esforços para recriar elementos das suas antigas casas eram praticamente generalizados, manifestando-se de múltiplas formas."*[63] Outras alterações são ainda consequência de determinadas condições da vida nos campos, para conforto térmico ou proteção contra cheias ou outros fenómenos naturais.

Para garantir a integridade dos abrigos e planeamento dos campos, existem normas e diretrizes. *"A provisão de abrigos (…) está sujeita à regulação formulada quer a nível global quer a nível nacional. Existem procedimentos estabelecidos como parte do The Sphere Project*[64] *(2011)."*[65]

Estas indicações podem colidir com as regulamentações de cada país, ou ainda com limitações de materiais, recursos disponíveis e financiamento. Apesar de todos os constrangimentos, a realidade no terreno pode ser mais fluida do que aquela prevista nas diretrizes.

Por exemplo, em Zaatari, após pedidos e negociações com os residentes, abandonou-se o modelo de cozinhas e sanitários comuns planeados inicialmente, tendo sido facultados equipamentos privados em cada abrigo.

Existe uma certa indefinição sobre o que pode ou não ser alterado ou construído nos campos. O controlo que é feito nem sempre corresponde com as normas globalmente definidas. Esta incerteza abre espaço a novas formas e negociações entre os refugiados e a organização do campo. Paralelamente às restrições, regulamentos e políticas aplicadas, existe um processo de *tentativa-erro* por parte dos residentes dos campos. Estes comportamentos podem provocar alterações de planeamento ou de ação por parte dos próprios agentes no terreno.

O habitar estes espaços por um período de tempo além das capacidades previstas leva à transformação do campo, lentamente adaptando-se às pessoas e às suas necessidades e culturas. Os abrigos, a sua disposição e até mesmo o funcionamento do campo, pensados de forma pragmática e generalizada, ganham traços de autorreconhecimento e de identificação cultural e passam a ser a *casa* e *lugar* destas comunidades.

O planeamento e a previsão da necessidade de transformação do campo são determinantes para o desenvolvimento de espaços mais habitáveis e consequentemente mais humanos. Contudo, esta capacidade de adaptação deve ser acompanhada por uma reflexão sobre a própria permanência destes espaços. "*Não há melhorias de abrigos que possam alterar a*

---

[62] Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. University of Minnesota Press. p.73.

[63] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.372

[64] Sphere Project. (2011). Humanitarian charter and minimum standards in humanitarian response (3rd ed.). Sphere Project.

[65] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.373

situação de crise crónica"[66] de quem aqui vive. Ainda que as condições de vida nos campos possam ser progressivamente melhoradas, é importante não naturalizar a permanência nestes espaços, reconhecendo a necessidade de procurar alternativas que respondam à situação de deslocação a longo prazo.

"Não devemos confundir normalização e habituação com indiferença: as crises, quando crónicas, podem tornar-se normais, no sentido em que são o mais comum, mas não se podem tornar normais no sentido em que representam a forma como as coisas deveriam ser."[67]

A adaptação do campo constitui, por isso, uma resposta às condições concretas do presente, evidenciando simultaneamente a importância de repensar os próprios modelos de acolhimento.

[66] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.371.

[67] Vigh, H. (Ed.). (2008). Crisis and chronicity: Anthropological perspectives on continuous conflict and decline. University of Pennsylvania Press. p.11.

1.2. CAMPO DE REFUGIADOS: UMA TIPOLOGIA URBANA?

"Não existe um consenso universal sobre a atual conceptualização do espaço de um campo de refugiados. Têm sido descritos como temporários, transitórios, campos-cidade, semi-permanentes, espaços criados 'entre a guerra e a cidade'."[68]

O tempo prolonga-se nos campos de refugiados e, lentamente, formam-se sistemas de organização social com consequências espaciais.

O desenho inicial do campo e dos abrigos eventualmente *"(…) evolui para um tecido urbano e social, uma cidade informal".*[69] As alterações feitas pelos residentes reestruturam o espaço e (re)criam um lugar que se aproxima da sua cultura e das memórias daquela que era a sua casa. É, como vimos, uma forma de se reconhecerem no espaço e de se adaptarem à permanência.

"Os lugares não são apenas o cenário da ação humana, eles próprios constituem uma parte integral dessa ação."[70]

A construção dos lugares também constrói as pessoas que neles habitam. São o somatório de práticas, de memórias e de crenças, que impulsionam também o seu funcionamento.

Assim como num espaço urbano, as normas e relações sociais moldam o campo. Este processo afasta-se da condição de emergência que deveria caracterizar os campos de refugiados, consequência do prolongamento e consolidação destes espaços no tempo. Os residentes tornam-se *"(…) atores autónomos que participam e dão forma à sua envolvente."*[71] São adaptações que vão muito além das necessidades básicas.

Existe uma narrativa, normalmente adotada pelos governos, que entende que a liberdade dos refugiados para executar alterações e melhorias nos campos *"(…) influencia a sua decisão de prolongar a sua estadia."*[72] Algo que, na realidade, não se verifica, mas que acaba por se tornar um fator de limitação e restrição das ações dos residentes. Esta premissa, contrariada pela realidade observada, condiciona também a procura e os estudos para o desenvolvimento de soluções duradouras.

"A vasta maioria dos refugiados quer regressar aos seus países, mas normalmente as suas casas estão fora do alcance devido à constante insegurança."[73]

Por todo o mundo o desenho pragmático e rígido que caracteriza os campos de refugiados repete-se, repetindo-se também as consequentes falhas espaciais e sociais.

---

[68] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

[69] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

[70] Relph, E. (1976). Place and placelessness. Pion Limited. p.2.

[71] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

[72] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

[73] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). Most refugees want to return to their countries, but home is often out of reach… [Post no Facebook]. Facebook. https://www.facebook.com/UNHCR/posts/most-refugees-want-to-return-to-their-countries-but-home-is-often-out-of-reach-d/781984870793936/



Fig. 22
Vida no campo de Baqa'a, abrigos térreos, chão parcialmente pavimentado e com a presença de carros.
Al Baqa'a, Jordânia, 1972



Fig. 23
Ruas do Campo de Domiz, pavimentadas com habitações construídas com diferentes materiais.
É identificável um sistema de rede elétrica
Domiz, Iraque, 2025





Fig. 24
(esquerda)
Vista aérea do campo de Baqa'a.
É possível identificar uma teia semelhante a uma malha urbana, com um sistema viário aparentemente muito desenvolvido.
Grande densidade populacional num espaço bem delineado.
Jordânia, 2025

Fig. 25
(direita)
Vista aérea do campo de Dadaab. Um dos maiores campos do continente Africano.
Densamente povoado, implementado numa área deserta.
Quénia, 2015



Fig. 26
Vista aérea do campo de Zataari.
Verifica-se a utilização de diferentes formas de abrigo que formam uma extensa área habitacional.
Planta ortogonal, com uma via principal mais larga.
Jordânia, 2013

VIVER À MARGEM

O facto dos campos estarem normalmente distantes dos centros urbanos e das povoações é também um ato deliberado e amplamente observado. Permite maior controlo sobre as comunidades de refugiados e afasta-os do resto do mundo. "*As pessoas deslocadas e os refugiados ficam por um tempo alojados fora do nomos, fora da ordem humana comum. A sua experiência é baseada na perda de um lugar geográfico, ao qual estavam associados atributos de identidade, relações e memórias, assim como da ausência de qualquer outro novo espaço social.*"[74]

Um sentimento que é explicado por Hanna Arendt, cujo paralelismo com esta situação é quase literal: "*A experiência do deserto é aquela de completo isolamento - de um homem privado do mundo comum*"[75]. Muitos campos são localizados em territórios periféricos e isolados, separando quem neles vive da realidade do mundo exterior.

Manter os campos junto de fronteiras também não é um acaso. *"Para os governos doadores a manutenção de grandes números de refugiados nos campos junto das nações de residência normal (dos deslocados) é justificada pelo argumento de que isso irá simplificar o seu retorno quando essa fase chegar."*[76]

Existe uma forte dependência dos refugiados face às entidades que administram os campos, perpetuada pelo sistema de controlo *top-down*[77] vigente na maioria dos casos.

"O único estatuto aceitável nos campos, e até decretado, é o de vítima."[78]

Conforme a Convenção de Genebra de 1951, após a Segunda Guerra Mundial, a condição de refugiado define-se como uma pessoa que "(…) *devido a um receio fundado de ser perseguido por razões de raça, religião, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou opinião política, se encontre fora do país da sua nacionalidade e não possa ou, em virtude desse receio, não queira recorrer à proteção desse país*."[79]

CAMPO DE QUEM?

Na mesma convenção foram definidos direitos fundamentais associados à condição de refugiado como: o direito de não ser expulso, à não discriminação, ao trabalho digno, à educação e ainda, com grande relevância para este trabalho, à habitação, à terra e à propriedade.[80] Direitos nem sempre garantidos nos países de acolhimento.

Os refugiados não detêm estatuto de cidadãos, o que se reflete também nas condições sócio-espaciais que lhes são atribuídas. Também por esta razão, apesar das evidentes semelhanças, os campos não possam ser considerados espaços urbanos. Ainda que existam aproximações

---

74 Agier, M. (2008). On the margins of the world: The refugee experience today. Polity Press. p.29.

75 Arendt, H. (1958). *The human condition.* Chicago, IL: University of Chicago Press. p.478.

76 Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.371.

77 top-down: modelo de gestão e tomada de decisão onde a liderança de alto nível define as estratégias e diretrizes globais

78 Agier, M. (2008). On the margins of the world: The refugee experience today. Polity Press. p.49.

79 United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). *The 1951 Refugee Convention.* UNHCR. https://www.unhcr.org/about-unhcr/overview/1951-refugee-convention

80 Artigos 3, 4, 5, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 24, 26, 27, 28, 31 32 United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). *The 1951 Refugee Convention.* UNHCR. https://www.unhcr.org/about-unhcr/overview/1951-refugee-convention

morfológicas e sociais a uma cidade, os campos permanecem espaços de exceção política e de cidadania incompleta.

"O campo é comparável a uma cidade, sem que se concretize como uma. Tudo é potencial, mas nada se desenvolve, sem promessas de uma vida completa."[81]

Cria-se um afastamento marcado entre os refugiados e o *nós*.

Numa realidade em que o temporário e o permanente se confundem, o modelo de campo pragmático e funcional entra em crise. O desenho dos campos inicia um processo de transformação pelas mãos dos próprios habitantes, ganhando novos traços, que se assemelham aos a *cidades informais*[82] ou *autoconstruídas.*[83]

"Os campos transformam-se (…) numa organização mais informal e fluida do que a disposição rígida em grelha, tornando os limites do campo menos evidentes. O tecido urbano dos abrigos adquire uma configuração mais orgânica, respondendo ao desejo das pessoas de permanecer próximas de familiares e amigos."[84]

A procura por um sentimento de pertença e a exteriorização do eu, imprimem no espaço características pessoais, cujo somatório cria uma malha social complexa.

"O desenho atual, que segue uma abordagem funcionalista, deve ser substituído por uma nova abordagem baseada nos princípios de criação de lugares."[85]

A disciplina da arquitetura é chamada a intervir, no desenvolvimento de soluções que tenham em consideração a realidade atual.

---

[81] Agier, M. (2008). On the margins of the world: The refugee experience today. Polity Press. p.12.

[82] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

[83] Lambert, Léopold in Failed Architecture. (2024, 15 Maio). #06 Architects in Calais: On border systems and self-built cities [Episódio de podcast]. Em Failed Architecture Podcast. Spotify. https://open.spotify.com/episode/4ZW36tDb00er5m0gmO8RdZ?si=f7672364132441b3

[84] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

[85] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

CASOS DE ESTUDO



Fig. 27 | 28
Registos de momentos do quotidiano dos residentes no campo de Baqa'a.
Sobreposição de imagem de 1972, sobre uma mais recente, 2020.
Locais distintos, mas que representam circunstâncias semelhantes.
Baqa'a, Jordânia

2.0 ARQUITETURA NUM CAMPO DE REFUGIADOS

2.1 CAMPO DE BAQA'A

Identificação

Caso de estudo: Campo de Baqa'a

Localização: Jordânia

Ano de fundação: 1968

População aproximada: 131.630 pessoas (refugiados registados)[86]

Área: 1.5 km^2

Dados

Planeamento inicial: 5.000 tendas | 26.000 pessoas

Dados atuais: número incerto de habitações auto-construídas | 131.630 pessoas (registados)

Tipologia de abrigo inicial: tendas

Tipologia de abrigo atual: unidades de habitação unifamiliar em alvenaria

Tempo real de permanência: 59 anos

Grau de controlo institucional: gestão pela UNWRA

Média de idades: dados não disponíveis

Número de agregados familiares: dados não disponíveis

Número de abrigos: dados não disponíveis

Dimensão do abrigo: dados não disponíveis

Unidades de cuidados primários de saúde: 2

Escolas: 16

[86] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). Baqa'a Camp. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp



2004



2014



2024

Fig. 29
Conjunto de imagens aéreas da evolução do campo de Baqa'a e zonas circundantes.

ENQUADRAMENTO

O contínuo conflito israelo-palestiniano deu origem a uma crise migratória que se prolongou no tempo, com períodos de intensificação como aquele que se observa na atualidade.[87]

Desde 1948, milhões de palestinianos foram forçados a abandonar os seus territórios, sendo que uma parte permanece ainda hoje em campos de refugiados. A intensificação dos conflitos a partir de 1967, com a Guerra dos Seis Dias, gerou uma grande deslocação da população palestiniana para países vizinhos, levando à construção de seis campos na Jordânia, entre os quais Al Baqa'a, que continua hoje, 59 anos depois, em total funcionamento.[88]

Com o tempo, as tendas deram lugar a estruturas auto-construídas, hoje consolidadas nas *cidades informais*[89] de que fala Rania Aburamadan.

O campo de Baqa'a abriu em 1968 como campo de emergência e o seu planeamento previa 5.000 tendas para uma capacidade de cerca de 26.000 pessoas.[90] Números largamente ultrapassados ao longo do tempo e que levaram à falência da estrutura inicial, que foi gradualmente apropriada pelos residentes até à sua forma atual. O campo de abrigos transformou-se numa grelha de ruas edificadas, com construções heterogéneas, resultado de um crescimento espontâneo.[91]

Por entre os *quarteirões* existem 16 escolas e 2 unidades de saúde geridas pela UNWRA. Existe ainda um número difícil de precisar com rigor, mas elevado, de espaços destinados a serviços e equipamentos comunitários. Hoje, Al-Baqa'a é o maior campo de refugiados na Jordânia, com uma população de mais de 130.000 habitantes.[92] A sua área estende-se por cerca de 1,5 km² e, mais de meio século depois, o espaço com tendas de emergência deu lugar a um denso tecido urbano.

O crescente número de pessoas no campo leva a uma sobrecarga das infraestruturas e à forte pressão na rede de apoio das organizações no terreno. Paralelamente, a taxa de desemprego é de 17%, a segunda mais alta nos campos de refugiados palestinianos, o que agrava as condições já precárias.[93] Os moldes de permissões de trabalho variam conforme cada campo, dependendo das regras que são aplicadas. Em campos onde a circulação para fora do campo é permitida, como acontece em Baqa'a, as pessoas podem deslocar-se às povoações ou cidades mais próximas para trabalhar.

---

[87] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). Baqa'a Camp. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp

[88] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). Baqa'a Camp. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp

[89] Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

[90] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (2023, April). Baqa'a camp profile. https://www.unrwa.org/sites/default/files/baqaa_camp_profile_final_-_april_2023.pdf

[91] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). *The road to Baqa'a* [Vídeo]. UNRWA. https://www.unrwa.org/newsroom/videos/road-baqaa

[92] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (n.d.). *Baqa'a Camp.*UNRWA. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp

[93] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (2023, April). Baqa'a camp profile. https://www.unrwa.org/sites/default/files/baqaa_camp_profile_final_-_april_2023.pdf



Fig. 30
Vista de rua com recurso ao Google Maps.
Limite do campo, fronteira a Norte
Baqa'a, 2023



Fig. 31
Vista de rua com recurso ao Google Maps.
Limite do campo, fronteira a Poente
Baqa'a, 2023



Fig. 32
Vista de rua com recurso ao Google Maps.
Limite do campo, fronteira a Nascente
Baqa'a, 2023



Fig. 33
Vista de rua com recurso ao Google Maps.
Limite do campo, fronteira a Sul
Baqa'a, 2023

Em Al Baqa'a não é mais identificável o campo de emergência, perdeu-se totalmente o caráter provisório e apenas restam traços da planta original das filas de tendas, que são hoje habitações tão consolidadas quanto as vidas das pessoas que residem neste lugar.

ANÁLISE

As primeiras imagens aéreas disponíveis com definição gráfica suficiente para análise remontam a 2004, momento em que o campo já estaria em funcionamento há 36 anos. Destaca-se uma densa mancha construída circunscrita por pequenas vias de circulação e, a poente, uma via principal.

Este campo encontra-se a poucos quilómetros da capital da Jordânia, Amã. Nas imagens da figura 29 verifica-se que esta distância se encurtou pelo crescimento das periferias da cidade até às proximidades de Baqa'a.

Baqa'a apresenta uma malha urbana tendencialmente ortogonal, com um eixo central amplo e restantes ruas mais estreitas. Este desenho manteve-se inalterado nos últimos 20 anos, sendo que registos fotográficos anteriores sugerem que esta disposição poderá ser mais antiga. Em torno do campo é possível identificar campos de cultivo, indicando a existência de atividade agrícola nas proximidades possivelmente para fornecimento de alimentos à comunidade palestiniana.

Foi construído, a partir de 2014, um parque de painéis fotovoltaicos, cuja proximidade sugere uma possível relação com o abastecimento energético da área. Na figura 34 foi feito um levantamento das principais estruturas comunitárias do campo e sua localização.

A mancha que prevalece, marcada com a cor verde, é referente a campos de cultivo e estufas, dentro do campo. Duas segundas manchas maiores, representam os espaços ocupados pelos dois cemitérios do campo. Contrariamente aos restantes casos de estudo, provavelmente pela sua antiguidade, Baqa'a é o único onde se observam cemitérios. A sua existência pode ser uma consequência da permanência prolongada do tempo neste espaço. Atualmente coexistem mais de três gerações neste campo.



"Havia lama da altura dos nossos joelhos. Deram-nos tendas conforme o tamanho das nossas famílias. A tenda era o nosso quarto, sala, cozinha e casa de banho, fazíamos tudo nela.

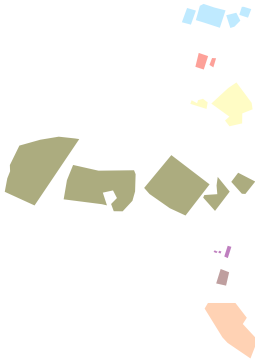
Vim com a minha mulher e dois filhos. (…) Hoje tenho 20 filhos, 10 rapazes e 10 raparigas. Todos casaram e agora tenho 70 ou 80 netos."[94]

Foram marcados também os estabelecimentos de ensino e de investigação, incluindo um hospital universitário e um instituto de investigação agrícola. Estes espaços estão conectados com os principais pontos de cuidados de saúde, a vermelho, pela componente de educação que estes hospitais e clínicas dispõem.

[94] Testemunho de Souleiman Ajjoury, refugiado palestiniano a viver no campo de Baqa'a, United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (2017, May 24). Road to Baqa'a [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=EWCl9JT128A



Fig. 34
Levantamento dos principais espaços de utilização comunitária do campo a partir de registo aéreo.
Baqa'a, 2025



Azul: ensino e investigação

Vermelho: cuidados de saúde

Amarelo: cemitérios

Verde: produção de alimentos

Roxo: oração

Castanho: comercial

Laranja: produção de energia



Fig. 35
Aproximação da vista aérea da cidade de uma zona residencial e comercial, com descrição e identificação de serviços e espaços de lazer ou culturais disponíveis no Google Maps.
Baqa'a, 2025



"Esta fotografia foi tirada na minha casa, depois das tendas montaram-nos barracas. Esta era uma dessas barracas. Tinha uma mesa onde estudava. Depois tornei-me professor e fiquei na UNRWA até me reformar. Agradeço a Deus por ter conseguido construir uma casa."[95]

É possível identificar, a noroeste do campo, uma zona de maior concentração de estruturas de prestação de serviços. De forma dispersa, mas com maior incidência nas vias principais, existem ainda diversos espaços comerciais. Numa posição central, encontram-se ainda os maiores espaços de oração.

Com recurso a outras imagens aéreas, destacando os pontos de interesse disponíveis no Google Earth, é possível perceber que todos os *bairros* dispõem de uma grande variedade de estabelecimentos destinados ao comércio, serviços, cultura ou saúde, como se pode observar na figura 35.

Nas páginas que se seguem, foi feita uma análise com base em registos fotográficos existentes, a fim de poder comparar a realidade das unidades habitacionais que existiam numa fase inicial do campo de Baqa'a, e a atualidade. Uma vez que não foram encontrados quaisquer documentos relativos ao planeamento ou à caracterização dos abrigos desde 1968 até ao dia de hoje, foram adotados outros métodos de análise, com base na informação disponível.

Procuraram-se fotografias com perspectivas semelhantes e que registassem sensivelmente a mesma realidade. Foi por isso possível comparar, de forma mais ou menos fiel, a disposição dos abrigos que alojaram os primeiros refugiados e a atual malha urbana, já consolidada, ainda que em grande parte por construções e arruamentos precários.

O que se observa na figura 36, em 1972, é um terreno lamacento, sem qualquer cuidado ou tratamento, onde foram dispostos dois tipos de abrigos. Os mais resistentes, aparentemente em chapa metálica, parecem dispostos de forma organizada ao longo da colina. Entre eles existem ainda tendas de emergência, montadas sem uma lógica de distribuição imediatamente identificável.

Aquando da fotografia, já teriam passado 4 anos desde a abertura do campo. É possível verificar sinais desta passagem de tempo pela apropriação das áreas exteriores aos abrigos. Há pequenos espaços murados ou construções em torno das habitações marcando, por exemplo, a zona de entrada. Existem estendais improvisados entre abrigos vizinhos que criam separações físicas reorganizando o espaço.

Na imagem seguinte, registada no ano de 2008, não há quaisquer vestígios das estruturas ou disposição iniciais. O terreno enlameado deu lugar a ruas asfaltadas, onde circulam carros e pessoas e onde se realizam mercados e outras atividades culturais. O tempo passou e construiu novas relações sociais e normativas que deram origem ao tecido que hoje forma o campo de Baqa'a. Esta transformação foi forçada pela permanência temporal e espacial de um número progressivamente maior de refugiados palestinos abrigados neste espaço.

---

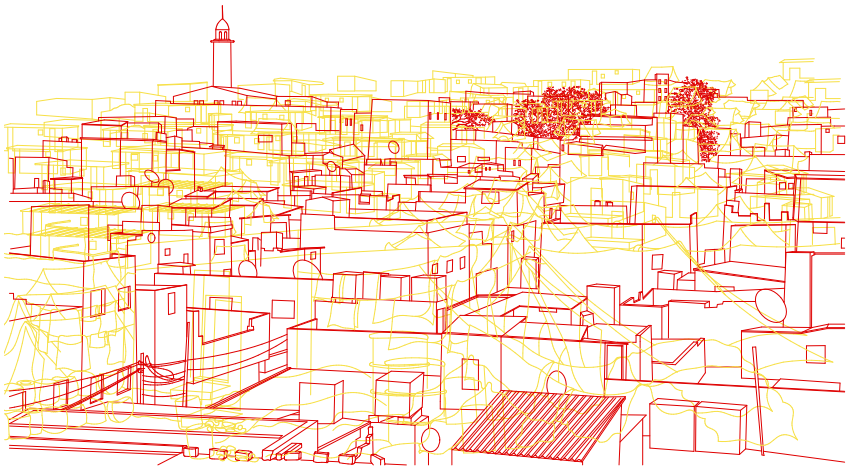
[95] Testemunho de Rubhi Naf'a, refugiado palestiniano a viver no campo de Baqa'a United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (2017, May 24). Road to Baqa'a [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=EWCl9JT128A



Fig. 36
Estudo das alterações feitas pelos refugiados no campo de Baqa'a em 1972. Existem estendais entre abrigos e objetos, como baldes e recipientes de plástico, que marcam a entrada do abrigo, evidenciada ainda por um degrau.



Fig. 37
Estudo das alterações feitas pelos refugiados no campo de Baqa'a em 2008. Existem edifícios consolidados, mesquitas e espaços comuns, vegetação alta (indicativa de uma utilização prolongada do espaço) e ainda antenas parabólicas e estruturas de distribuição de energia elétrica e de Telecomunicações.



Desenho 1
Sobreposição das imagens dos desenhos de vistas do campo de Baqa'a nos anos de 1972 (amarelo) e 2008 (vermelho)

Vermelho-acrescentado/ Alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado

Quando o campo foi aberto, chegaram muitas famílias, tendencialmente com dois ou mais filhos.[96] Também foram recebidas, posteriormente, pessoas que procuravam os seus entes queridos, muitas vezes conseguindo reagrupar-se no campo.

Estes fatores levaram a um crescimento muito acentuado do número de residentes, com famílias cada vez maiores e aumento de chegadas. O número poderá já se ter estabilizado, não existindo no entanto um registo certo de quantas pessoas estarão ao dia de hoje a habitar o campo de Baqa'a. A última atualização foi feita pela UNWRA, associação responsável pela monitorização e apoio da situação dos refugiados vindos da Palestina, e dava conta de pelo menos 131.630 pessoas.



"Ao fugir perdi 2 filhos e não consegui encontrar o meu marido. Encontrei-os muito tempo depois, em Al-Nasr, entre 10 mil pessoas.

(Marido faleceu) - Nunca mais casei, nem que o príncipe me pedisse a mão!"[97]

Não foi encontrado nenhum estudo demográfico que permita perceber o desenvolvimento da população do campo, nem a sua distribuição nas unidades habitacionais. Existem, sim, registos audio-visuais que poderão ser analisados através de ferramentas, como o desenho, a fim de traçar algumas hipóteses que permitam então um estudo da evolução desta comunidade. Com base nas entrevistas analisadas e na evolução do espaço disponível nos abrigos pode-se concluir que o número de residentes em cada abrigo tera aumentado, exigindo alterações na integridade, dimensão e qualidade de cada unidade habitacional.

Foram por isso procuradas imagens que permitissem fazer uma comparação entre habitações atuais e os abrigos que teriam sido disponibilizados no início do funcionamento do campo.

Não tendo sido encontrados nenhum levantamento topográfico ou de outras dimensões de referência, os desenhos foram executados e escalados através de comparações e medidas aproximadas àquela que poderá ser a realidade.

Alguns dos elementos utilizados para este processo foram, por exemplo, a altura de portas, janelas ou de pessoas e alguns objetos presentes nos registos fotográficos. Após a recolha de diversas imagens e comparações entre elas, foram estimadas dimensões que serviram de base aos desenhos produzidos.

A par de uma análise da malha urbana, foi relevante perceber também a evolução das unidades habitacionais, a fim de compreender a ocupação do espaço disponível e transformação no tempo.

Através do estudo de elementos e estruturas presentes nos registos fotográficos, estimou-se que uma tenda, em 1971, teria cerca de 2.15m de altura e 6.15m de comprimento no alçado de acesso ao interior. Ainda nesta primeira fase, é possível observar a utilização deliberada de objetos e materiais improvisados por parte dos residentes como forma de reorganização do espaço. As imagens analisadas demonstram uma vontade de apropriação e adaptação do campo como a demarcação de espaços de entrada, com degraus ou até mesmo pequenos

---

[96] United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (2017, May 24). Road to Baqa'a [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=EWCl9JT128A

[97] Testemunho de Umm-Rubhi, refugiada palestiniana a viver no campo de Baqa'aUnited Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (2017, May 24). Road to Baqa'a [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=EWCl9JT128A

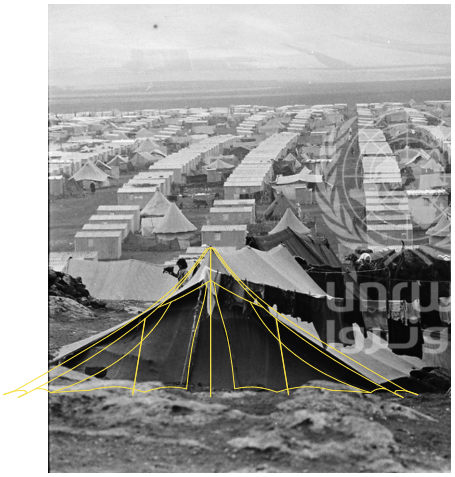


Fig. 38
Análise de registo fotográfico de um abrigo existente no campo de Baqa'a em 1972.
A amarelo foram destacados elementos e estruturas relevantes para o estudo.



Fig. 39
Análise a partir de uma imagem de vista de rua das unidades habitacionais existentes atualmente no do campo de Baqa'a.
A vermelho foram destacados os elementos e estruturas de maior relevância para este estudo.

muretes improvisados, ou ainda barreiras visuais que se criavam com o estender de roupas em cordas que ladeavam os abrigos.

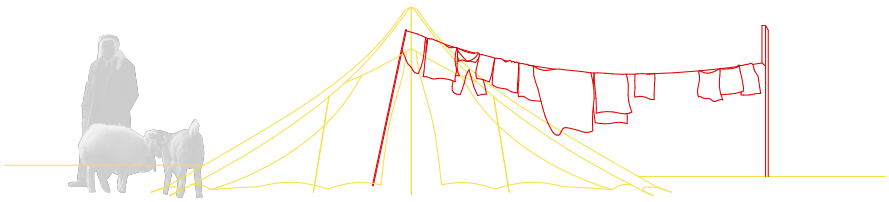
Já nas habitações atuais, construídas com recurso a materiais totalmente distintos dos que estariam disponíveis na fase inicial do campo, existe uma prevalência de edificações com dois ou três pisos, sendo o inferior muitas vezes ocupado por espaços de comércio ou serviços. Apesar da altura de cada edificação ser muito díspar da que se verificava nos abrigos de emergência, poder-se-á concluir que o espaço que ocupam no encontro com a rua não sofreu consideráveis alterações.

Atualmente, um edifício escolhido como referência para este estudo, apresenta o alçado principal com uma dimensão de cerca de 7.8m, medida relativamente próxima daquela que se verificava nas tendas dos primeiros abrigos. O espaço entre cada unidade habitacional também diminuiu, formando pequenos quarteirões que compõem a malha anteriormente mencionada.

Com base nesta análise, conclui-se que o espaço no campo disponível para cada família não terá aumentado de forma substancial, observando-se por isso uma tendência para uma ampliação das habitações de forma vertical, eventualmente numa tentativa de acompanhar o crescimento demográfico que se tem vindo a verificar. Não parece existir um plano universal para a construção das habitações. Ao explorar as imagens e até mesmo a vista de rua disponível na plataforma da Google Maps, verifica-se uma enorme variedade de formas, cores e disposições que apontam para uma auto-construção por parte dos residentes, que terá evoluído conforme os recursos disponíveis. Esta tese é ainda reforçada pela presença de elementos arquitetónicos distintos aplicados numa mesma habitação, como é o caso daquela que será analisada na figura 39, onde as janelas do alçado principal apresentam todas medidas distintas.

Todos os desenhos elaborados foram escalados de forma aproximada, através de medidas estimadas e comparações. As cores utilizadas na sua execução e no estudo dos registos fotográficos foram escolhidas de forma intencional. O amarelo, comumente utilizado na arquitetura para referir elementos a ser demolidos, representa as estruturas inicialmente planeadas. A vermelho, uma cor que por norma define o que irá ser projetado e construído de novo, foram desenhados os elementos existentes hoje no campo, sem que neste caso exista uma coincidência no desenho, uma vez que os abrigos e estruturas iniciais foram totalmente abandonadas.

Definir-se-á por isso, em referência a este sistema, a amarelo tudo o que fizer referência ao desenho antigo do campo, e a vermelho tudo o que tiver sido construído posteriormente (de uma forma geral, pelos próprios refugiados).



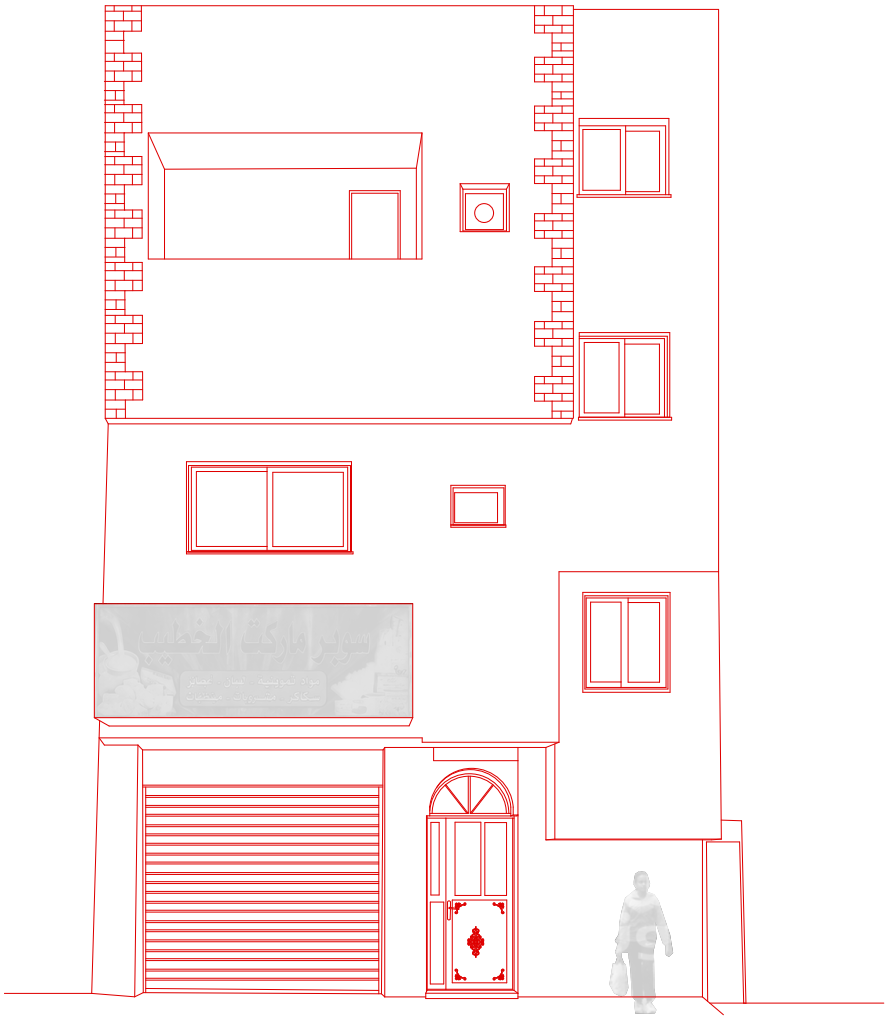
Alçado principal

0 .5 1m

Desenho 2
Estudo das unidades habitacionais do campo de Baqa'a em 1972

Alçado principal do abrigo. Desenho elaborado utilizando o esquema cromático apresentado na análise.

Vermelho-acrescentado/alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



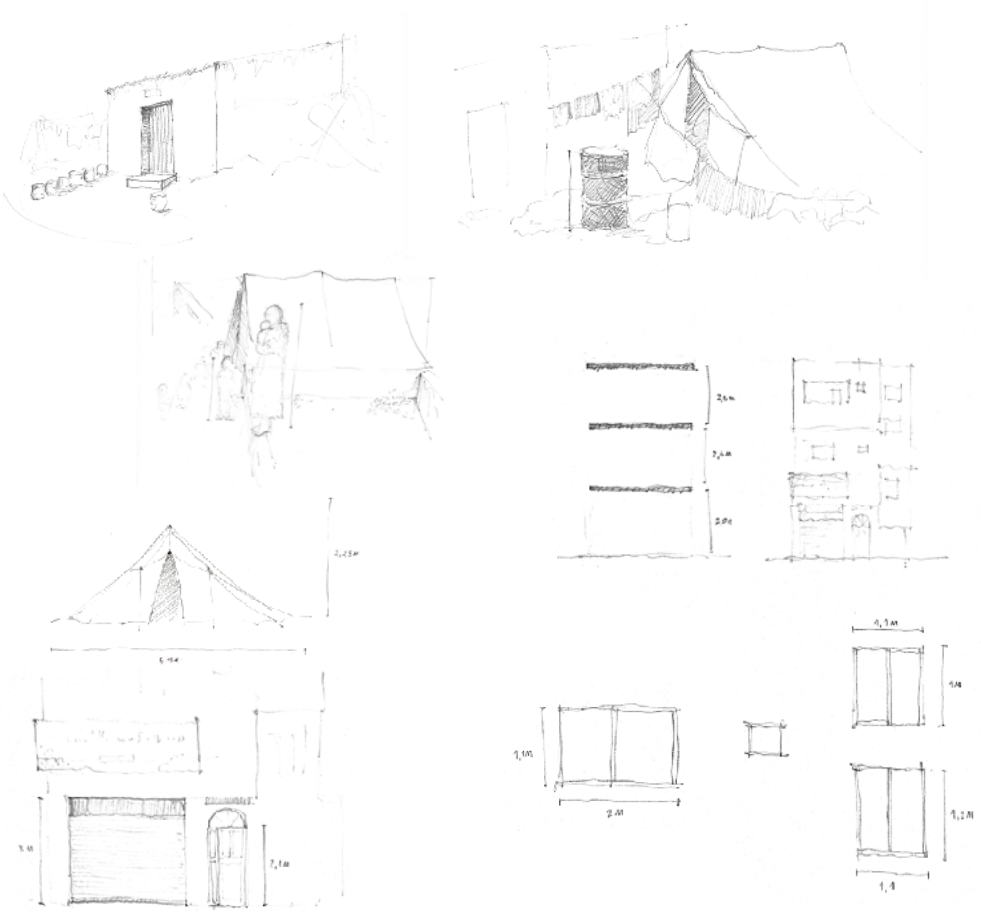
Alçado (acesso rua)

0 .5 1m

Desenho 3
Estudo das unidades habitacionais do campo de Baqa'a em 2025

Alçado principal da habitação. Desenho elaborado utilizando o esquema cromático apresentado na análise.

Vermelho-acrescentado/alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



Esquissos 1
Desenhos elaborados durante o estudo das unidades habitacionais do campo de Baqa'a.
Análise de elementos, dimensões e comparações entre estruturas



Fig. 40 I 41
Sobreposição de duas perspectivas aéreas do campo de Domiz respetivamente do ano de abertura (2012) e uma década depois (2022)
Domiz, Iraque

2.2 CAMPO DE DOMIZ

Identificação

Caso de estudo: Domiz Camp 1[98]

Localização: Iraque

Ano de fundação: 2012

População aproximada: 28.477 pessoas (dados oficiais)

Área: 1.5 km^2

Cidade mais próxima: Duhok (15km)

Planeamento inicial: 282 tendas

Dados atuais: 7.540 abrigos

Tipologia de abrigo inicial: tendas

Tipologia de abrigo atual: 'upgraded shelters'

Tempo real de permanência: 14 anos

Controlo institucional: gestão pela UNHCR/DMCR BCF (departamento de migrações e gestão de crises)

Dados

Número de habitantes no setor em análise: 28.477

14.464 mulheres

14.013 homens

(14.227 crianças)

Média de idades: 25 anos

Número de agregados familiares: 6.159

Dimensão do abrigo: 70m2 (13m2 por pessoa)

Unidades de cuidados primários de saúde: 1

Escolas primárias: 5

Escolas secundárias: 2

[98] Todos os dados foram retirados de documentos oficiais, poderão não corresponder com a realidade UNHCR, DMCR, & BCF. (2024). Perfil do campo de refugiados Domiz 1: Dezembro de 2024. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR).



2004



2014



2024

Fig. 42
Conjunto de imagens aéreas da evolução do campo de Domiz, Iraque



Fig. 43
Posição dos dois campos de Domiz:
à esquerda- Domiz Camp 2, (a norte) mais recente
à direita- Domiz Camp 1, (a sul) campo original

ENQUADRAMENTO

Desde o início da guerra na Síria em 2011, dezenas de milhares de refugiados[99] encontraram abrigo nos campos de Domiz, no norte do Iraque. O primeiro campo foi aberto em 2012 pela UNHCR para responder à crescente crise causada pela fuga de sírios curdos para o Iraque.[100] Um ano depois o campo já excedia a sua capacidade máxima e hoje, passados 14 anos, permanece aberto, já sem aceitar novas chegadas excetuando situações de reagrupamento familiar.[101]

O agravamento dos conflitos na Síria não permitiu o retorno dos milhares de refugiados que, na esperança de uma solução de paz, esperam até hoje neste campo.[102] O Campo de Domiz foi pensado como resposta às necessidades urgentes e imediatas desta população em situação de grande fragilidade.

Num primeiro momento, os abrigos planeados não previam o prolongar da conjuntura que mais tarde se veio a verificar. Foram montadas 226 tendas de emergência na secção das famílias e mais 56 na zona de solteiros.[103] Estas estruturas visavam dar resposta a necessidades básicas e primárias num período máximo de um ano.[104] Com o prolongamento da guerra na Síria e o consolidar da situação nos campos, estas tendas foram sendo gradualmente substituídas por abrigos mais robustos, também eles atualizados para a recente versão de *upgraded shelters*.[105]

Hoje, mais de 10 anos após se estabelecer como campo de refugiados, as pessoas em Domiz transformaram os seus abrigos e envolvente, criando os seus próprios negócios, na tentativa de restabelecer a vida que deixaram para trás. Com recursos extremamente limitados, a transformação do espaço surge através de ações de adaptação e apropriação por parte dos residentes. As pessoas adaptaram-se e adaptaram o espaço à sua volta, imprimindo traços identitários em cada refúgio.

Às estruturas existentes, foram acrescentadas outras, novas e espontâneas. Lentamente o campo mudou de forma e o novo desenho aproxima-se de um espaço urbanizado.

Atualmente, aos refugiados sírios que consigam permissão de residência no campo de Domiz, é alocado um espaço onde cada família poderá, conforme os recursos disponíveis, construir a sua própria habitação e jardim.[106] De forma a garantir uma sustentabilidade integral do campo é permitido aos residentes trabalharem, dentro e fora do campo, pelo que existe a possibilidade de

---

[99] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (2014, May). *Domiz refugee camp profile*. UNHCR.

[100] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (2012, May). UNHCR Iraq Syria situation update: Number 8. Syrian persons of concern in Northern Iraq (Update covering the period 7th May–13th May 2012). UNHCR

[101] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR), Directorate of Migration and Crisis Response (DMCR), & Barzani Charity Foundation (BCF). (2024, December). *Domiz 1 refugee camp profile*.

[102] Submarine Channel. (2014). *Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp.* Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

[103] Abrigos da ShelterBox

[104] UNHCR. (2016). Shelter design catalogue. United Nations High Commissioner for Refugees.

[105] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR), Directorate of Migration and Crisis Response (DMCR), & Barzani Charity Foundation (BCF). (2024, December). *Domiz 1 refugee camp profile*.

[106] Lemon Tree Trust. (2021, November 20). Life in Domiz 1 camp: Your questions answered. Lemon Tree Trust



Fig. 44
Levantamento dos principais espaços de utilização comunitária do campo, a partir de registo aéreo.
Campo de Domiz, 2025



Azul: ensino e investigação

Vermelho: cuidados de saúde

Verde: produção de alimentos

Roxo: oração



Fig. 45
Montagem- contraposição das vistas aéreas do planeamento inicial,(2013) e atual (2024)
Domiz, Iraque

deslocação a cidades próximas.[107] Existe dentro do campo uma rede de transportes própria, operada pelos residentes e gerida em conjunto com as entidades de controlo,[108] que permite aproximar as diferentes zonas do campo.

ANÁLISE

Ao analisar as imagens aéreas do campo de Domiz da figura 42, observa-se que o campo começou por ocupar uma pequena área, junto da localidade de Bereke Domiz, em 2012. Posteriormente, com o aumento das chegadas, o campo cresceu e também a mancha ocupada pelas unidades de habitação se tornou maior, notando-se alterações nos abrigos utilizados. Esta evolução é o objeto de estudo dos desenhos das páginas 61 e 63. O campo de Domiz estende-se atualmente por uma área superior àquela planeada inicialmente. Um segundo campo, Domiz 2, a noroeste, foi construído próximo do primeiro, com um afastamento que garante a sua separação física. Ambos apresentam uma malha e formas que evidenciam uma consolidação espacial, sem prevalência de estruturas de emergência, ainda que sejam fornecidas à chegada ao campo.

Sobrepondo as plantas do ano de abertura e da atualidade, verifica-se que o espaço e envolvente que correspondia a uma tenda, é hoje ocupado, tendencialmente, por uma unidade de habitação.

Há uma transformação do desenho e da disposição de cada abrigo, com um aumento da área coberta por cada unidade e um aproximar às habitações adjacentes. Formam-se pequenos aglomerados que se aproximam formalmente da organização de quarteirões.



"A Guerra intensificou-se causando uma falta de tendas. Firas chegava a ver 2 ou 3 famílias a viver num mesmo abrigo. Encomendou um camião carregado de madeira e lona para entregar no campo. Rapidamente vendeu tudo e as pessoas começaram a construir os seus próprios abrigos. O que se sucedeu foi que a loja de materiais de Firas foi removida do Campo.

O que ele conta é que tal terá acontecido porque o sucesso do seu negócio estaria a afetar a reputação das organizações de alívio de crises uma vez que não tinham capacidade de dar resposta às exigências e necessidades de habitação. Firas reabriu a sua loja de materiais de construção em terras de ninguém, na entrada do campo. Entretanto começou a vender tijolos e cimento para que os residentes possam construir extensões para os seus abrigos.

Há um ambiente competitivo no Campo: uma pessoa constrói um jardim na frente da tenda, o vizinho instala uma porta de aço com campainha e no topo da rua alguém construiu um lugar de estacionamento. As extensões não autorizadas muitas vezes são desmontadas pela organização do Campo. Segundo Firas é uma questão de tempo: 'Estamos a construir uma cidade completa'."[109]

---

[107] Lemon Tree Trust. (2021, November 20). Life in Domiz 1 camp: Your questions answered. Lemon Tree Trust

[108] Submarine Channel. (2014). *Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp.* Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

[109] Testemunho de Firas, refugiado Sírio residente em Domiz 1, Submarine Channel. (2014). *Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp.* Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/







Fig. 46
(esquerda superior)
Crianças caminham entre as tendas da shelter box. Roupa estendida entre abrigos e pequenas construções em tijolo (bancos)
Campo de Domiz, 2013

Fig. 47
(esquerda centro)
Família posa para fotografia em frente a jardins nas habitações
Domiz, 2018

Fig. 48
(esquerda inferior)
Mãe e crianças em frente a abrigo de emergência, construção de uma estrutura em tijolo na entrada da tenda
Domiz, 2012





Fig. 49 I 50
(direita)
Imagens de habitações e alterações feitas pelos residentes em Domiz, com recurso a materiais
Criação de pátios existentes no campo,
Domiz, 2014.



Fig. 51
Unidade de habitação construída pelos residentes no campo de
Domiz, 2015



Fig. 52
Apesar dos limites bem definidos do campo, não existem vedações em torno do campo.
Fotografia registada no final da rua de Barzan.
Domiz, 2013

O caso de Firas demonstra a relação de negociação constante entre a estrutura institucional do campo e a ação dos seus residentes. Apesar das restrições impostas, a necessidade de adaptação impulsiona novas formas de construção e apropriação do espaço.

Algumas alterações mais notórias, identificáveis através do estudo das imagens aéreas do campo, acontecem a partir do ano de 2017. As organizações presentes no Campo 1 de Domiz financiaram inicialmente a construção de escolas e postos de saúde, mas mais tarde impulsionaram também o desenvolvimento de uma economia local através do apoio a pequenos negócios e projetos no campo.[110]



"Ahmad Ramadan (13 anos) vende três a quatro pássaros por dia por 7500 Iraqi dinar (quase 5 euros) cada. Na Síria, Ahmad vivia numa fazenda, numa quinta com a sua família. Ele tinha 11 anos, e apenas tinha ido à escola poucos meses na sua vida. Depois a Guerra começou e o senhorio já não conseguia pagar ao seu Pai. Em Domiz atribuíram-lhes um espaço e uma caixa que continha uma tenda e utensílios de casa. Quando Ahmad fecha os olhos, está de volta à Síria, onde consegue ouvir as galinhas, as perdizes e o cão da quinta a ladrar."[111]

Também a partir de 2017 é possível verificar o aparecimento de manchas verdes entre abrigos, correspondente ao início do projeto Lemon Tree Trust.[112] Esta iniciativa promoveu a plantação de árvores de fruto no campo, bem como o desenvolvimento de uma horta comunitária, que além da produção de alimentos para famílias menos favorecidas, gerou ainda a criação de empregos. Algumas transformações estruturais dos abrigos foram promovidas por projetos de melhoria das construções dos campos, como o Human Appeal,[113] que em colaboração com entidades locais e supervisão da UNHCR financiaram a substituição de tendas por abrigos resistentes com materiais duradouros.

Fotografias documentadas ao longo dos anos, tornam ainda possível identificar alterações efetuadas pelos refugiados ou outras associações no terreno. À semelhança do que ocorreu em Baqa'a, desde um primeiro momento, foram improvisadas cordas entre abrigos onde roupas foram estendidas e começaram a aparecer pequenas construções com recurso a materiais de maior durabilidade, como tijolos, ora formando bancos nas entradas das habitações ou até para proteção e maior solidez dos abrigos.

Identificam-se, em registos mais recentes, vestígios de elementos tendencialmente utilizados em situação de emergência, como a presença de lonas com o logotipo da UNHCR. Estes materiais formam estruturas improvisadas que permitem aos residentes criar espaços anexos aos seus abrigos, com maior privacidade para diferentes funções, protegidas por estas barreiras físicas e visuais.

Na figura 50, registada com apenas um ano de diferença relativamente às duas anteriores, o campo de emergência não é mais identificável. Os elementos presentes nas unidades de

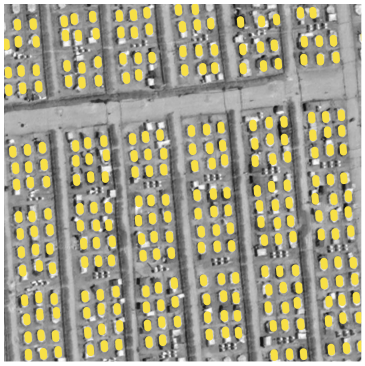
---

110 Al Jazeera English. (s.d.). *Refugiados sírios em campos iraquianos enfrentam futuro incerto* [Vídeo]. YouTube https://www.youtube.com/watch?v=qgEOB1JCkCE

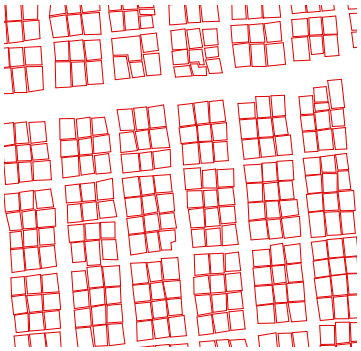
111 Testemunho de Ahmad Ramadan, residente em Domiz 1, Submarine Channel. (2014). *Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp.* Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

112 Lemon Tree Trust. (2017). Azadi Community Garden, Domiz Camp [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=gtJm_TJ5YDM

113 A24 News Agency. (2019, January 19). project for turning refugees tents into houses at Domiz camp[Vídeo]. https://www.youtube.com/watch?v=MOtyEk2bQ3I



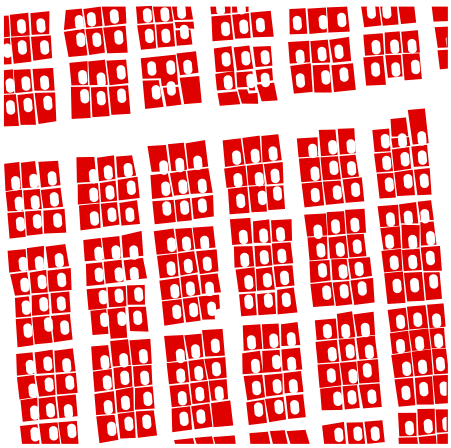




Desenho 4
Análise comparativa dos planeamentos inicial,(2013) e atual (2024)

Identificação do espaço ocupado pelos abrigos aquando das duas datas e posterior análise. Esquema cromático conforme apresentado na análise.

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



Desenho 5
Sobreposição das áreas ocupadas por cada abrigo em 2013 e 2024

A vermelho foi desenhada a área ocupada pelos atuais abrigos, aos quais foram subtraídos os espaços das tendas do planeamento inicial

habitação são os mesmos que encontraríamos em qualquer construção de caráter permanente, em qualquer espaço urbano. Os residentes do campo de Domiz moldaram o campo à sua própria medida.



"O nosso lar em Damasco era uma casa em tijolo com dois quartos. Estávamos a pensar construir mais um piso porque temos uma família grande. Devido à guerra não nos foi possível. A casa era nossa, não era arrendada. (…) Eu era empregado num restaurante. Agora sou construtor civil. Fugimos pois temi pela segurança das minhas filhas."[114]

As imagens foram manipuladas de forma a realçar os elementos que foram acrescentados pelos refugiados residentes.

À semelhança do método utilizado para a análise das imagens do campo de Baqa'a, foram recolhidos registos fotográficos correspondentes a situações que fossem circunstancialmente próximas, mas temporalmente afastadas. Estas imagens foram estudadas e contrapostas, identificando elementos cujas dimensões pudessem ser reconhecíveis. Assim foi possível proceder à sua comparação.

Para uma análise mais precisa, tornou-se necessário encontrar uma escala para as imagens e desenhos a partir de objetos presentes nas fotografias como tijolos ou antenas parabólicas e ainda elementos arquitectónicos como guardas, portas, janelas ou coberturas. A mesma lógica foi utilizada na produção do restante material de estudo do espaço *urbano.*

O espaço ocupado por uma unidade habitacional em 2012, correspondente a uma tenda, seria de cerca de 6-7 metros de comprimento. Os abrigos estavam distribuídos em pequenos aglomerados de 12 unidades, em 3 colunas e 4 filas. Esta disposição é ainda hoje identificável, acentuada pela marcação das ruas. Apesar de notáveis diferenças no desenhos das habitações, o espaço que ocupam e a sua organização parece ser consequência do desenho original.

Pode-se concluir que os abrigos evoluíram no tempo dentro de uma mesma área disponível. Esta análise permitiu a elaboração dos desenhos da página 61. A sobreposição de imagens atuais sobre as registadas em 2012 permite concluir que existe uma manutenção da distribuição do terreno e organização do espaço.

Também as dimensões atuais unidades de habitação são muito próximas daquelas dos abrigos de emergência montados inicialmente, assim como se verificava também no caso de estudo anterior. Uma tenda da ShelterBox, ocuparia na sua maior extensão, considerando as cordas de montagem, cerca de 8.5m. Relativamente a uma unidade habitacional atual utilizada como referência neste estudo, a dimensão do mesmo alçado varia apenas 1m face a este valor, com uma medida estimada de 9.5m. Esta comparação permite concluir que o espaço disponível para cada família atualmente corresponderá à mesma área inicialmente alocada para a montagem das tendas.

As habitações apresentam, na sua grande maioria, apenas um piso, ainda que o número de habitantes por unidade de habitação tenha vindo a aumentar. Apesar dos projetos de melhoria, a evolução da construção nas habitações terá ocorrido de forma espontânea por vontade dos residentes. Por todo o campo observa-se uma grande heterogeneidade de edificações. Os

---

[114] Testemunho de Zainab Kasim, residente em Domiz 1, Submarine Channel. (2014). *Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp.* Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/



Fig. 53 I 54
Levantamento da disposição das unidades habitacionais disponíveis na fase de abertura do campo (2013) e atualmente (2024) com recurso a uma imagem de vista aérea do campo.

Foram identificados os elementos e estruturas existentes em ambos os períodos e realçados para uma posterior comparação

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



Desenho 6
Análise comparativa da disposição e organização dos abrigos no campo de Domiz

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado

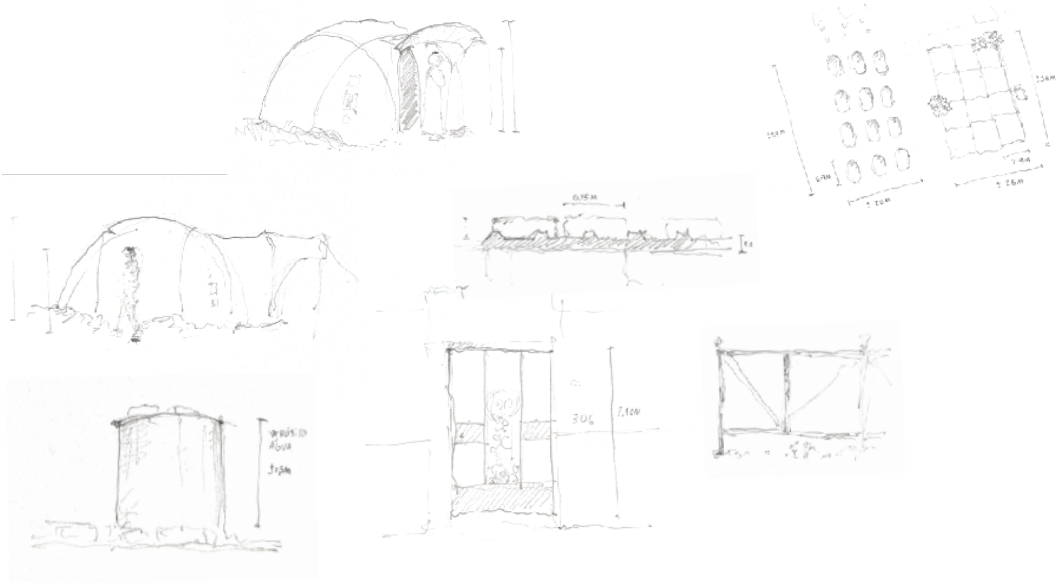
materiais, elementos arquitetónicos e as próprias técnicas utilizadas, apontam para uma evolução de cada unidade conforme os recursos disponíveis, como explicava Firas, residente no campo.

A análise do campo de Domiz evidencia uma realidade intermédia entre a permanência consolidada e a condição de emergência. Apesar da manutenção da disposição inicialmente planeada, o tempo permitiu a introdução de novas camadas de ocupação, onde a ação dos residentes e das organizações no terreno se sobrepõe ao planeamento original.

As alterações identificadas não representam apenas uma resposta à falta de condições dos abrigos iniciais, mas refletem a necessidade de adaptação a uma realidade prolongada. A construção de extensões, espaços exteriores, pequenos negócios ou áreas de cultivo demonstra que o habitar ultrapassa uma resposta funcional de abrigo, incorporando práticas quotidianas e relações sociais que transformam o campo.

Domiz tornou-se num espaço de negociação contínua entre a estrutura planeada e as necessidades reais daqueles que o habitam.

A permanência levou à procura de um lugar de pertença.



Esquissos 1
Desenhos elaborados durante o estudo das unidades habitacionais do campo de Domiz.
Análise da disposição das unidades habitacionais, de elementos e dimensões.



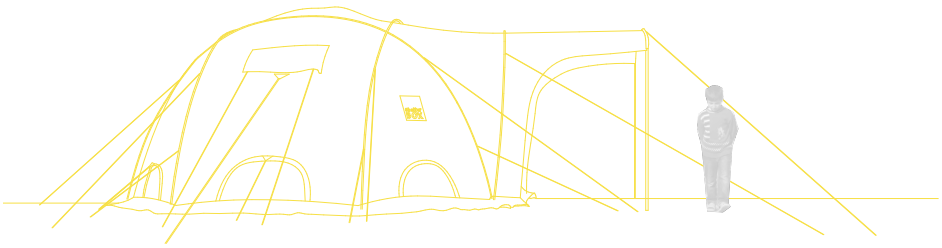
Fig. 55
Estudo da tipologia do abrigo da ShelterBox utilizado no campo de Domiz em 2012.
Alçado lateral do abrigo sem alterações.
Foram realçados a amarelo elementos para o estudo e comparação da evolução das unidades habitacionais do campo.

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



Fig. 55
Estudo das unidades habitacionais construídas pelos refugiados.
Domiz em 2014.
Alçado poente do abrigo
Foram realçados a vermelho elementos para o estudo e comparação da evolução das unidades habitacionais do campo.

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado

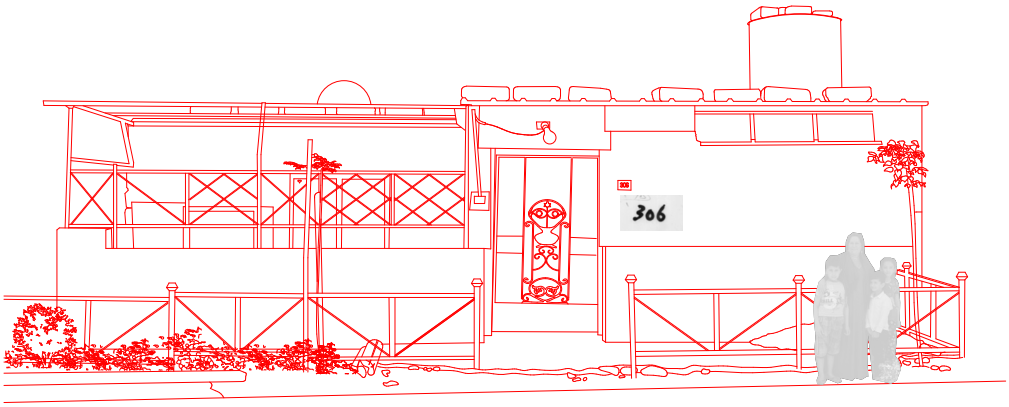


0 .5 1m

Alçado lateral

Desenho 7
Estudo dos abrigos disponíveis em 2012, na abertura do campo de Domiz.
Análise dos elementos e estrutura.
Alçado lateral da tenda da ShelterBox

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



0 .5 1m

Alçado poente

Desenho 8
Estudo das unidades habitacionais existentes em 2014 no campo de Domiz.
Análise dos elementos e estrutura.
Alçado poente de uma habitação.

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



Fig. 57 I 58
Sobreposição de duas imagens das ruas do campo de Azraq respetivamente do ano de abertura (2014) e uma década depois (2022)

2.3 CAMPO DE AZRAQ

Identificação

Caso de estudo: Campo de Azraq

Localização: Jordânia

Ano de fundação: 2013 construção, 2014 abertura

População aproximada: 38.000 pessoas[115]

Área: 14.7 km^2

Cidade mais próxima: Azraq (20km)

Planeamento inicial: 51.000 pessoas (planeado para uma extensão de até 130.000)

Dados atuais: 8.500 abrigos

Tipologia de abrigo inicial: t-shelter

Tipologia de abrigo atual: t-shelter

Tempo real de permanência: 12 anos

Grau de controlo institucional: gestão pela The Syrian Refugees Affairs Directorate (SRAD) e UNHCR

Dados

Número de residentes: 38.000 (22.000 crianças-59%)

Pessoas com deficiências motoras: 5% da população

Número de agregados familiares: 6.159

Estrutura do campo: 8 villages (bairros), 4 ocupados, 3 por habitar e 1 vazio (por construir)

(cada bairro e tem uma capacidade de até 15.000 pessoas)

Número de abrigos: 8.700

Dimensão do abrigo: 24m^2-32m^2

Unidades de cuidados primários de saúde: 2

Hospital: 1

Mesquitas: 6

Mercados: 5

[115] United Nations High Commissioner for Refugees. (2025, June). Azraq camp factsheet: Jordan: Azraq refugee camp. UNHCR. https://www.unhcr.org/jo



2010



2014



2025

Fig. 59
Conjunto de imagens aéreas da evolução do campo de Azraq



Fig. 60
Comparação entre abrigos iniciais e atuais do campo de Azraq
Respetivamente:
2016 e 2025

ENQUADRAMENTO

O perpetuar dos conflitos na Síria gerou uma das maiores crises migratórias deste século. Desde 2011 cerca de 6 milhões de pessoas terão fugido e mais de uma década depois, os campos de refugiados continuam em funcionamento, sem que se preveja o seu encerramento.

O campo de Azraq, não é uma exceção. Ao contrário de campos vizinhos ou de outros como Domiz, Azraq apareceu numa fase mais tardia de resposta a esta crise, inicialmente enquadrada como uma situação de emergência. Teve meses de planeamento e a sua estrutura e desenho estão informados pelas limitações identificadas nos restantes campos já em operações.

Azraq está organizado por 'bairros' planeados para abrigar até 15.000 pessoas. Cada um dispõe de uma unidade de cuidados de saúde, parques infantis, escolas e outros serviços. Os abrigos, de tipologia *t-shelter,*[116] foram pensados especificamente para este campo, com um desenho que permite a sua extensão, acrescentando um pequeno módulo. Desta forma introduz-se desde a sua conceção, a possibilidade de uma adaptação futura, ainda que limitada. Cada unidade pode acolher até 5 pessoas. Os abrigos foram montados recorrendo a materiais resistentes, com uma vida útil prevista de até 7 anos. No entanto, na sua maioria, estes abrigos carecem de manutenção urgente e já não se encontram nas condições inicialmente planeadas.[117]

A segurança foi reforçada relativamente a outros campos, com a instalação de postos de controlo localizados estrategicamente, bem como uma organização e diretrizes mais rígidas. Desta forma as entidades que regulam o campo de Azraq procuram evitar alguns dos problemas experienciados noutros campos, como tensões internas, distúrbios ou criminalidade.[118] O maior controlo limita também a ação dos refugiados para adaptação dos abrigos, havendo por isso grandes restrições a alterações do planeamento original.

"Percebemos que o corpo policial deveria estar presente antes da chegada dos refugiados, para existir segurança desde a primeira chegada ao campo. (…) A segurança foi a nossa prioridade."[119]

As construções espontâneas ou qualquer forma de transformar os abrigos, são executadas cuidadosamente, muitas vezes sem que sejam notadas. Ainda assim, existe uma vontade, frequentemente condicionada, de criar um lugar com o qual as pessoas que aqui habitam se identifiquem e reconheçam.

Mesmo em Azraq, onde as regras são mais apertadas e existe um maior rigor no seu cumprimento, os residentes encontram forma de modificar o espaço à sua imagem, ainda que com grandes limitações.

---

[116] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (2016). Shelter design catalogue

[117] United Nations High Commissioner for Refugees. (2025, June). Azraq camp factsheet: Jordan: Azraq refugee camp. UNHCR. https://www.unhcr.org/jo

[118] Knell, Y. (2014, April 30). Azraq: How a refugee camp is built from scratch. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-middle-east-27205291

[119] Relato de Oficial jordano Col Atef al-Amoush, em Knell, Y. (2014, April 30). Azraq: How a refugee camp is built from scratch. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-middle-east-27205291

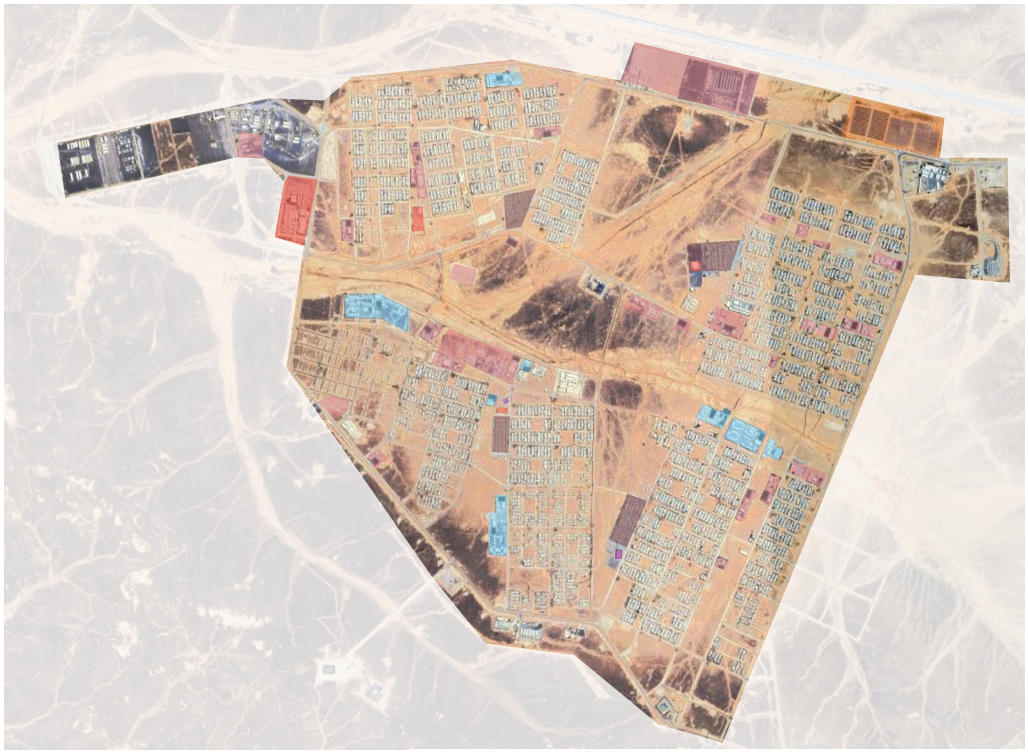
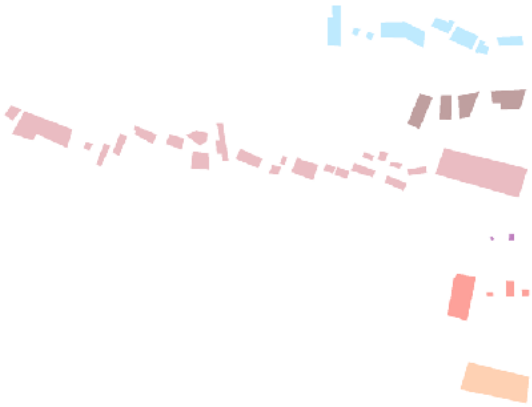


Fig. 61
Levantamento dos principais espaços de utilização comunitária do campo, a partir de registo aéreo.
Azraq, 2025



Azul: ensino

Castanho: mercados

Rosa: espaços comunitários

Roxo: espaços de oração

Vermelho: cuidados de saúde

Laranja: produção de energia fotovoltaica



Fig. 62
Aproximação de vista aérea com descrição de pontos de interesse.
Azraq, 2025

ANÁLISE

Observando o campo a partir de uma perspetiva aérea, verifica-se um considerável afastamento a outros povoamentos. O campo de Azraq está implantado numa extensa área desertificada, estando a povoação mais próxima a cerca de 20km. O tempo, contrariamente ao que acontece em Baqa'a, não parece ter aproximado o campo de comunidades vizinhas. Uma primeira análise e comparação das imagens aéreas aponta ainda para a manutenção do desenho inicial. A disposição dos abrigos e as estruturas utilizadas parecem também não ter sofrido alterações significativas desde a sua abertura.

As unidades habitacionais disponíveis no campo de Azraq foram desenvolvidas especificamente para este espaço e a sua disposição pensada a fim de garantir e tornar mais eficiente o controlo e funcionamento do campo. Cada uma das partes do campo possui um sistema de infraestruturas e equipamentos destinados a responder a diferentes necessidades dos residentes, evitando deslocações dentro ou para fora do campo. Foi feita uma análise, explicada na figura 53, que permite perceber de que forma estes espaços se relacionam com cada bairro e respetivos abrigos.

A insegurança e os problemas que se faziam sentir em outros campos de refugiados contemporâneos estiveram na base e informaram o desenho e planeamento do campo.

"Estudámos o que tinha sido feito em Zaatari e noutros campos de refugiados a nível mundial e tentámos planeá-lo com cuidado. (…) É um luxo que normalmente não temos, poder preparar durante meses com os nossos parceiros."[120]

Apesar do cuidado e antecipação da preparação e planeamento do campo, não foi possível prever que os conflitos na Síria não teriam um fim, prolongando consequentemente a também a situação nos campos de refugiados. As restrições impostas nesta fase inicial, pensadas para assegurar melhores condições aos residentes refletem-se nos dias de hoje, com um impacto inicialmente imprevisível, nomeadamente nas limitações impostas à adaptação das unidades de habitação.

A contraposição de imagens da vista aérea registadas em diferentes momentos da vida do campo, como evidenciado na figura 52, demonstra que as alterações que seriam expectáveis como consequência da permanência no campo, conforme observado nos casos de estudo anteriores, não se verifica de forma tão clara. Esta realidade expõe as restrições impostas aos residentes de Azraq na tentativa de transformar o campo.

"(…) conseguiam pelo menos tentar reproduzir determinados aspetos decorativos nas unidades de habitação existentes."[121]

A par do que acontece nos outros campos analisados, não foram encontrados registos ou informações referentes ao planeamento do campo. No entanto, uma vez que estes abrigos foram especialmente projetados para Azraq, existem informações detalhadas relativas às dimensões e processo de construção. Esta precisão permitiu a execução de desenhos com maior rigor face aos casos anteriores, ainda que com um inevitável grau de indefinição.

---

[120] Relato da responsável pelo campo de Azraq Bernardette Castel, em Knell, Y. (2014, April 30). Azraq: How a refugee camp is built from scratch. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-middle-east-27205291

[121] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.375.



Fig. 63
Residentes do campo de Azraq entre os abrigos. Identificação de elementos que não constam do planeamento do campo como bicicletas, construções e vegetação.
Azraq, 2025





Fig. 64
(esquerda)
Reprodução à escala de monumento da cidade Síria de Damasco.
Azraq, 2021

Fig. 65
(direita)
Criança brinca com um tecido. Nas imediações dos abrigos existem construções improvisadas de pátios ou antecâmaras.
Azraq, 2019



Fig. 66
Interior do abrigo, espaço da cozinha.
Azraq, 2014

A estratégia utilizada para conseguir encontrar determinadas medidas ou elementos em falta, foi a mesma utilizada em Baqa'a ou Domiz. A partir de registos fotográficos e videográficos, foi possível estimar determinadas dimensões e características que permitem estudar a realidade de forma mais aproximada, quebrando os obstáculos inerentes à sua análise à distância.

Algumas das imagens recolhidas mais relevantes foram manipuladas de forma a realçar os elementos alheios ao plano do campo, introduzidos num tempo mais recente pela vivência permanente do espaço. Num constante medir de forças com as entidades regentes do campo, os residentes de Azraq conseguiram eventualmente introduzir pequenas mudanças.

A partir da análise das imagens aéreas e de registos fotográficos, apenas em 2025 é possível identificar alterações substanciais. Pela primeira vez aparecem formas estranhas à malha rígida do campo de Azraq nos espaços entre os abrigos. Trata-se de construções espontâneas, executadas nos materiais que já existem dentro do campo, na tentativa de produzir pequenos pátios, antecâmaras, jardins, hortas ou até aumentos aos abrigos existentes.

"Nós plantamos um limoeiro. Como tínhamos em casa. Jardins não são permitidos, mas as autoridades piscam os olhos."[122]

Tornou-se importante analisar e comparar estas formas aos elementos que compunham o plano inicial do campo, através de desenhos que permitem perceber a sua evolução e identificar as alterações que foram executadas. Apresentado nas páginas 76 e 77, este estudo, tal como nos outros campos analisados, procura identificar e interpretar as adaptações feitas pelos residentes do campo.

Denota-se uma vontade clara, ainda que cautelosamente executada, de reproduzir memórias de uma vida interrompida e deixada para trás.

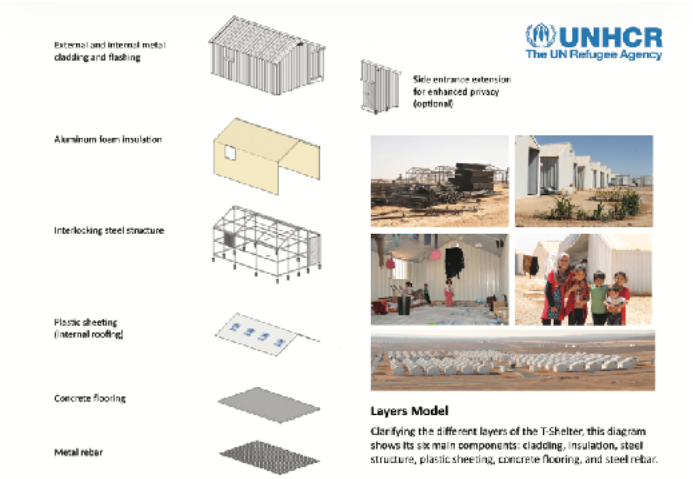
"Os refugiados em Azraq constroem colagens imaginativas da sua terra natal. Concebem momentos familiares recorrendo a objetos provenientes da ajuda humanitária padronizada. São necessárias semanas para reunir os materiais indispensáveis à construção de uma simples fonte e, quando a construção por parte dos refugiados é proibida, é preciso um conhecimento subtil das lacunas do sistema para erguer castelos de areia à escala real que evocam o Arco do Triunfo de Palmira. Por mais complexo que seja o processo, reunir as pessoas é uma causa que vale a pena."[123]

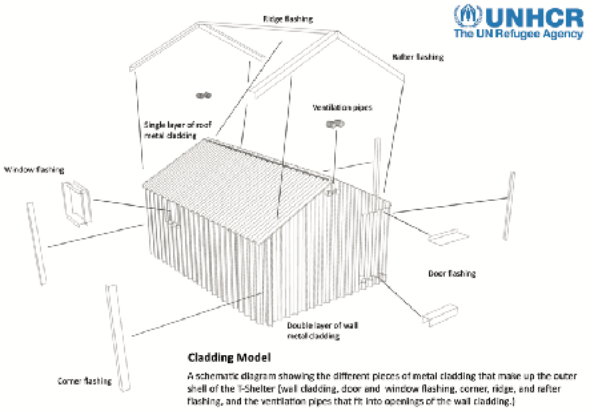
Contrariamente ao que sucede em outros campos de refugiados, os recursos disponíveis para a materialização destas adaptações por parte dos residentes estão limitados àqueles existentes no campo. Não existe a possibilidade, que se verifica nos casos anteriormente estudados, de importar para dentro do campo materiais de construção, exigindo uma grande capacidade de improvisação e criatividade dos refugiados que habitam o campo. Esta realidade é transversal, implicando também outros bens e necessidades dos residentes que requerem materiais dificilmente encontrados dentro do campo.

---

[122] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. p.375.

[123] Aksamija, A., Majzoub, R., & Philippou, M. (Eds.). (2021). *Design to live: Everyday inventions from a refugee camp*.MIT Press.





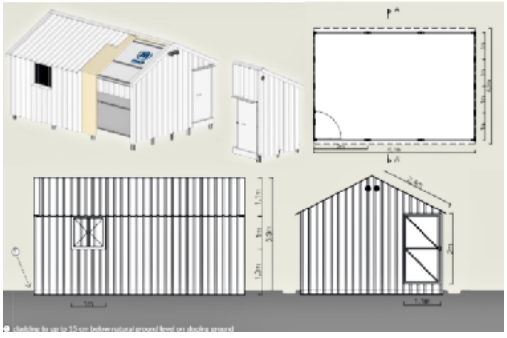


Fig. 67
"Transitional Shelter (T-Shelter)" para o campo de Azraq. Manual de apresentação dos abrigos existentes no campo.

"O meu nome é Mohammed Waheed, nasci em 1949. Vivo no campo de refugiados de Azraq com a minha mulher e filhos. Este vai ser o meu décimo ano. As crianças do campo vêm ter comigo e pedem-me que lhes faça carros ou brinquedos mecânicos. Mas são feitos de cartão e partem-se facilmente e estragam-se."[124]

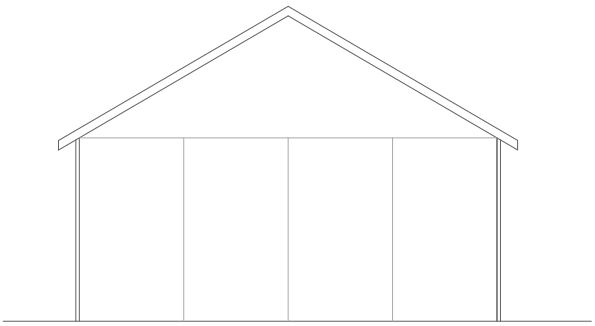
Mohammed é particularmente conhecido entre as crianças de Azraq como o fabricante de brinquedos, ocupação que existe precisamente desta necessidade de adaptação das pessoas às condições e restrições impostas pela direção do campo. Com materiais improvisados e não convencionais para este tipo de fabrico, como restos de cartões e tampas de garrafas, o fabricante de brinquedos consegue encontrar uma forma de contornar estas limitações.

O mesmo processo repete-se na transformação dos abrigos. Apesar de recentes, as novas estruturas e as alterações protagonizadas pelos residentes do campo nas suas habitações recorrem a materiais já existentes no campo. Ainda assim, a tipologia dos *t-shelters*, conforme planeada em 2013, mantém-se.

"As pessoas em Azraq dizem-me que têm uma casa quando começam a mudar as coisas."[125]

124 USA for UNHCR. (2023, July 10). "We Were Here": UNHCR and YouTube highlight the shared passions that bring us together. https://www.unrefugees.org/news/we-were-here-unhcr-and-youtube-highlight-the-shared-passions-that-bring-us-together/

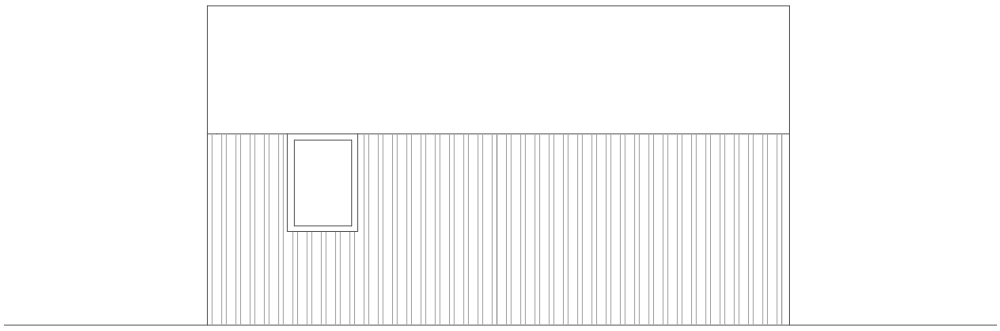
125 Testemunho recolhido durante um estudo no terreno, feito em dois campos na Jordânia, que pretendia perceber este processo de criação de uma casa, dentro dos campos de refugiados. (QUEM?) Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization.



Corte sul-norte

Desenho 9
Estudo de abrigo do tipo t-shelter existente em Azraq. Corte sul-norte pelo abrigo sem alterações, conforme o desenho e planeamento original.

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



Alçado sul

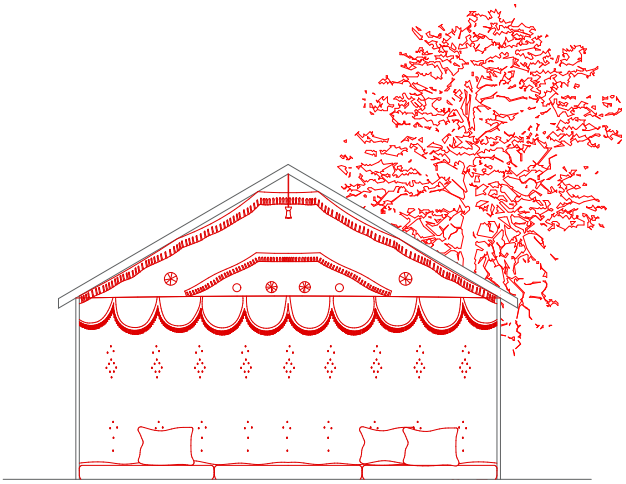
Desenho 10
Estudo de abrigo do tipo t-shelter existente em Azraq. Alçado sul do abrigo sem alterações, desenho original

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



Fig. 69
Análise da disposição atual do campo de Azraq Identificando, a vermelho, os novos elementos introduzidos pelos residentes.
Azraq, 2025

Vermelho-acrescentado/ alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado

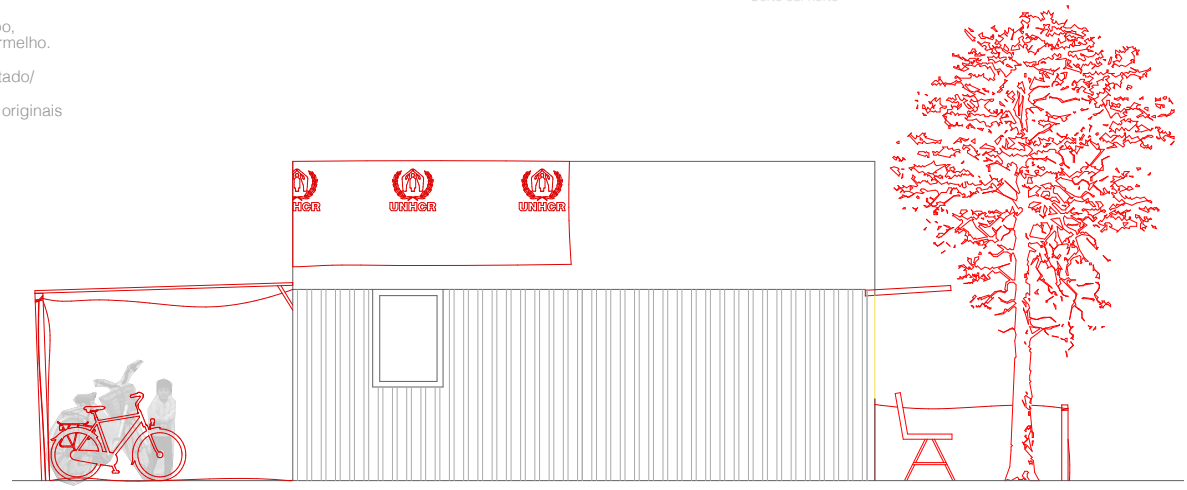


0 .5 1m

Corte sul-norte

Desenho 11
Estudo de abrigo do tipo t-shelter existente em Azraq. Corte sul-norte pelo abrigo com as alterações introduzidas pelos residentes do campo, representadas a vermelho.

Vermelho-acrescentado/alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado

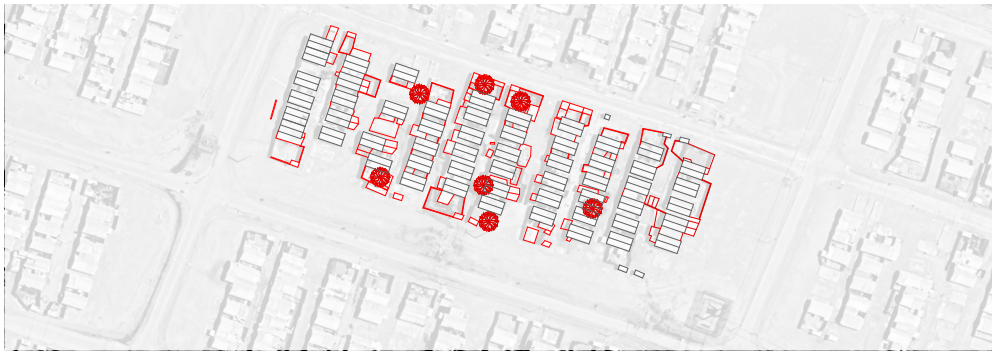


0 .5 1m

Alçado sul

Desenho 11
Estudo de abrigo do tipo t-shelter existente em Azraq. Alçado sul do abrigo com as alterações introduzidas pelos residentes do campo, representadas a vermelho.

Vermelho-acrescentado/alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado



0 10 20m

Desenho 12
Disposição atual dos abrigos em Azraq, 2025

Vermelho-acrescentado/alterado
Amarelo-elementos originais
Cinza-não alterado

3.0 ADAPTAR, ACOLHER E (RE)PENSAR:

3.1 ADAPTAR

"De certo modo, a narrativa da perda do lar produz demasiados lares e, consequentemente, nenhum Lar; demasiados lugares nos quais as memórias se fixam através da construção de um espaço habitável e, assim, nenhum lugar onde a memória possa permitir que o passado alcance o presente (no qual o 'eu' se pudesse afirmar como tendo regressado a casa)."[126]

Os refugiados vivem nos campos apesar e para além do seu planeamento ou desenho. Um desenho pragmático e previamente estruturado, que pretende abrigar populações temporariamente desalojadas. No entanto, cada crise apresenta um grupo extremamente diversificado de pessoas e de circunstâncias que, por sua vez, carecem de cuidados também distintos.

Num contexto de emergência, esta resposta única, numa lógica estandardizada, poderá fazer sentido, uma vez que estes sistemas preveem aliviar uma crise momentânea. O mesmo modelo, com o prolongar destas emergências torna-se, no entanto, tão insuficiente quanto o tempo de permanência no campo, conduzindo a uma imprevisibilidade temporal, por anos ou décadas. Perde-se o caráter provisório e as necessidades dos habitantes tornam-se permanentes e complexas.

Os casos de estudo demonstram que a vivência destes espaços, além das capacidades previstas, condiciona diretamente a qualidade de vida percepcionada por quem os habita. As falhas dos sistemas de organização e estrutra dos campos levam a que parta geralmente dos próprios refugiados a iniciativa de adaptação a este novo paradigma do prolongar de uma situação inicialmente transitória.

Estas transformações encontram-se, contudo, condicionadas pelos recursos disponíveis. As ferramentas e os materiais utilizados são limitados àqueles que já existem no campo ou que os habitantes conseguem obter no exterior. A capacidade de transformação depende, por isso, não apenas da iniciativa individual ou coletiva, mas também do grau de liberdade concedido pelas organizações responsáveis pela gestão dos campos. As alterações podem ser toleradas, incentivadas ou, pelo contrário, limitadas e posteriormente desmanteladas, revelando uma constante negociação entre as necessidades dos habitantes e os mecanismos de controlo institucionais.

Os casos de estudo apresentados expõem diferentes abordagens de gestão da transição entre a emergência e a permanência nos campos de refugiados. Com tempos de vida distintos, bem como modelos de atuação igualmente dispares, os três casos evidenciam a necessidade de uma resposta multidisciplinar na qual a arquitetura desempenha um papel de grande relevância.

---

[126] Ahmed, S. (1999). Home and away: Narratives of home and estrangement. *International Journal of Cultural Studies*, p.342.



Fig. 70
Vista de rua da principal via do campo de Baqa'a. É possível identificar carros, mercados e estruturas habitacionais consolidadas. Verifica-se ainda a existência de um sistema de distribuição de energia e luz.
Baqa'a, 2025



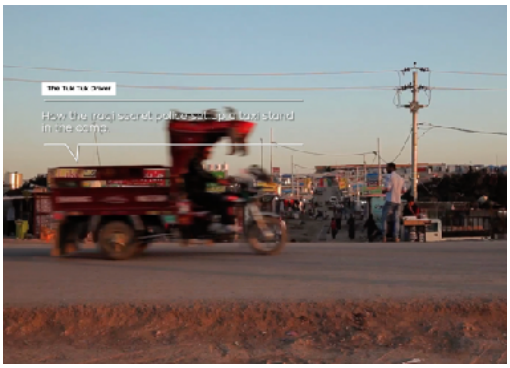


Fig. 71
Habitação no campo de Domiz, com recurso a diferentes materiais.
No fundo coexistem abrigos de emergência.
Domiz, 2014

Fig. 72
Vista da rua de comércio principal do campo de Domiz denominada de "Champs Elysés"
São identificáveis sistemas de distribuição de eletricidade, inúmeras construções adaptadas e a presença de meios de transporte.
Domiz, 2014



Fig. 73
Voluntários do Norwegian Refugee Council transportam materiais para as residências
Azraq, 2019

Por um lado, no campo mais recente dos três, em Azraq, existe uma estrutura rígida que mantém a sua forma quase inalterada passados mais de 10 anos. Já o Campo de Baqa'a foi palco de profundas transformações. Os 58 anos de permanência criaram um espaço urbanizado e moldado às necessidades dos refugiados palestinianos.

No caso de Azraq, o planeamento foi previamente estudado e a sua concretização foi informada pelas falhas identificadas nos campos até aí construídos para refugiados sírios na Jordânia. Apresenta uma estrutura sólida e os abrigos pensados especificamente para este espaço não sofreram alterações significativas face ao desenho inicial.

As tentativas de mudança foram restringidas ou impossibilitadas desde o princípio do seu funcionamento, ainda que permaneçam indícios de uma vontade de adaptação do espaço por parte dos habitantes. Analisando a evolução do campo desde 2014 até à atualidade, conclui-se que, mais recentemente, pequenas alterações terão sido permitidas ou passíveis de ser ignoradas pelas entidades que controlam o campo, levando à criação de novos espaços nas habitações ou à introdução de pequenos jardins, há muito proibidos devido a questões de segurança e acessibilidade.[127]

Apesar da segurança frequentemente associada ao campo de Azraq, quando comparado com outros, as limitações impostas aos residentes parecem agravar problemas de natureza socio-cultural, que poderiam ser resolvidos através de pequenas alterações espaciais.

Um dos exemplos é o caso exposto em capítulos anteriores, da criação e anexação aos abrigos de espaços de caráter social, física ou visualmente separados dos restantes compartimentos da habitação. Estas intervenções demonstram uma tentativa de introduzir dispositivos ou áreas distintas das previstas no desenho inicial, mas também evidenciam a sua constante desconstrução ou proibição por parte das organizações.

O caso de Baqa'a, contrariamente ao anterior, apresenta estruturas maioritariamente auto-construídas. Trata-se de um campo totalmente urbanizado e consolidado pelo tempo que se prolongou desde o início dos conflitos na região. As tendas temporárias deram lugar a paredes em tijolo rebocadas e o espaço entre elas é hoje ocupado por *ruas* densamente povoadas.

O campo de refugiados, como convencionalmente o definimos, não é mais reconhecível.

Existem lojas, bancos, cabeleireiros, restaurantes e outros serviços que se encontram num qualquer outro espaço urbano. As habitações são casas ou prédios baixos com formas heterogéneas. O único traço que resiste do planeamento inicial é o desenho das vias e a disposição dos quarteirões. Baqa'a é, assim, um exemplo de um campo que, com a permanência no tempo e no espaço, foi moldado pelos e para os refugiados.

Entre estes dois extremos encontra-se Domiz. Atualmente, à entrada do campo, é ainda fornecido a cada refugiado ou família um kit com uma tenda e utensílios para necessidades básicas. A realidade, no entanto, é que com o passar do tempo, num medir de forças entre os residentes e organizações no terreno, as tendas vão mudando de forma, criam-se pátios, jardins, pequenos negócios e lentamente, por insistência, estes espaços consolidam-se sem que sejam destruídos ou retirados.

---

[127] Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization.

Os residentes adaptaram as suas habitações e o espaço entre elas à sua própria identidade.

O que procuram, em qualquer um dos casos ou em qualquer outro campo, é uma normalidade que perderam no momento da fuga e que, passadas décadas, continuam sem conseguir recuperar.

A adaptação e transformação deveriam acompanhar a realidade de cada campo, respondendo às necessidades de cada população. A arquitetura representa um importante interveniente no estudo e identificação dos recursos disponíveis e na a elaboração e execução de novas soluções.

Com base na conjuntura atual e nas circunstâncias que se preveem inalteradas nos próximos anos, as organizações responsáveis pelos campos de refugiados deveriam rever os seus modelos de atuação. As regras e diretrizes adotadas podem adaptar-se e devem ser promovidas transformações que elevem de forma substancial a qualidade de vida, bem como a sua perceção, nos campos de refugiados.

Os casos de estudo que integram e informam esta dissertação, nomeadamente os campos de Domiz e Baqa'a, apresentam exemplos de práticas e iniciativas que se revelaram determinantes para a melhoria e integridade das estruturas a longo prazo e para a preservação de alguns direitos e garantias de dignidade humana. Foram encontradas soluções, quer por parte das organizações quer pelas mãos dos próprios residentes, que levaram gradualmente à transformação dos espaços e dos vazios em lugares com significado.

A análise dos três casos permite compreender que, apesar das diferentes formas de organização e dos diferentes tempos de permanência, existe uma tendência comum para a metamorfose do campo à medida que o tempo se prolonga. Azraq, Domiz e Baqa'a representam diferentes momentos dessa relação entre emergência e permanência: de uma estrutura fortemente controlada e pouco transformada, a um espaço progressivamente apropriado pelos seus habitantes, até à consolidação de uma realidade *urbana*. Não existe um percurso único para todos os campos. Não obstante, evidencia-se com este estudo que a permanência prolongada introduz necessidades que o planeamento inicial dificilmente consegue acompanhar.

A ineficiência destes modelos implica uma mudança de paradigma não pensamento e plano espaços. Se o campo é concebido para responder a uma situação temporária, mas permanece durante anos ou décadas, o seu desenho deverá considerar desde o início a possibilidade de transformação. Em vez de projetos fechados e concluídos no momento da abertura do campo, poderão ser pensados sistemas evolutivos, capazes de incorporar alterações na habitação, nos espaços comuns e na própria organização do território. A adaptação deixa, assim, de representar uma resposta informal, ou improvisada às limitações do modelo e passa a constituir uma possibilidade prevista no próprio processo de projeto.

Esta transformação deverá também ultrapassar a escala da habitação. Com o desenvolvimento de relações económicas, sociais e espaciais mais complexas, torna-se necessário repensar a forma como o campo é regulado e também como se relaciona com o território envolvente. Podem ser considerados diferentes modelos de permanência, conforme a realidade de cada campo, que terão consequências na gestão, equipamentos disponíveis e serviços, bem como a relação com centros urbanos. Não se trata de definir antecipadamente um destino comum para estes lugares, mas permitir uma evolução que acompanhe a realidade destas comunidades.

A arquitetura pode contribuir para a antecipação e estruturação dessas alterações, criando condições para que o espaço incorpore o tempo, as necessidades e identidade dos seus habitantes. A passagem do refúgio ao habitar permanentemente implica reconhecer a que é necessário criar e garantir condições para a construção de um lugar. Se a emergência exige uma resposta rápida e pragmática, a vivência permanente dos campos requere que o espaço se molde à imagem de quem o habita.

A procura por novos modelos de ação e abordagem deverá partir de uma resposta às circunstâncias do presente, aberta à incerteza e às transformações do futuro. É nesta capacidade de adaptação que poderá residir uma mudança de paradigma no pensamento e desenho dos campos de refugiados.

"Dentro desta pequena cidade, no limite do deserto, as crianças crescem e tornam-se adultos e a esperança esmorece em resignação."[128]

[128] Kakuma News Reflector. (n.d.). *About Kakuma refugee camp*. WordPress. https://kakuma.wordpress.com/about-kakuma-refugee-camp/

3.2 ACOLHER

"Para muitas pessoas, a menção a campos de refugiados evoca imagens de longas filas de tendas ou outros abrigos em campos onde a maioria dos habitantes depende da distribuição de ajuda. No entanto, acreditamos que os campos devem ser a exceção e apenas uma medida temporária em resposta à deslocação forçada."[129]

Existem alternativas aos campos de refugiados.

Ao longo desta dissertação, a ideia de que um campo de refugiados representa uma falha na resposta a crises humanitárias tem vindo a ser explorada. Segundo a UNHCR, *"(…) a característica que define um campo, é tipicamente um certo grau de limitação dos direitos e liberdades dos refugiados e da sua capacidade de poder fazer escolhas significativas sobre as suas vidas."*[130] Um campo, segundo a mesma fonte, não deve ser a escolha primária, nem tão pouco aquela utilizada no acolhimento de refugiados em situações de estadia prolongada.[131]

O foco deste trabalho é encontrar uma resposta arquitetónica às fragilidades espaciais e habitacionais que os campos de refugiados apresentam e representam. Isto implica também reconhecer que a sua permanência no tempo e espaço pode pôr em causa a sua própria existência, tornando-se necessário uma revisão e potencial mudança de paradigma nos modelos de acolhimento.

Não obstante as vantagens que o campo representa no curto prazo, existem soluções de acolhimento que visam responder à realidade atual. É expectável que mais de metade do total da população de refugiados passe mais de cinco anos em fuga, fora do seu país de origem.

Alternativas aos campos são uma forma de garantia e preservação dos direitos destas pessoas, muitas vezes retirados pela dependência institucional que as caracteriza. Além disso, permite uma maior autonomia e integração nas comunidades dos países de acolhimento, promovendo o restabelecimento de uma *vida normal.* Estas soluções implicam também modelos espaciais distintos daqueles aplicados nos campos.

"Para nós, refugiados, todos perdemos a nossa primeira vida e estamos a tentar começar o início uma nova. Para chegar a esta segunda vida, recomeçar como um refugiado para ser visto como um dos humanos, é complicado o caminho para alcançá-lo."[132]

Nos últimos anos, o aumento dos fluxos migratórios, nomeadamente de refugiados, levou à exploração de novas soluções e atualizações dos documentos que visam regulamentar o acolhimento destas comunidades.

---

[129] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). *Alternatives to camps*. UNHCR. https://www.unhcr.org/what-we-do/respond-emergencies/shelter/alternatives-camps

[130] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (2014, July 22). *UNHCR policy on alternatives to camps* (UNHCR/HCP/2014/9). UNHCR. https://www.refworld.org/policy/strategy/unhcr/2014/101682

[131] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (2014, July 22). *UNHCR policy on alternatives to camps* (UNHCR/HCP/2014/9). UNHCR. https://www.refworld.org/policy/strategy/unhcr/2014/101682

[132] -testemunho de refugiado (identidade mantida em anonimato) para projeto de investigação- Ferreira, J. V., Ferreira, S. M., & Bertão, A. (2024). Que bagagem carregam pessoas refugiadas em Portugal? Análise das experiências e vivências prévias ao acolhimento. *Revista de Estudos Interdisciplinares.* https://doi.org/10.56579/rei.v6i6.1470

Uma nova política implementada pela UNHCR a partir de 2014,[133] prevê que se priorizem estas alternativas em detrimento dos campos. Apresentam-se soluções tão variadas quanto a diversidade das populações que servem. Isto significa que não existe, novamente, uma resposta generalizada e universal, mas sim um conjunto muito diversificado de alternativas que devem ser estudadas em função de cada comunidade. A par de potenciais soluções arquitetónicas, são também necessárias políticas e ação por parte das entidades de poder nos países de acolhimento.

Um exemplo da implementação de diferentes métodos de acolhimento acontece na Venezuela, que enfrenta uma das maiores crises migratórias da atualidade, com cerca de 6.5 milhões de refugiados.[134] A fronteira mais acessível e porta de saída para muitas destas pessoas é através da Colômbia, um dos principais países de acolhimento de refugiados venezuelanos.[135]

Apesar destes números, não existem campos de refugiados na Colômbia. As organizações no terreno criaram espaços de trânsito, onde são oferecidos cuidados de saúde e asseguradas necessidades básicas, mas que não preveem a estadia dos refugiados a longo prazo. São procuradas soluções de reintegração das pessoas deslocadas nas comunidades de acolhimento, através de *"medidas de participação em processos inclusivos, oportunidades de integração sócio-económicas, de coesão social e de resiliência a fim de melhorar as condições de vida e promover a integração local das populações afetadas"*[136].

Existem políticas de apoio a famílias de acolhimento e centros de ajuda regulados por organizações e associações voluntárias, para que sejam encontradas soluções seguras e duradouras para quem chega.[137] Esta resposta deve integrar também um estudo da organização e distribuição dos espaços e das habitações disponíveis.

Apesar de um aparente sucesso na integração dos migrantes e refugiados venezuelanos em comunidades vizinhas, este fluxo gerou graves problemas sociais, devido à pressão exercida em populações que já apresentavam carências habitacionais e de condições de vida básicas. O aumento repentino da população em determinadas cidades e bairros resultou numa maior pressão sobre infraestruturas, equipamentos e habitação disponível, contribuindo para situações de sobrelotação e aumento da precariedade habitacional.[138]

---

[133] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (2014, July 22). *UNHCR policy on alternatives to camps* (UNHCR/HCP/2014/9). UNHCR. https://www.refworld.org/policy/strategy/unhcr/2014/101682

[134] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). *Refugee statistics.* UNHCR. https://www.unhcr.org/refugee-statistics

[135] Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). *Princípios do nada* [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2 https://www.rtp.pt/play/p7360/e478434/principes-do-nada

[136] R4V – Inter-Agency Coordination Platform for Refugees and Migrants from Venezuela. (2026). *RMRP 2026 summary.* R4V. https://www.r4v.info/en/rmrp2026-summary

[137] Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). *Princípios do nada* [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2 https://www.rtp.pt/play/p7360/e478434/principes-do-nada

[138] Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). *Princípios do nada* [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2 https://www.rtp.pt/play/p7360/e478434/principes-do-nada





Fig. 74 I 75
Centenas de refugiados venezuelanos atravessam diariamente a fronteira com a Colômbia.
Colômbia,2020





Fig. 76
Centros de acolhimento e de distribuição de refeições para a comunidade venezuelana.
Colômbia, 2020

Fig. 77
Habitações das famílias de acolhimento.
Colombia, 2020

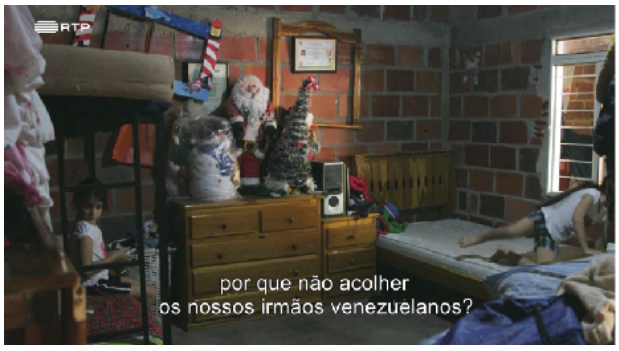


Fig. 78
Habitações das famílias de acolhimento na Colômbia, muitas vezes com graves carências habitacionais.
Colômbia, 2020

Também aqui se exige um planeamento estruturado. Uma intervenção arquitetónica para a identificação de fragilidades e potencialidades poderia ser considerada, a fim de se encontrarem soluções sólidas para estas comunidades.

Mais do que responder apenas à emergência, estas soluções devem procurar criar condições de estabilidade e autonomia. A dispersão dos refugiados pelo território exige espaços capazes de integrar diferentes formas de habitar, aproximando o acolhimento de uma lógica de integração e não apenas de assistência temporária.

A realidade venezuelana demonstra, contudo, que a ausência de campos não significa, por si só, a existência de condições adequadas de acolhimento. A mesma problemática pode ser observada em contextos totalmente distintos. A crise de refugiados da Síria, de dimensões semelhantes à venezuelana, forçou já cerca de 5.5 milhões deslocados externos, grande parte alojados em países vizinhos. Outros saíram rumo à Europa e muitos estão em permanente trânsito em busca de melhores condições de vida.

SíRIA

Até junho de 2025 foram registados nos países de fronteira com a Síria mais de 4.4 milhões de deslocados sírios, dos quais cerca de 5%, vive em campos de refugiados.[139] Estes dados, no entanto, não são necessariamente indicadores de melhores condições que os campos.

"Mais de 70% dos refugiados sírios vivem em situação de pobreza com acesso limitado a serviços básicos, educação e oportunidades de emprego, com pouca probabilidade de poderem retornar a casa."[140]

Existe uma total dependência dos refugiados face às instituições e organizações não governamentais, também elas com recursos muito limitados. Este fator, aliado à carência e falhas de de políticas de integração, conduz a uma marginalização destas comunidades e consequente empobrecimento e perda de condições de vida. [141]

"Até ao final de 2016, cerca de 5,2 milhões de refugiados e migrantes chegaram às costas europeias, através de travessias perigosas provenientes da Síria, Iraque, Afeganistão e outros países devastados pela guerra e perseguições."[142]

A inexistência de soluções espaciais estruturadas conduz frequentemente à precarização das condições de habitação e à ocupação informal de edifícios ou territórios periféricos das cidades

---

[139] USA for UNHCR. (n.d.). Syria refugee crisis explained. USA for UNHCR. https://www.unrefugees.org/news/syria-refugee-crisis-explained/

[140] USA for UNHCR. (n.d.). Syria refugee crisis explained. USA for UNHCR. https://www.unrefugees.org/news/syria-refugee-crisis-explained/

[141] USA for UNHCR. (n.d.). Syria refugee crisis explained. USA for UNHCR. https://www.unrefugees.org/news/syria-refugee-crisis-explained/

[142] USA for UNHCR. (n.d.). *Europe emergency.* USA for UNHCR. https://www.unrefugees.org/emergencies/europe/





Fig. 79
(esquerda)
Mulher ucraniana sentada no interior da sua unidade de habitação no Campo de refugiados de Tegel.
Berlim, Alemanha, 2024

Fig. 80
(direita)
Vista aérea sobre o campo de refugiados do Aeroporto de Tegel, Berlim, Alemanha, 2024



Fig. 81
Evolução do campo de Moria
Moria, Grécia, 2017 | 2020



Fig. 82
"Caro Europeu, imagine ter que viver numa tenda durante dois anos com uma família de cinco pessoas. Consegue?" (Amir)
Moria, Grécia, 2021

de acolhimento. Muitos refugiados vivem em habitações improvisadas ou assentamentos informais, frequentemente sem acesso adequado a infraestruturas básicas.[143]

Ao contrário do modelo concentrado no campo de refugiados, estas populações encontram-se dispersas pelo território, o que dificulta não apenas o apoio institucional, mas também o planeamento urbano e habitacional. A integração em comunidades locais exige respostas mais complexas e flexíveis, capazes de considerar diferentes escalas de intervenção, desde a habitação ao acesso a equipamentos, serviços e espaço público.

Também neste contexto a arquitetura pode assumir um papel relevante, através do desenvolvimento de soluções de habitação transitória e permanente, ou ainda da reabilitação e adaptação de estruturas existentes. Mais do que responder apenas à emergência imediata, importa criar condições espaciais que permitam a autonomia e inserção progressiva destas populações nas cidades de acolhimento.

Esta realidade transcende os países que fazem fronteira com os territórios de origem dos conflitos, verificando-se em geografias distantes. A deslocação forçada prolonga-se para além destas regiões, colocando também outros continentes sob pressão perante a necessidade de desenvolver respostas adequadas ao acolhimento e integração destas populações.

EUROPA

Realidade que se sente, por exemplo, na Europa. Os conflitos em países do Norte Africano e Médio Oriente impactam diretamente os fluxos migratórios europeus. Após um pico em 2015, quando de cerca de 1 milhão de pessoas entraram em território europeu, através de pedidos de asilo, os números têm vindo a descer substancialmente.[144] Em 2022, no entanto, com o início da guerra na Ucrânia, houve novamente uma subida destes valores com a entrada de cerca de 6 milhões de refugiados ucranianos até ao presente.[145]

Apesar das políticas de restrição e desvio de fluxos migratórios que marcaram a Europa nos últimos anos, têm se verificado esforços por regularizar e melhorar o acolhimento de refugiados no continente e nos seus países de origem.[146]

Com o encerramento de fronteiras a pedidos de asilo em países como a Hungria, a pressão sobre os restantes membros da UE, onde chegam a maioria destas pessoas, aumenta forçando a existência, ainda que tendencialmente temporária, de campos de refugiados na Europa. É o caso da Grécia, Itália, Alemanha, ou mais recentemente da Polónia, países com um elevado número de chegadas de refugiados.

Como qualquer outra crise habitacional, novas soluções têm vindo a ser exploradas e desenvolvidas junto destas populações, sobretudo em cidades já densamente povoadas como é o caso de Berlim. Desde 2022, o aeroporto de Tegel, na capital alemã, é utilizado como centro de chegada e registo de refugiados, onde permanecem até que a sua situação seja regularizada ou encaminhada.

---

[143] USA for UNHCR. (n.d.). Syria refugee crisis explained. USA for UNHCR. https://www.unrefugees.org/news/syria-refugee-crisis-explained/

[144] Keane, F. (2025, September 3). Migrant crisis: How Europe went from Merkel's "We can do it" to pulling up the drawbridge. BBC News. https://www.bbc.com/news/articles/cn5e5q7w41eo

[145] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). *Europe: Refugee data and statistics.* UNHCR. https://www.unhcr.org/where-we-work/regions/europe

[146] Goldmeier, H. (2025). *European migrant crisis.* EBSCO Research Starters. https://www.ebsco.com/research-starters/history/european-migrant-crisis

Serve maioritariamente refugiados ucranianos em fuga desde o início da guerra com a Rússia. Foram montadas tendas de acolhimento temporário, mas o tempo de funcionamento inicialmente previsto já foi, por várias vezes, aumentado até ao mais recente adiamento até 2031.[147]

A adaptação de infraestruturas existentes, como aeroportos, pavilhões ou centros logísticos, é um sintoma da necessidade de respostas espaciais rápidas e flexíveis perante situações de emergência. No entanto, o prolongamento destas soluções temporárias evidencia também a dificuldade em garantir alternativas permanentes de acolhimento e integração.

É neste contexto que se torna relevante observar também a realidade portuguesa. Portugal, contrariamente a outros países europeus, não tem campos de refugiados. Não é um país de chegada nem de destino preferencial de pessoas forçadamente deslocadas. "*Em Portugal, é o governo que estabelece os seus compromissos no acolhimento de pessoas chegadas no âmbito de mecanismos europeus de proteção e define quais as pessoas a admitir*."[148]

Por esta razão, as pessoas que chegam ao solo português são muitas vezes provenientes de campos de refugiados noutros países. A receção em solo nacional é feita em centros de acolhimento, que posteriormente cuidam cada caso individualmente a fim de conseguir inserir os refugiados nas comunidades locais.

Estes centros, independentemente da sua geografia, deverão apresentar características adequadas ao acolhimento temporário de qualquer pessoa. Assim como nos campos de refugiados, existe uma enorme diversidade de necessidades sociais e culturais a atender de acordo com a proveniência de cada indivíduo. Estes espaços devem ser pensados permitindo o seu manuseamento e redistribuição conforme aqueles que estão a servir.

Neste sentido, em conversa com a investigadora Joana Vaz Ferreira, responsável por um estudo que pretendia analisar as vivências anteriores ao acolhimento de refugiados em Portugal,[149] foram abordados alguns exemplos que evidenciam a necessidade de uma análise cuidada, através também de uma abordagem necessariamente arquitetónica.

Um deles surgiu num destes centros, numa situação de receção de refugiados com diferentes crenças religiosas. O caso em análise foi o de um homem que, dividindo quarto com mais três, não poderia praticar o culto da sua fé nesse compartimento. Assim, utilizava o hall das escadas, onde estendia um tapete e rezava.

Noutro exemplo, num centro preparado para o acolhimento de famílias, existia uma sala de jantar com mesas e cadeiras organizadas conforme o espaço disponível, que impediam, por exemplo, a utilização do chão para refeições, o que para determinadas culturas é uma prática natural e que deverá ser considerada numa fase de transição.

Ambos os casos demonstram como pequenas decisões espaciais podem influenciar profundamente o quotidiano de quem habita estes centros temporariamente. Questões

---

147 (2025, May 28). Tegel Airport to remain refugee accommodation. Berlin.de. https://www.berlin.de/en/news/9683254-5559700-tegel-airport-to-remain-refugee-accommod.en.html

148 Ferreira, J. V., Ferreira, S. M., & Bertão, A. (2024). Que bagagem carregam as pessoas refugiadas em Portugal? Análise das experiências e vivências prévias ao acolhimento. *Revista de Estudos Interdisciplinares*. https://doi.org/10.56579/rei.v6i6.1470

149 Ferreira, J. V., Ferreira, S. M., & Bertão, A. (2024). Que bagagem carregam as pessoas refugiadas em Portugal? Análise das experiências e vivências prévias ao acolhimento. *Revista de Estudos Interdisciplinares*. https://doi.org/10.56579/rei.v6i6.1470

relacionadas com privacidade, culto, convívio ou hábitos domésticos tornam-se centrais no desenho de espaços de acolhimento.

Existem ainda projetos que procuram dar resposta a algumas destas questões sócio-culturais, como acontece no Centro de S. Círilo. Uma obra dos arquitetos Nuno Valentim e Frederico Eça, que em 2002 receberam uma encomenda, para um centro de acolhimento e integração de migrantes no Porto.

"Tornava-se evidente e urgente a revisão dos processos de acolhimento e integração destes novos cidadãos." [150]

Hoje, o centro de S. Cirilo aloja pessoas de diferentes nacionalidades, em diferentes situações, não apenas refugiadas, e existe uma tentativa de colmatar algumas das falhas que existiam no acolhimento de pessoas com necessidades tão distintas. O projeto procurou responder à complexidade dos residentes através do desenho de áreas comuns flexíveis e de uma organização capaz de acomodar diferentes formas de utilização e apropriação do espaço.

Os centros de acolhimento temporário constituem, assim, uma solução a curto prazo que permite, pela sua natureza transitória, abrigar pessoas refugiadas, garantindo posteriormente uma solução permanente e a sua integração nas comunidades locais.

As experiências prévias dos refugiados à chegada ao país de acolhimento são, muitas vezes, traumáticas e marcadas pela perda de direitos ou desrespeito da dignidade humana.[151] Desde o momento da fuga, a vida de um refugiado é condicionada por período deambulatório incerto.

"Nós fomos levados para o aeroporto que estava um caos (…). Assistimos a confrontos entre talibãs e forças internacionais e a pessoas a serem mortas. Naquele caos entrámos num avião de carga belga que não tinha cadeiras, por isso tivemos de ficar no chão e agarrar-nos às cordas. A minha filha mais nova tinha 2 anos e segurei-a no meu colo. Não fazíamos ideia para onde íamos. Após duas horas, chegámos a Islamabad, no Paquistão, onde ficámos 12h sem comida, sem nada. Entrámos noutro avião que voou por 14h. Quando finalmente aterrámos, descobrimos que estávamos em Madrid, Espanha" [152]

O acolhimento de pessoas forçadamente deslocadas, e de qualquer migrante em condições de vida fragilizadas, deverá ter em conta o percurso já percorrido por cada indivíduo. Qualquer espaço concebido deve ser passível de se adaptar às diferentes necessidades que cada grupo pode apresentar, conforme o seu contexto socio-cultural.

---

[150] Valentim, N., & Eça, F. (2002–2008). *Centro Comunitário São Cirilo.* Nuno Valentim Arquitectura. https://nunovalentim.com/projecto/centro-comunitario-sao-cirilo/

[151] Ferreira, J. V., Ferreira, S. M., & Bertão, A. (2024). Que bagagem carregam as pessoas refugiadas em Portugal? Análise das experiências e vivências prévias ao acolhimento. *Revista de Estudos Interdisciplinares.* https://doi.org/10.56579/rei.v6i6.1470

[152] Testemunho de refugiado para projeto de investigação- Ferreira, J. V., Ferreira, S. M., & Bertão, A. (2024). Que bagagem carregam pessoas refugiadas em Portugal? Análise das experiências e vivências prévias ao acolhimento. *Revista de Estudos Interdisciplinares.* https://doi.org/10.56579/rei.v6i6.1470



Fig. 83
Centro Comunitário São Cirilo, Porto, Nuno Valentim e Frederico Eça. 2002–2008

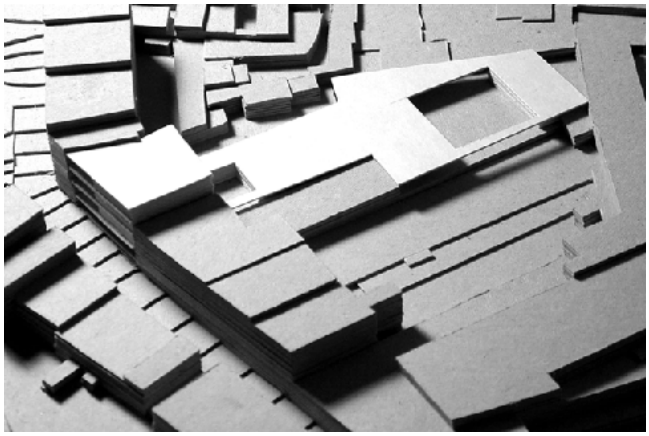


Fig. 84
Centro Comunitário São Cirilo, Porto, Nuno Valentim e Frederico Eça. 2002–2008

A arquitetura desempenha um papel nuclear no planeamento e satisfação de parâmetros de segurança e conforto, que podem ser garantidos através de um projeto aberto, adaptável e que permita a sua apropriação por parte de quem o irá habitar. Estes princípios, explorados ao longo da dissertação, permitem a criação de lugares desenhados com um propósito e significado, ao invés de espaços consequentes de um pensamento generalizado e pouco humano.

O que se aplica ao pensamento até aqui defendido para o desenho de um campo de refugiados, aplica-se igualmente a soluções transitórias e permanentes que permitam o acolhimento destas pessoas de forma duradoura e digna. A questão não reside apenas na escolha entre o campo e qualquer outra alternativa, mas na capacidade de conceber espaços que possam responder à diversidade, à transformação e à duração imprevisível das situações de deslocação.

3.3 (RE)PENSAR

"As intervenções de refugiados evidenciam as falhas do desenho humanitário, tornando visível que atender apenas as necessidades básicas não é suficiente."[153]

Não se coloca em questão a necessidade de uma resposta imediata perante um cenário de emergência humanitária, que se pode materializar num campo de refugiados. No entanto, estes espaços excedem as capacidades do seu planeamento e da sua estrutura quando vividos a longo prazo, expondo progressivamente as falhas consequentes da sua experiência prolongada. Estas questões, que se colocam precisamente na passagem da emergência para a permanência, estão relacionadas com a perda de identidade, cultura e da própria dignidade humana.

A conjuntura atual parece apontar para a necessidade de uma mudança de pensamento e reinterpretação destes espaços. O sistema que se propõe tenciona integrar os habitantes no processo de planeamento e posterior evolução do campo. Acredita-se que uma resposta às falhas identificadas nos modelos de campo vigentes deve considerar a apropriação do espaço por parte dos seus residentes, promovendo práticas comunitárias e de manutenção da identidade do grupo.

O ABRIGO

"Quando a prática diária que tinham tornou as suas mãos totalmente capazes à construção, e por exercitarem os seus talentos numa inteligente ingenuidade, conseguiram aproximar-se às artes através da prática. (…) A natureza não apenas proveu as pessoas de sentidos como os restantes animais, mas também armou as suas mentes com ideias e planos (…) e então através do ato de construir eles progrediram, passo a passo, para as outras artes e disciplinas, o que levou a que saíssem de uma vida bruta e primitiva para uma humanidade gentil."[154]

A palavra *abrigo* carrega um debate que terá começado com a nossa própria consciência enquanto humanos e que se prolonga até aos dias de hoje. Vitruvius, nesta amplamente visitada passagem sobre a cabana primitiva, aborda a relação que existe entre o homem, a Humanidade e o *abrigo*, enquanto forma pensada e intencional.

A mesma noção é explorada em Genius Loci, por Norberg-Schulz:

"*Quando Deus diz a Adão: 'deverás ser um fugitivo e explorador na Terra' põe-no perante o seu mais básico problema: transpor o limite e restituir o lugar perdido*."[155] Uma vida plena, naquilo que é o *ser* humano, implica esta procura pelo lugar, por um espaço de pertença e que transcende o mero *refúgio*.

Os conceitos de abrigo, de espaço e de lugar, são parte de uma gramática arquitetónica já largamente debatida, conforme exposto em capítulos anteriores. No entanto, as áreas às quais são aplicados parecem ser relativamente restritas, não transpondo a barreira que existe entre o fora e o dentro dos campos de refugiados. "(…) *o 'abrigo' em si parece demasiado material,*

---

153 Aksamija, Azra, Majzoub, Raafat and Philippou, Melina (2021) Design to Live. p.13.

154 Vitruvius. (1999). *Ten books on architecture* (I. D. Rowland, Trad.). Cambridge University Press. (Obra original publicada ca. 15 a.C.) p.35.

155 Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli. p.23.

demasiado banal, com uma escala demasiado pequena e técnica para gerar assunto suficiente para interesse académico."[156]

Se não pela natureza primariamente de emergência, mas também por desinteresse financeiro e político, os abrigos dos campos de refugiados são pouco, ou mesmo nunca, material de estudo para a arquitetura.

Alguns dos trabalhos que existem, com um impacto direto e positivo nos campos, foram já mencionados. Um dos exemplos de maior relevância é o abrigo desenvolvido numa parceria entre a UNHCR e a IKEA, que originou o BetterShelter, uma estrutura projetada em 2009 por uma equipa multidisciplinar, que pretendia resolver algumas das principais falhas dos abrigos até aí disponíveis, nomeadamente a sua durabilidade, desempenho térmico e montagem. Este sistema já foi utilizado em mais de 90 países e abriga atualmente cerca de 466 mil pessoas, com um feedback aparentemente positivo quer das organizações quer dos seus utilizadores.

"A ideia era simples, até ingénua: e se as famílias deslocadas pudessem construir o seu abrigo da mesma forma que constroem uma estante Billy?"[157]

Existe um conjunto de parâmetros para a utilização, planeamento e regulamentação dos abrigos, definidos por projetos e organizações como o The Sphere Handbook[158] ou o próprio Handbook for Emergencies da UNHCR.[159]

A questão que permanece, suportada pela investigação desenvolvida ao longo deste estudo, é que uma solução, ainda que em cumprimento destas normas, poderá não satisfazer as necessidades sociais e humanas que advêm da concessão do abrigo como habitação a médio e longo prazo. Relembre-se que mais de 60% da população refugiada é forçada a permanecer deslocada por períodos superiores a 5 anos.

O contexto em que estas crises acontecem é um fator determinante para o desenvolvimento de uma solução arquitetónica, assim como em qualquer projeto. Pela vasta diversidade de circunstâncias que os diferentes campos apresentam, não é possível traçar um plano generalizado. Os problemas associados à habitação dos campos de refugiados advêm precisamente da universalização de respostas.

Deste modo, o *projeto* parte de um número quase ilimitado de condições que deve considerar, exigindo uma solução aberta e de grande adaptabilidade, acompanhada de um necessário estudo prévio e singular a cada situação aquando do seu planeamento. Isto não significa, contudo, que não seja possível estabelecer princípios e métodos orientadores de trabalho.

---

[156] Scott-Smith, T. (2022). Places of partial protection: Refugee shelter since 2015. Routledge. p.1.

[157] Better Shelter. (n.d.). Humanitarian design: When visions collide with practice—and what to do about it. Better Shelter. https://bettershelter.org/humanitarian-design-when-visions-collide-with-practice-and-what-to-do-about-it/

[158] Sphere Project. (2011). Humanitarian charter and minimum standards in humanitarian response (3rd ed.). Sphere Project.

[159] United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (n.d.). *Safe and secure settlements.* UNHCR Emergency Handbook. https://emergency.unhcr.org/emergency-assistance/settlement-and-shelter/guidance-settlements/safe-and-secure-settlements

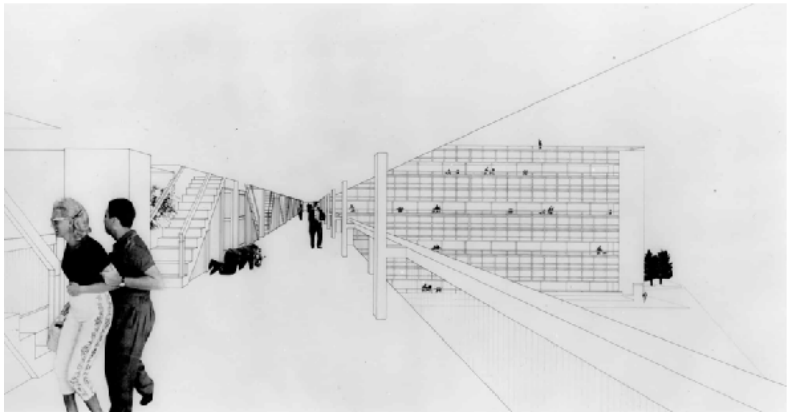


Fig. 85
"The Golden Lane"
'Street-in-the-air'
Colagem de Alison e Peter Smithson, para o projeto de habitação Golden Lane, competição para reconstrução de uma zona de Londres parcialmente destruída pela guerra, 1952. Projeto que pretendia acolher uma grande densidade populacional, mantendo uma relação de qualidade com a rua e espaço público.



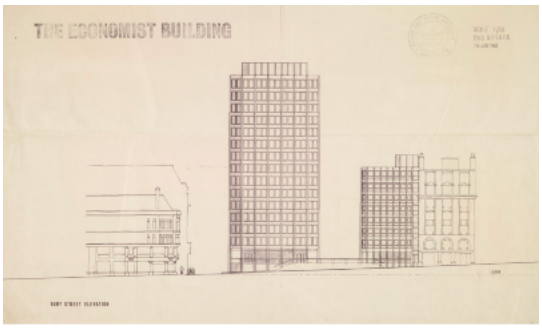


Fig. 86 I 87
"The Economist Building"
Projetado pelo casal Smithson, através de um processo de desenho de caráter aberto. A intenção era explorar a relação do edifício com o espaço urbano e residentes.

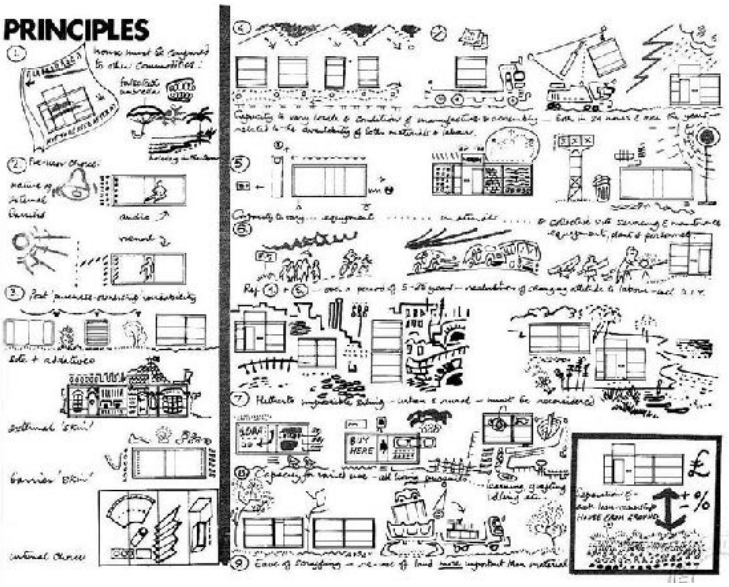


Fig. 88
Cedric Price, 1971
apresenta uma visão radical que aborda a casa como um bem de consumo temporário e adaptável, rejeitando a noção tradicional de habitação permanente.
O manifesto defende a flexibilidade modular total, a montagem industrial rápida e a separação entre o custo do edifício e a propriedade da terra.

Apesar desta imprevisibilidade, o programa é uma variável passível de traçar e definir, uma vez que podem ser identificados espaços integrantes da gramática de uma habitação temporária, transitória ou permanente. Não obstante esta *simplificação* do programa, é indispensável que a sua organização e disposição sejam maleáveis para uma apropriação espacial conforme as necessidades da comunidade que está a servir.

Nos casos de estudo, a ação e adaptação dos espaços por parte dos residentes é notável. Mesmo em situações de maior limitação, a ocupação do espaço altera-se conforme o prolongar da estadia no campo. Adicionalmente, também se verifica que a área alocada para cada grupo ou família mantém-se tendencialmente inalterada ao longo dos anos. Por esta razão, ao sobrepor os desenhos do planeamento inicial com o das habitações atuais, parece existir uma correspondência.

A problemática identificada neste contexto pode ser comparada à de uma crise habitacional, pela escassez de recursos e de espaço disponível para alojar um elevado número de pessoas. O debate em torno da crise da habitação constitui uma questão central no pensamento e na prática arquitetónica, particularmente desde o início do século XX, período marcado pela procura de novas soluções para a crescente pressão pressão sentida nos principais centros urbanos.

"As sensibilidades foram-se transformando progressivamente desde a década de 1950, quando (através do trabalho do Team 10[160] em particular) uma fase anterior do modernismo foi largamente ultrapassada pela atenção ao modo como as comunidades humanas realmente funcionam, em vez de como deveriam funcionar."[161]

Uma crescente atenção sobre formas de integração dos habitantes no processo de projeto e posterior utilização da habitação e da própria cidade levaram ao desenvolvimento de experiências que valorizavam a apropriação do espaço e a criação de lugares com uma impressão identitária de cada comunidade. Foram princípios desenvolvidos por um grupo de arquitectos como Alison e Peter Smithson que concretizaram estas ideias no seu trabalho, em obras como o The Economist Building, projetado em Londres, em 1959.

"Neste momento a sociedade pediu aos arquitetos para construir estas novas casas para eles. (…) Podemos ter que repensar totalmente toda a situação. Se calhar só nos deviam pedir para reparar os telhados e acrescentar uma casa de banho àquelas casas antigas industriais e deixar as pessoas como estão e tratar tudo com demolições e felicidade para que ninguém precise mais de se preocupar."[162]

"Nós sentimos a obrigação de garantir a melhor qualidade possível, independentemente do que as pessoas esperam."[163]

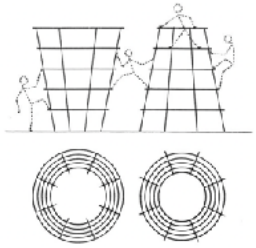
---

[160] Grupo internacional de arquitetos que surgiu nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) e que se reuniu a de 1953 para reformular e criticar os rumos do movimento moderno na arquitetura.

[161] Sadler, S. (2000). Open ends: The social visions of 1960s non-planning. In J. Hughes & S. Sadler (Eds.), *Non-plan: Essays on freedom, participation and change in modern architecture and urbanism.*Architectural Press. p.138.

[162] Smithson, A. em Johnson, B. S. (Director). (2013). *The Smithsons on housing* [Video]. YouTube. https://youtu.be/UH5thwHTYNk?si=mOcvFrYrf4appeOv

[163] Smithson, P. em Johnson, B. S. (Director). (2013). *The Smithsons on housing* [Video]. YouTube https://youtu.be/UH5thwHTYNk?si=mOcvFrYrf4appeOv





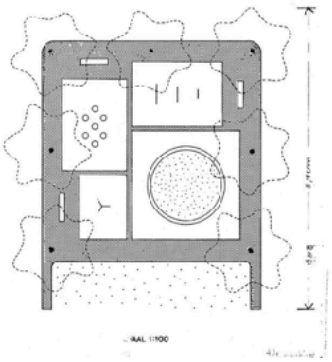
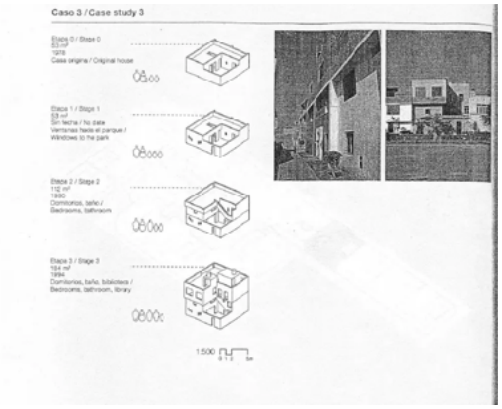




Fig. 89
Playground de Zaanhof
1948-1950.
Explora a importância das crianças na identidade das ruas, bem como o aproveitamento dos intersticiais da cidade.





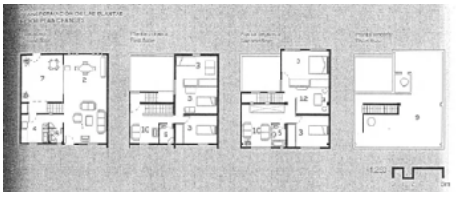


Fig. 90
¡El tiempo construye! Time Builds!
El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: Génesis y desenlace.
García-Huidobro, F., Torres Torriti, D., & Tugas, N.
2008

Fig. 91
Caso de estudo 3
Análise da evolução de uma habitação ao longo de 3 etapas, desde a sua construção à disposição final.
Desenho inicial previsto para 2 adultos, 2 crianças pequenas e 1 criança de colo.
Desenho final com capacidade para 4 adultos e 1 criança.

Outros membros do Team 10 e arquitetos que se associaram a esta discussão, como Aldo Van Eyck ou Cedric Price, questionaram o papel convencional do arquiteto procurando integrar as dimensões sociais e humanas no processo de projeto. Através da prática e da reflexão teórica, desenvolveram propostas que exploravam novas formas de relação entre espaço, utilizador e sociedade, com particular particular relevância na apropriação e transformação do espaço.

Esta corrente de pensamento arquitetónico influenciou, mais tarde, projetos de habitação experimentais ou que envolviam a participação dos habitantes, como o SAAL em Portugal, e outras obras que se tornaram relevantes analisar para este estudo, onde foram identificados princípios transponíveis aos campos de refugiados.

Um destes casos é o PREVI,[164] em Lima. No início da década de 60, o arquiteto britânico Peter Land foi convidado pelo governo peruano e pelas Nações Unidas para pôr em curso um projeto experimental para a resolução do défice habitacional sentido na capital.

Com recursos e espaço limitados, é desenvolvido um sistema de construção numa lógica incremental que permite aos moradores participarem e adaptarem as habitações às suas necessidades, conforme a disponibilidade de recursos em cada momento. Partindo da necessidade da construção de novos bairros para realojar estas famílias, foram pensadas diversas formas de distribuir e ocupar o espaço através de uma mesma lógica: explorar a ideia da criação de um módulo que permitisse a sua expansão futura, primando a manutenção da escala humana.[165] Um fator determinante seria também a participação dos residentes nesta evolução e no desenvolvimento das próprias habitações.

Estes conceitos são depois explorados pelo atelier ELEMENTAL, no Chile, também com projetos de habitação participativa onde este sistema de construção incremental representa uma determinante para a sua execução e para a garantia de condições dignas para famílias em situação de carência habitacional.

"1/2 casa boa ≠ 1 casa pequena".[166]

No projeto chileno era privilegiada a qualidade da habitação de cada agregado em detrimento da sua dimensão. Assim, em ambos os casos, foram planeados bairros onde a área definida para cada família não estava integralmente construída, mas garantia-se a sua evolução a partir de uma base consolidada. A aplicação dos princípios subjacentes a estas experiências poderá fazer sentido no contexto dos campos de refugiados. Formas de arquitetura participativa e incremental podem representar estratégias para responder à incerteza do tempo da permanência.

---

[164] Proyecto Experimental de Vivienda

[165] García-Huidobro, F., Torres Torriti, D., & Tugas, N. (2008). ¡El tiempo construye!: El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: Génesis y desenlace.

[166] Aravena, A., & Iacobelli, A. (2012). Elemental: Incremental housing and participatory design manual. Hatje Cantz. p.17.

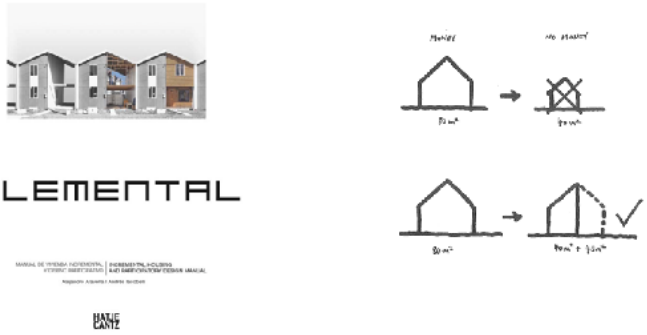


Fig. 92
ELEMENTAL: Incremental housing and participatory design manual.
Aravena, A., & Iacobelli, A.

Fig. 93
Esquema relativo ao princípio de que "*1/2 casa boa ≠ 1 casa pequena*"

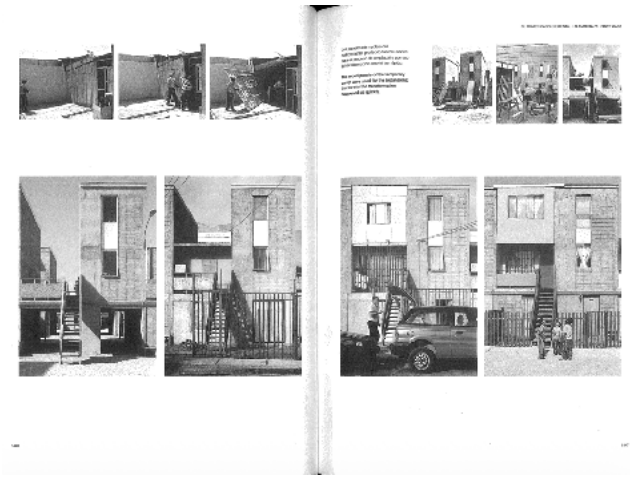


Fig. 94
Quinta Monroy, Iquique 'Primeiro caso Elemental' Conjunto de registos fotográficos com a evolução da construção das habitações do programa ELEMENTAL no Chile

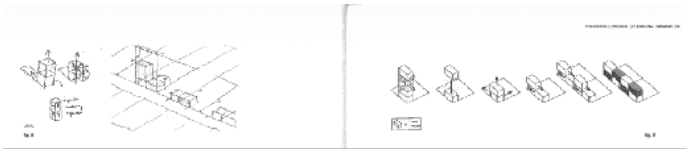


Fig. 95
Conjunto de esquemas que exploram os princípios de desenho defendidos para o programa de habitação ELEMENTAL





Fig. 96
Conjunto Naked House, de Shigeru Ban. Casos de estudo projetados no Japão, no ano 2000

"Quando perguntei à minha avó sobre a sua definição de participação, senti que ela já queria que alguém lhe tivesse colocado esta questão para poder falar sobre tantas coisas que pareciam marginalizadas. Falou sobre como ela e os seus vizinhos eram felizes juntos; disse, por exemplo, que se um homem do campo quisesse construir uma casa, todos os vizinhos e residentes do campo, homens ou mulheres, se juntariam para o ajudar a construir a sua casa."[167]

A extrapolação desta lógica participativa para os campos encontra, no entanto, obstáculos à sua regulamentação e implementação, nomeadamente de financiamento e apoio. Não deve, no entanto, ser desconsiderada como parte de uma solução integral aos desafios espaço-temporais.

Projetos como as Naked Houses de Shigeru Ban, no Japão, experimentaram formas de apropriação espacial desenhadas para satisfazer as diferentes necessidades de três gerações, através da flexibilidade dos elementos que compõem a habitação. Mais recentemente, e com o mesmo nome, os OMMX, desenvolveram um módulo habitacional que permite uma quase total adaptação do espaço interior, moldando-se às necessidades dos seus residentes.

"Como as necessidades e climas se alteram de forma imprevisível, as estruturas que falham em adaptar-se e falham as pessoas que as utilizam. Desenhamos espaços de 'ajuste flexível' (loose fit) que evoluem em conjunto com as comunidades que servem."[168]

Esta adaptabilidade ao espaço e ao tempo poderá integrar também uma resposta à problemática habitacional dos campos de refugiados.

Assim como em bairros urbanos, os campos de refugiados dispõem de uma área limitada para uma grande densidade populacional. No caso dos campos, ainda que o número de residentes possa ser inicialmente mais reduzido, a tendência é que exista um aumento, não apenas pelo crescimento das famílias, mas também por novas chegadas. Realidade difícil de prever que deve ser atendida no desenho e planeamento.

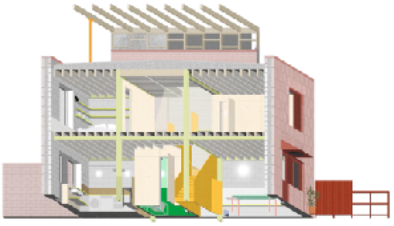
O parcelamento do terreno e distribuição de lotes, ao invés da simples alocação de tendas, pode representar um mecanismo diferenciador numa primeira fase. Organizar o espaço considerando apenas a disposição das tendas, conforme normas de segurança ou de maximização da área disponível, incorre muitas vezes na indefinição do *espaço público*, criando vazios, ou ainda num mau planeamento e descontrolo aquando de novas construções.

Propõe-se, nesta fase inicial, uma divisão do terreno disponível para habitação em parcelas que possam ser alocadas a cada família. Podem então, nestes espaços, ser montadas as tendas temporárias. Estas áreas deverão ser pensadas para diferentes disposições, com dimensões que permitam a construção de um, dois ou três abrigos de forma a não separar grupos da mesma família, já que o número de pessoas de cada agregado e as suas necessidades podem diferir.

---

[167] Testemunho de Bisan Al-Jaffari em Hamouz, N., Al-Jaffari, B., Al-Turshan, A., Pellegrini, S., & Racco, G. (2013). *Participation.* Campus in Camps. https://www.campusincamps.ps/wp-content/uploads/2013/02/participation.pdf?utm_source=chatgpt.com

[168] OMMX. (n.d.). Building for change. https://officemmx.com/building-for-change/





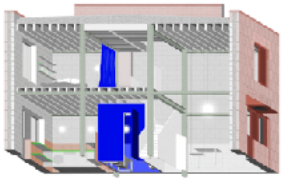




Fig. 97
OMMX, *Naked House*
Enfield, Londres.
Estudos para habitação concebida como estrutura evolutiva, permitindo diferentes configurações e adaptações do espaço às necessidades dos seus habitantes.

Fig. 98
OMMX, *Naked House*,
Enfield, Londres, 2017.
Interior da habitação na sua configuração inicial, com uma estrutura aberta à apropriação e transformação pelos habitantes.



Fig. 99
Cedric Price, *Housing Research*, 1967–1971.
Estudos de diferentes configurações habitacionais e da ocupação dos espaços em função da composição familiar e dos diferentes momentos do dia.

O lote, tal como nas nossas cidades, pode dividir-se ou agregar-se e passa a constituir o suporte físico para a evolução da habitação. A definição de uma área de apropriação desde o primeiro momento permite que a unidade habitacional possa crescer, reorganizar-se ou ser complementada sem comprometer a estrutura geral do campo. Simultaneamente, contribui para estabelecer uma relação mais clara entre espaço privado, espaço comum e espaço público.

As áreas, que dependem das necessidades, do espaço disponível e das circunstâncias de cada situação, deverão prever a evolução dos abrigos temporários para construções permanentes. Uma potencial transformação e adaptação de cada unidade habitacional deverá estar assegurada logo numa fase inicial, mesmo que o prolongamento da vida no campo não se venha a verificar.

Esta proposta defende a importância do desenho e definição de um projeto para o crescimento planeado e informado do espaço habitado, numa lógica de construção incremental e participativa, conforme acontece nas obras mencionadas.

Ainda que existam grandes entraves ao transporte ou aquisição de materiais para este processo de transformação do campo, a qualidade e integridade das habitações não deve ser posta em causa. A disponibilidade dos recursos irá inevitavelmente marcar o ritmo desta evolução, evidenciando a importância de um sistema pré-definido.

Partindo do pressuposto que todos os campos são construídos como uma solução temporária, os dispositivos que são utilizados num primeiro momento serão sempre de natureza efémera. Um novo desenho de distribuição e planeamento não deverá excluir a possibilidade de um desmantelamento do campo a curto prazo. Contudo, deve garantir também uma solução em conformidade com a realidade hoje experienciada nos campos.

Na prática, uma resposta pensada a partir da disciplina da arquitetura não se deve cingir ao planeamento inicial, mas antever e acompanhar toda a evolução do campo.

O CAMPO

"Se algo é incerto, nós chamamos crise ou pânico. As crises continuam a reaparecer. A menos que a arquitetura perceba que uma incerteza calculada é um dos melhores geradores daquilo que deveria estar a fazer, então a profissão não tem futuro. Mas eu acho que tem."[169]

Cada desafio que um campo apresenta é uma oportunidade de colocar sobre a mesa de trabalho questões normalmente postas em segundo plano, ou até mesmo de parte, proporcionando a possibilidade de apresentar novas soluções. Não se pretende, com este estudo, chegar a uma resposta fechada. Pretende-se antes perceber onde se encontra ou pode encontrar a arquitetura dentro de um campo, propondo melhorias ou mudanças que permitam gerar lugares mais humanos, pensados para serem vividos por aqueles que estão a servir. Uma solução definitiva ou demasiado concreta poderia resultar nos erros já identificados nos modelos existentes.

[169] Hardingham, S. (Ed.). (2016). Cedric Price Works 1953–2003: A forward-minded retrospective (Vols. I–II). London: Architectural Association. vol.II p.79.

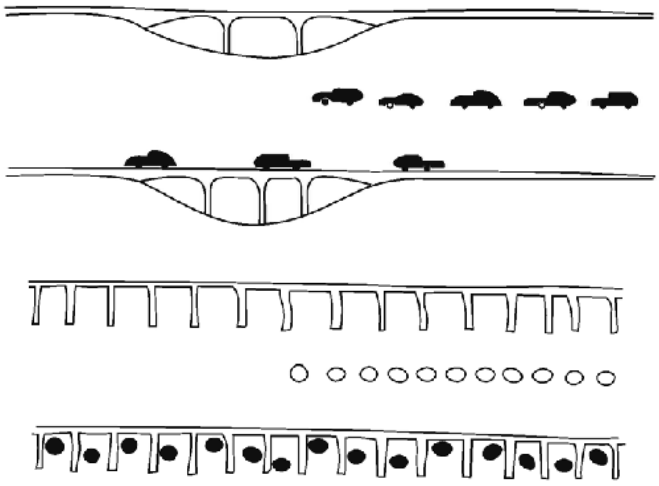


Fig. 100
N. John Habraken
Ilustrações utilizadas por Habraken no artigo «Three R's for Housing», publicado na revista Forum.
Habraken comparava a arquitetura habitacional com uma estrada, onde os automóveis individuais seguem as regras da estrutura.

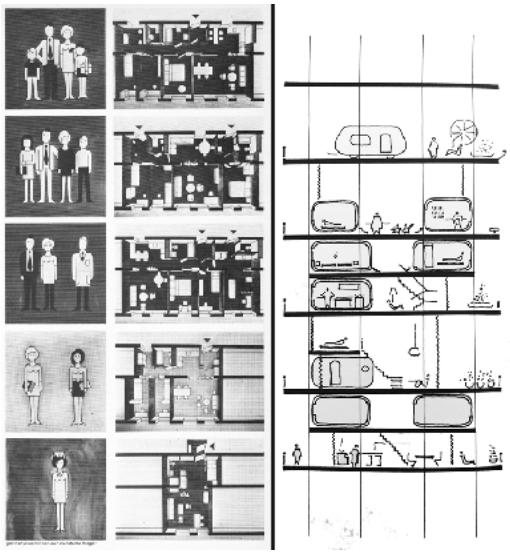
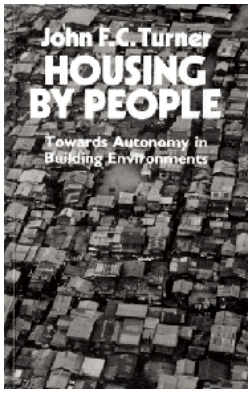


Fig. 101
N. John Habraken, plantas e ilustrações de unidades distintas destinadas a acomodar diferentes tipos de habitantes.
À esquerda, cartaz de apresentação para a exposição «Habitação» em Eindhoven, 1969.
À direita representação do princípio suporte-preenchimento (*support-infill*) para um livro não publicado 1963.



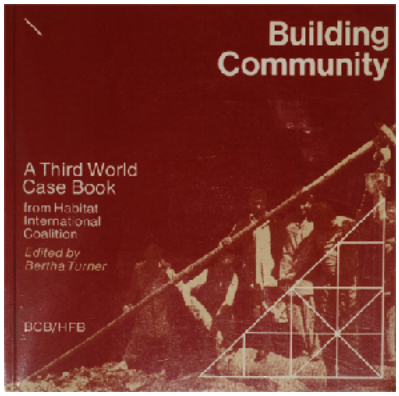


Fig. 102
Housing by people: Towards autonomy in building environments
Turner, J. F. C. (1976)

Fig. 103
Building community: A Third World case book
Turner, J. F. C. (1988)

Neste sentido, não se propõe um modelo universal de campo, mas um conjunto de princípios capazes de informar diferentes respostas de acordo com cada contexto. A arquitetura deverá estabelecer as condições para a transformação do espaço, em vez de determinar uma única forma de o habitar.

O pensamento de um campo como um espaço urbano, desde um primeiro momento e não como consequência da sua permanência, está na base desta proposta. Se a permanência acaba inevitavelmente por produzir transformações espaciais, estas podem ser parcialmente antecipadas através do planeamento, sem que isso signifique assumir à partida que o campo não será temporário.

O desenho do *vazio* deverá ser tão importante quanto o dos abrigos. Se por um lado devem ser valorizados o conforto e humanização das unidades habitacionais, o remanescente espaço deverá estar em conformidade. Estas áreas sobrantes entre estruturas deverão definir-se como espaços de circulação, encontro, apropriação e relação entre os residentes, estabelecendo diferentes graus entre o privado, o comunitário e o público.

Em situações que se prevêem de longa duração, existem infraestruturas necessárias ao funcionamento do campo que podem ser incorporadas no planeamento inicial. A distribuição de água, o transporte, quer de pessoas quer de mercadorias ou de resíduos, ou ainda as redes elétrica e de telecomunicações, embora não necessariamente presentes numa situação de emergência, deverão estar previstas e pensadas para que, numa eventual transição para uma situação duradoura, sejam prontamente resolvidas e não improvisadas.

A dependência inerente dos residentes às organizações presentes nos campos gera graves problemas sociais, nomeadamente de perda de autonomia e autodeterminação. Apesar desta questão estar enraizada no modo de atuação nos campos e ser consequência de decisões políticas para controlo das populações migrantes, a arquitetura pode ser um interveniente relevante na sua resolução, ainda que parcial.

"Autonomia significa auto-gestão inter-dependente e não auto-suficiência independente, como pensam aqueles que confundem este conceito com autarquia. As capacidades próprias, desaproveitadas, das pessoas e das organizações de base comunitária não podem ser utilizadas como justificações para transferir responsabilidades governamentais."[170]

John Turner é um dos principais nomes por detrás das lógicas e correntes de pensamento anteriormente expostas, que releva a importância da integração das comunidades na prática da arquitetura. Questiona a relação hierárquica entre quem projeta e quem habita, onde convencionalmente o arquiteto definiria a forma de habitar das pessoas que está a servir. Por oposição, defendia que a arquitetura deveria partir da própria sociedade, uma vez que as pessoas já desenvolvem os próprios modelos de habitação quando os governos ou os próprios arquitetos as falham.

---

[170] Turner, J. F. C. (1988). An introductory perspective. In B. Turner (Ed.), *Building community: A Third World case book*. Building Community Books. p.14

"Aqueles que conhecem, em primeira mão, (…) estão cientes que fazem as coisas que fazem porque têm esperança. No entanto, muitos governos ainda temem a organização e ações das próprias pessoas, das quais o verdadeiro desenvolvimento e o futuro do mundo dependem. A supressão explícita da iniciativa local, por regimes abertamente repressivos, e a sua inibição por governos discretamente repressivos são expectáveis."[171]

Turner sugere uma prática arquitetónica que poderá estar na base do planeamento dos campos de refugiados, numa resposta integral que também reveja a organização do espaço entre abrigos.

A inexistência, à partida, da projeção de espaços comunitários e de desenvolvimento, quer de trabalho quer de auto-sustento, como oficinas, hortas, quintas ou outras estruturas, agrava a situação nos campos, enfatizando os problemas sócio-económicos e alienando os residentes do próprio lugar. Esta lógica de inclusão dos refugiados na manutenção e sustentabilidade do campo pode ser considerada através de normas e ações promovidas pelas entidades reguladoras do campo, mas também impressas no desenho e organização do espaço.

Ao propor a criação destas estruturas, ou o seu planeamento desde uma fase prematura, pretende-se criar a possibilidade de integração prática e significativa dos residentes e sua consequente inter-relação com as organizações para o funcionamento do campo. Estes mecanismos de auto-sustento e produção poderão garantir melhores condições de habitabilidade, bem como de dignidade humana.

Passa a existir a possibilidade de criação de ocupação ou mesmo de emprego para refugiados dentro do próprio campo, com base numa solução que também é arquitectónica, colmatando algumas desigualdades inerentes que existem na distribuição de recursos pelos agregados familiares ou grupos na comunidade residente. Em muitos campos, é possível a aquisição de autorizações de trabalho em cidades vizinhas. Ainda assim, esta realidade não é transversal e tem, por norma, entraves na sua concretização e abrangência a todas as pessoas no campo.

"Assim como os problemas fundamentais, a questão da crise habitacional é de relações mútuas. É, então, necessário que consideremos habitação como uma totalidade de eventos, que não podem ser observados significativamente de forma isolada uns dos outros. Estamos a lidar com forças mutuamente relacionadas de todos os lados da sociedade e com os quais, se tudo correr bem, agem em equilíbrio. A ação destas forças é um conceito a que chamamos de habitação e aos resultados tangíveis podemos chamar de cidades ou abrigos."[172]

Esta narrativa de participação e integração é também defendida por Nicolaas Habraken, que explica a necessidade de uma resposta integral ao problema da habitação, incorporando todas as partes na definição de um todo.

A abordagem que se propõe para os campos de refugiados pretende implementar um sistema que impulsione a criação de riqueza permitindo, por exemplo, uma posterior aquisição de bens materiais de forma a viabilizar a adoção de um modelo incremental e participativo de habitação. A

---

[171] Turner, J. F. C. (1988). An introductory perspective. In B. Turner (Ed.), *Building community: A Third World case book*(pp. 13–14). Building Community Books. p.14

[172] Habraken, N. J. (1972). Supports: An alternative to mass housing. Architectural Press. p.5

disponibilidade de recursos a longo prazo, não dependente apenas de entidades externas, permitiria repensar os campos numa lógica de evolução espaço-temporal.

Uma vez identificadas estruturas que devem constar no planeamento inicial, ainda que não necessariamente construídas nos primeiros anos, é importante pensar no seu posicionamento, bem como na sua relação com a área habitacional do campo e com as próprias pessoas.

Apesar das semelhanças formais, a escala de um campo de refugiados é diferente daquela que se observa nas grandes cidades, sobretudo em situações com acesso restrito a recursos materiais. A deslocação das pessoas é predominantemente pedonal, tornando as distâncias temporalmente maiores.

A distribuição dos espaços comuns e de trabalho, ou de estabelecimentos de prestação de serviços, deve ser pensada considerando esta escala humana, assim como acontece nas experiências já mencionadas. O distanciamento e a relação entre estas estruturas e as áreas habitacionais devem ser definidos com base na diversidade de pessoas e no igualmente complexo espectro de níveis de mobilidade. Os mesmos princípios de proximidade que se procuram implementar em modelos urbanos contemporâneos podem ser estudados e eventualmente aplicados nos campos. O objetivo é precisamente aproximar a comunidade local através de uma coesão espacial, de forma a imprimir um impacto social e humano positivo.

Modelos testados em cidades europeias possibilitam a utilização de um mesmo espaço ou estrutura para diversas atividades, como escolas que se transformam em parques comuns quando não estão em funcionamento. Aplicada aos campos de refugiados, esta lógica permitiria maximizar a ocupação das áreas disponíveis e aumentar a oferta de estruturas e serviços. Amplia -se ainda a capacidade de decisão e escolha das comunidades sobre o espaço que ocupam.

"Apenas quando as pessoas põem em prática as suas necessárias liberdades, o planeamento e construção ou melhoria, gestão e manutenção das casas e bairros podem tornar-se veículos para a construção de comunidades."[173]

Pensar o campo como espaço habitado implica reconhecê-lo como uma permanente procura e construção de um lugar. É necessário perceber e reproduzir relações sociais, espaços coletivos e condições que permitam a autodeterminação e autonomia dos seus residentes. A introdução de modelos incrementais, sistemas participativos e estruturas com capacidade de adaptação ao longo do tempo permite pensar o campo como uma realidade em constante transformação.

Neste sentido, a arquitetura não se deve limitar ao planeamento e desenho inicial do espaço, mas acompanhar a sua evolução, estabelecendo as condições para que o campo possa responder às transformações da população, dos recursos e do tempo.

"Apenas um sistema de lugares com significado possibilita a verdadeira vida humana."

Transformar espaços em lugares.

---

[173] Turner, J. F. C. (1988). An introductory perspective. In B. Turner (Ed.), *Building community: A Third World case book*. Building Community Books. p.16



Fig. 104
"Nunca viram outra envolvente, outra casa"
Documentário: Campo de Refugiados de Zaatari na Jordânia: 10 anos, para marcar uma década de existência do campo, 2022



Fig. 105
"a ideia correta não é melhorar o campo, mas acabar com ele."
Documentário: Campo de Refugiados de Zaatari na Jordânia: 10 anos, para marcar uma década de existência do campo, 2022

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Para mais de 60 milhões de pessoas no mundo hoje, abrigo é definido por um movimento ou fuga constantes."[174]

Com recurso a diversas abordagens, numa tentativa de aproximar a arquitetura à realidade atual dos campos de refugiados, procurou-se compreender de que forma se poderia intervir numa realidade imprevisível, onde a linha entre a emergência e a permanência é ténue e muitas vezes desvanece.

Apesar de serem concebidos como solução temporária, tornou-se importante reconhecer que as circunstâncias atuais consolidaram os campos de refugiados no tempo e no espaço, expondo as limitações dos modelos até aqui adotados. A escala temporal inicialmente prevista deixa de corresponder à duração efetiva da permanência, a organização espacial orientada para necessidades imediatas passa a acolher formas de habitar mais complexas e os abrigos pensados como estruturas mínimas são adaptados às novas exigências.

Esta transformação criou o fio condutor de toda a investigação. Estudar o campo de uma perspetiva meramente funcional e pragmática deixa de fazer sentido, exigindo-se uma resposta que integre as novas relações sociais e formas de habitar o espaço consequentes desta permanência. Assim, era evidente que a discussão em torno dos campos de refugiados ultrapassaria questões exclusivamente políticas ou logísticas, podendo carecer de um olhar da arquitetura, reimaginando o próprio processo de projeto e planeamento do campo. A possibilidade de transformação deve ser integrada desde o momento inicial e acompanhar a evolução do campo, prevendo alterações no tempo e no espaço através de um pensamento necessariamente arquitetónico.

Compreendeu-se que muitas das fragilidades existentes nestes contextos resultam da permanência de modelos desenhados exclusivamente para situações de emergência imediata.

O abrigo mínimo, a organização rígida do espaço, a repetição de soluções padronizadas e a ausência de capacidade de adaptação que caracterizam as respostas concebidas segundo uma lógica temporária, falham no panorama atual de permanência prolongada.

A noção de abrigo não se pode limitar à sua dimensão literal e funcional. Habitar implica também pertença, identidade, privacidade, apropriação e possibilidade de transformação. A passagem de espaço a lugar, que acompanha toda a investigação, depende precisamente da possibilidade de criação de relações humanas e formas de vida que transcendam a mera sobrevivência.

Mais do que procurar uma solução formal única para o abrigo e para o campo, este estudo pretendia identificar a relevância de sistemas capazes de acolher a mudança, o tempo e a imprevisibilidade como parte integrante do próprio processo projetual.

Os casos analisados permitiram demonstrar que a arquitetura está presente de forma inerente nos campos de refugiados. Evidenciam a importância de uma resposta aberta, capaz de evoluir em função das necessidades dos seus residentes, bem como a relevância da participação e apropriação por parte das comunidades.

---

[174] The Museum of Modern Art (MoMA). (2016, October 1–2017, January 22). *Insecurities: Tracing displacement and shelter.* Organized by S. Anderson & A. Dionne-Krosnick. MoMA. https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1653

A transformação espontânea dos campos, observada nos diferentes exemplos, demonstra que existe uma constante procura por adaptar o espaço, mesmo quando o planeamento inicial não prevê essa possibilidade.

Assim, não se pretende defender uma solução universal para os campos de refugiados. Pelo contrário, torna-se claro que a complexidade destas situações inviabiliza uma resposta única ou modelos rígidos aplicáveis em diferentes contextos culturais, sociais ou territoriais. A arquitetura surge, então, como uma disciplina capaz de apresentar sistemas flexíveis e progressivos, a fim de responder a diferentes escalas temporais e humanas.

A investigação permitiu igualmente perceber que a condição temporária não deve justificar a ausência de qualidade espacial, conforto ou dignidade.

A ideia de transitoriedade tem servido, muitas vezes, para legitimar soluções mal planeadas que acabam por permanecer durante décadas. Quando o provisório se prolonga indefinidamente, torna-se necessário repensar os modelos existentes.

Mais do que resolver definitivamente o problema dos campos de refugiados, importava compreender de que forma a arquitetura poderia representar um fator diferenciador na melhoria das condições de acolhimento destas populações. Como referido ao longo da dissertação, talvez a questão não passe apenas por melhorar o campo, mas por repensar criticamente a sua própria existência.

Assim, esta investigação procura afirmar a arquitetura como uma disciplina necessariamente presente nestes contextos de permanente transformação, reconhecendo o tempo, a mudança e a adaptação não como obstáculos, mas como matéria de projeto. Num cenário atual marcado por deslocações forçadas e crescente instabilidade, pensar arquitetonicamente estes territórios torna-se tão pertinente quanto necessário.

No espaço que existe entre a sobrevivência e a permanência, entre abrigos e pessoas, há lugar para a arquitetura.

"Apenas a poesia em todas as suas formas (como 'a arte de viver') torna significativa a existência humana. A arquitetura pertence à poesia, e o seu propósito é ajudar o homem a abrigar."[175]

[175] Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli. p.28.

REFERÊNCIAS

Aburamadan, R. (2022). Refugee-led socio-spatial organization in Al Baqa'a camp, Jordan. City, Territory and Architecture.

Agier, M. (2002). Between war and city: Towards an urban anthropology of refugee camps. Ethnography. https://www.jstor.org/stable/24048113

Ahmed, S. (1999). Home and away: Narratives of home and estrangement. International Journal of Cultural Studies.

Aksamija, A., Majzoub, R., & Philippou, M. (Eds.). (2021). Design to live: Everyday inventions from a refugee camp. MIT Press.

Aravena, A., & Iacobelli, A. (2012). Elemental: Incremental housing and participatory design manual. Hatje Cantz.

Arendt, H. (1958). The human condition. University of Chicago Press.

Better Shelter. (n.d.). Humanitarian design: When visions collide with practice—and what to do about it. https://bettershelter.org/humanitarian-design-when-visions-collide-with-practice-and-what-to-do-about-it/

Better Shelter. (n.d.). Sheltering in camps: Kutupalong and Balukhali camps, Bangladesh. https://bettershelter.org/sheltering-in-camps-kutupalong-and-balukhali-camps-bangladesh/

Campus in Camps. (n.d.). About. https://www.campusincamps.ps/about/

Danish Refugee Council. (n.d.). Azraq refugee camp. https://drc.ngo/11483

Ferreira, J. V., Ferreira, S. M., & Bertão, A. (2024). Que bagagem carregam pessoas refugiadas em Portugal? Análise das experiências e vivências prévias ao acolhimento. Revista de Estudos Interdisciplinares. https://doi.org/10.56579/rei.v6i6.1470

García-Huidobro, F., Torres Torriti, D., & Tugas, N. (2008). ¡El tiempo construye! El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: Génesis y desenlace = Time builds! The Experimental Housing Project (PREVI), Lima: Genesis and outcome. Gustavo Gili.

Goldmeier, H. (2025). European migrant crisis. EBSCO Research Starters. https://www.ebsco.com/research-starters/history/european-migrant-crisis

Habraken, N. J. (1972). Supports: An alternative to mass housing. Architectural Press.

Hamouz, N., Al-Jaffari, B., Al-Turshan, A., Pellegrini, S., & Racco, G. (2013). Participation. Campus in Camps. https://www.campusincamps.ps/wp-content/uploads/2013/02/participation.pdf

Hardingham, S. (Ed.). (2016). Cedric Price works 1953–2003: A forward-minded retrospective. Architectural Association.

Hart, J., Paszkiewicz, N., & Albadra, D. (2018). Shelter as home? Syrian homemaking in Jordanian refugee camps. Human Organization. https://doi.org/10.17730/0018-7259.77.4.371

Heidegger, M. (1962). Being and time (J. Macquarrie & E. Robinson, Trans.). Blackwell.

Hilal, S., & Petti, A. (2018). Permanent temporariness. Art and Theory Publishing.

IKEA Foundation. (2016). Flat-pack refugee shelter wins design of the year 2016. https://ikeafoundation.org/stories/flat-pack-refugee-shelter-wins-design-of-the-year-2016/

Kakuma News Reflector. (n.d.). About Kakuma refugee camp. https://kakuma.wordpress.com/about-kakuma-refugee-camp/

Kaijima, M., Kuroda, J., & Tsukamoto, Y. (2001). *Made in Tokyo*. Kajima Institute Publishing.

Keane, F. (2025, September 3). Migrant crisis: How Europe went from Merkel's "We can do it" to pulling up the drawbridge. BBC News. https://www.bbc.com/news/articles/cn5e5q7w41eo

Knell, Y. (2014, April 30). Azraq: How a refugee camp is built from scratch. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-middle-east-27205291

Langer, S. K. (1953). Feeling and form: A theory of art developed from Philosophy in a new key. Charles Scribner's Sons.

Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli.

Palestine Question. (n.d.). Baqa' refugee camp. Institute for Palestine Studies. https://www.palquest.org/en/highlight/37438/baqa%E2%80%98-refugee-camp

Paszkiewicz, N., & Fosas, D. (2019). Reclaiming refugee agency and its implications for shelter design in refugee camps. In Comfort at the extremes: Energy, economy and climate. Ecohouse Initiative Ltd.

R4V – Inter-Agency Coordination Platform for Refugees and Migrants from Venezuela. (2026). RMRP 2026 summary. https://www.r4v.info/en/rmrp2026-summary

Rapoport, A. (2003). Architectonics: Mind, land & society – Cultura, arquitectura y diseño. Edicions UPC.

Relph, E. (1976). Place and placelessness. Pion.

Sadler, S. (2000). Open ends: The social visions of 1960s non-planning. In J. Hughes & S. Sadler (Eds.), Non-plan: Essays on freedom, participation and change in modern architecture and urbanism. Architectural Press.

Sampson, R., & Gifford, S. M. (2010). Place-making, settlement and well-being: The therapeutic landscapes of recently arrived youth with refugee backgrounds. Health & Place. https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2009.09.004

Scott-Smith, T. (2022). Places of partial protection: Refugee shelter since 2015. Routledge.

Sphere Project. (2011). Humanitarian charter and minimum standards in humanitarian response (3rd ed.). Sphere Project.

Stevenson, A., & Sutton, R. (2011). There's no place like a refugee camp? Urban planning and participation in the camp context. Refuge: Canada's Journal on Refugees. https://www.jstor.org/stable/48648623

The Museum of Modern Art. (2016, October 1–2017, January 22). Insecurities: Tracing displacement and shelter [Exhibition]. https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1653

Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. University of Minnesota Press.

Turner, J. F. C. (1988). An introductory perspective. In B. Turner (Ed.), Building community: A Third World case book. Building Community Books.

UNHCR, DMCR, & BCF. (2024). Perfil do campo de refugiados Domiz 1: Dezembro de 2024.

United Nations High Commissioner for Refugees. (2012, May). UNHCR Iraq Syria situation update: Number 8. Syrian persons of concern in Northern Iraq (Update covering the period 7 May–13 May 2012). UNHCR.

United Nations High Commissioner for Refugees. (2014, July 22). UNHCR policy on alternatives to camps (UNHCR/HCP/2014/9). https://www.refworld.org/policy/strategy/unhcr/2014/101682

United Nations High Commissioner for Refugees. (2016). Shelter design catalogue. UNHCR.

United Nations High Commissioner for Refugees. (2022, July 29). Jordan's Za'atari refugee camp: 10 facts at 10 years. https://www.unhcr.org/ie/news/stories/jordans-zaatari-refugee-camp-10-facts-10-years

United Nations High Commissioner for Refugees. (2025, June). Azraq camp factsheet: Jordan: Azraq refugee camp. https://www.unhcr.org/jo

United Nations High Commissioner for Refugees. (n.d.). Alternatives to camps. https://www.unhcr.org/what-we-do/respond-emergencies/shelter/alternatives-camps

United Nations High Commissioner for Refugees. (n.d.). Europe: Refugee data and statistics. https://www.unhcr.org/where-we-work/regions/europe

United Nations High Commissioner for Refugees. (n.d.). Most refugees want to return to their countries, but home is often out of reach… [Facebook post]. Facebook. https://www.facebook.com/UNHCR/posts/most-refugees-want-to-return-to-their-countries-but-home-is-often-out-of-reach-d/781984870793936/

United Nations High Commissioner for Refugees. (n.d.). Refugee statistics. https://www.unhcr.org/refugee-statistics

United Nations High Commissioner for Refugees. (n.d.). The 1951 Refugee Convention. https://www.unhcr.org/about-unhcr/overview/1951-refugee-convention

United Nations High Commissioner for Refugees. (n.d.). Who is a “refugee”? https://www.unhcr.org/ie/refugees

United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East. (n.d.). Baqa’a Camp. https://www.unrwa.org/where-we-work/jordan/baqaa-camp

USA for UNHCR. (n.d.). Europe emergency. https://www.unrefugees.org/emergencies/europe/

USA for UNHCR. (n.d.). Refugee facts: Camps. https://www.unrefugees.org/refugee-facts/camps/

USA for UNHCR. (n.d.). Syria refugee crisis explained. https://www.unrefugees.org/news/syria-refugee-crisis-explained/

Valentim, N., & Eça, F. (2002–2008). Centro Comunitário São Cirilo. Nuno Valentim Arquitectura. https://nunovalentim.com/projecto/centro-comunitario-sao-cirilo/

Vigh, H. (2008). Crisis and chronicity: Anthropological perspectives on continuous conflict and decline. Ethnos.

Vitruvius. (1999). Ten books on architecture (I. D. Rowland, Trans.). Cambridge University Press. (Original work published ca. 15 BCE)

Wainwright, O. (2017, January 27). Why Ikea’s flatpack refugee shelter won design of the year. The Guardian. https://www.theguardian.com/artanddesign/2017/jan/27/why-ikea-flatpack-refugee-shelter-won-design-of-the-year

Weizman, E. (2017). *Forensic architecture: Violence at the threshold of detectability*. Zone Books.

FONTES AUDIOVISUAIS

A24 News Agency. (2019, January 19). Launching the project for turning refugees tents into houses at Domiz camp[Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=MOtyEk2bQ3I

Al Jazeera English. (n.d.). Syrian refugees in Iraqi camps face uncertain future [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=qgEOB1JCkCE

Conferências da Garagem. (2018, November 6). Maria Moita | Arquitetura de emergência [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=GyiSOLEha8M

Der Spiegel. (2024, September 19). A place of chaos: Berlin's overcrowded refugee camp in Tegel. https://www.spiegel.de/international/germany/a-place-of-chaos-berlins-overcrowded-refugee-camp-in-tegel-a-a4cd1424-67e1-43bb-9fae-5561eb411067

Failed Architecture. (2024, May 15). #06 Architects in Calais: On border systems and self-built cities [Audio podcast episode]. In Failed Architecture Podcast. Spotify. https://open.spotify.com/episode/4ZW36tDb00er5m0gmO8RdZ

Garagem Sul. (2018, November 6). Maria Moita – Arquitetura de emergência [Video]. YouTube.

Lemon Tree Trust. (2017). Azadi Community Garden, Domiz Camp [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=gtJm_TJ5YDM

now_you_see_me_moria. (n.d.). Perfil Instagram [Instagram profile]. Instagram. https://www.instagram.com/now_you_see_me_moria/

O Contrário Também É Verdade. (2024). Temporada 2, episódio 3: Conversa com Maria Moita [Audio podcast episode]. In O Contrário Também É Verdade. Spotify. https://open.spotify.com/episode/2b3PKDTju62XE1hxcmlzfX

Rádio e Televisão de Portugal. (2020, June). Princípios do nada [Television program]. RTP Play. https://www.rtp.pt/play/p7360/e478434/principes-do-nada

Submarine Channel. (2014). Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city: Everyday life in a refugee camp. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

The Media Line. (n.d.). 57 years later, why does Jordan's Baqaa refugee camp still exist? [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=9E8jiE6D3s8

United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East. (2017, May 24). Road to Baqa'a[Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=EWCl9JT128A

ICONOGRAFIA

Fig. 1 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (n.d.). *Princípios do nada* [Imagem]. RTP Play. https://www.rtp.pt/play/p7360/e484614/principes-do-nada

Fig. 2 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (n.d.). *Princípios do nada* [Imagem]. RTP Play. https://www.rtp.pt/play/p7360/e484614/principes-do-nada

Fig. 3 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (n.d.). *Princípios do nada* [Imagem]. RTP Play. https://www.rtp.pt/play/p7360/e484614/principes-do-nada

Fig. 4 Worland, J. (2015, February 29). Inside the Calais “Jungle”: Shops, restaurants and a thriving economy. Time. https://time.com/4233206/calais-jungle-shops/

Fig. 5 BBC News. (2016, 26 de outubro). Calais 'Jungle': Fires rage across migrant camp. BBC News. https://www.bbc.com/news/world-europe-37771889

Fig. 6 Médecins Sans Frontières. (2016, September 15). With the Calais “Jungle” about to be dismantled, what will become of unaccompanied minors? Médecins Sans Frontières

Fig. 7 Worland, J. (2016, September 21). Inside the Calais “Jungle”: Migrants, politics and the Dubs amendment. Time. https://time.com/4499412/calais-jungle-migrant-dubs-amendment-un-summit/

Fig. 8 Al-arini, A. Jihad Ibrahim, Better Shelter. (n.d.). What makes a home? IKEA Foundation refugee shelter partnership now exhibited. Better Shelter. https://bettershelter.org/what-makes-a-home-ikea-foundation-refugee-shelter-partnership-now-exhibited/

Fig. 9 Better Shelter. (n.d.). Gaza. Better Shelter. https://bettershelter.org/gaza/

Fig. 10 Better Shelter. (2024). *Health services for remote communities*. https://bettershelter.org/projects_/health-services-for-remote-communities/

Fig. 11 Shigeru Ban Architects. (2020). Paper partition system 3 – Fujisawa. Shigeru Ban Architects. https://shigerubanarchitects.com/works/paper-tubes/paper-partition-system-3-fujisawa/

Fig. 12 Shigeru Ban Architects. (2020). 2020 South Kyushu flooding / Paper partition system. Shigeru Ban Architects. https://shigerubanarchitects.com/works/paper-tubes/2020-九州南部豪雨-避難所用・紙の間仕切りシステム/

Fig. 13 Shigeru Ban Architects. (n.d.). Paper emergency shelters for UNHCR. Shigeru Ban Architects. https://shigerubanarchitects.com/works/paper-tubes/paper-emergency-shelters-for-unhcr/

Fig.14 Petti, A. (2013, 11 de junho). Architecture of exile. Campus in Camps. https://www.campusincamps.ps/about/

Fig. 15 McCurry, S. (1984). Afghan girl. In S. McCurry, It’s heartbreaking: Steve McCurry on Afghan girl, a portrait of past and present. The Guardian. https://www.theguardian.com/global-development/2021/sep/20/its-heartbreaking-steve-mccurry-on-afghan-girl-a-portrait-of-past-and-present

Fig. 16 McCurry, S. (1984). Afghan girl. In S. McCurry, It's heartbreaking: Steve McCurry on Afghan girl, a portrait of past and present. The Guardian. https://www.theguardian.com/global-development/2021/sep/20/its-heartbreaking-steve-mccurry-on-afghan-girl-a-portrait-of-past-and-present

Fig. 17 Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. University of Minnesota Press.

Fig. 18 Tuan, Y.-F. (1977). Space and place: The perspective of experience. University of Minnesota Press.

Fig.19 Heidegger, M. (1962). *Being and time* (J. Macquarrie & E. Robinson, Trans.). Blackwell Publishers Ltd.

Fig. 20 Heisenberg, W. (1971). Physics and beyond: Encounters and conversations. Harper & Row.

Fig. 21 Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Rizzoli.

Fig. 22 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (s.d.). UNRWA photo archive. PhotoShelter. https://unrwa.photoshelter.com/search?terms=

Fig. 23 Al Jazeera English. (n.d.). *Syrian refugees in Iraqi camps face uncertain future* [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=qgEOB1JCkCE

Fig. 24 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Baqa'a, Al-Baq'a, Jordan].* Registado em 13 abril de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Baqa%27a+Second+Cemetery,+البقعة،+Jordânia/

Fig. 25 United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). (2015, 16 de abril). Why I call Dadaab home. UNHCR Innovation. https://www.unhcr.org/innovation/why-i-call-dadaab-home/

Fig. 26 UNHCR. (2022, 29 julho). Jordan's Za'atari refugee camp: 10 facts at 10 years. UNHCR. https://www.unhcr.org/ie/news/stories/jordans-zaatari-refugee-camp-10-facts-10-years

Fig. 27 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (s.d.). UNRWA photo archive. PhotoShelter. https://unrwa.photoshelter.com/search?terms=

Fig. 28 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (s.d.). UNRWA photo archive. PhotoShelter. https://unrwa.photoshelter.com/search?terms=

Fig. 29 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Baqa'a, Al-Baq'a, Jordan].* Registado em 13 abril de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Baqa%27a+Second+Cemetery,+البقعة،+Jordânia/

Fig. 30 Google. (n.d.). [Google Street View of Baqa'a refugee camp, Jordan]. Retrieved September 26, 2026, from https://www.google.com/maps/

Fig. 31 Google. (n.d.). [Google Street View of Baqa'a refugee camp, Jordan]. Retrieved September 26, 2026, from https://www.google.com/maps/

Fig. 32 Google. (n.d.). [Google Street View of Baqa'a refugee camp, Jordan]. Retrieved September 26, 2026, from https://www.google.com/maps/

Fig. 33 Google. (n.d.). [Google Street View of Baqa'a refugee camp, Jordan]. Retrieved September 26, 2026, from https://www.google.com/maps/

Fig. 34 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Baqa'a, Al-Baq'a, Jordan]*. Registado em 13 abril de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Baqa%27a+Second+Cemetery,+البقعة،
+Jordânia/

Fig. 35 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Baqa'a, Al-Baq'a, Jordan]*. Registado em 13 abril de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Baqa%27a+Second+Cemetery,+البقعة،
+Jordânia/

Fig. 36 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (s.d.). UNRWA photo archive. PhotoShelter. https://unrwa.photoshelter.com/search?terms=

Fig. 37 Columbia Center for the Study of Social Difference. (s.d.). Refugee cities: Urban dimensions of forced displacement. https://www.socialdifference.columbia.edu/projects-/refugee-cities

Fig. 38 United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA). (s.d.). UNRWA photo archive. PhotoShelter. https://unrwa.photoshelter.com/search?terms=

Fig. 39 Google. (n.d.). [Google Street View of Baqa'a refugee camp, Jordan]. Retrieved September 26, 2026, from https://www.google.com/maps/

Fig. 40 ShelterBox. (2013). Setting up tents in Domiz [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=uk_eQMs--UM

Fig. 41 Fareed, B. (2022). Domiz camp for Syrian refugees in Dohuk governorate in the Kurdistan region of Iraq [Fotografia]. Norwegian Refugee Council (NRC). https://www.nrc.no/perspectives/2022/what-does-self-reliance-mean-to-syrian-refugees-in-kri

Fig. 42 Google. (n.d.). Domiz Camp, Jordânia [Google Earth]. https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp

Fig. 43 Google. (n.d.). Domiz Camp, Jordânia [Google Earth]. https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp

Fig. 44 Google. (n.d.). Domiz Camp, Jordânia [Google Earth]. https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp

Fig. 45 ShelterBox. (2012). Reflections from Domiz camp [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=mjS9dSOyoVw

Fig. 46 Tom Massey. (2018). Refugees at Domiz camp [Fotografia]. Arab News. https://www.arabnews.com/node/1308816/lifestyle

Fig. 47 Samer Muscati. (2012). A Kurdish mother with her two daughters at the Domiz refugee camp [Fotografia]. Human Rights Watch. https://fpif.org/syrian_kurds_fleeing_to_iraqi_safe_haven/

Fig. 48 Submarine Channel. (2014). Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp. Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

Fig. 49 Submarine Channel. (2014). Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp. Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

Fig. 50 Reggie Yates. (2015, 9 março). Kurdistan, northern Iraq: In a Refugee Camp (The Insider) [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=Ik8hroK8Krw

Fig. 51 Submarine Channel. (2014). Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp. Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

Fig. 52 Google. (n.d.). Domiz Camp, Jordânia [Google Earth]. https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp

Fig. 53 Google. (n.d.). Domiz Camp, Jordânia [Google Earth]. https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp

Fig. 54 Google. (n.d.). Domiz Camp, Jordânia [Google Earth]. https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp

Fig. 55 ShelterBox. (2012). Reflections from Domiz camp [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=mjS9dSOyoVw

Fig. 56 Submarine Channel. (2014). Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp. Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

Fig. 57 Leslie Young. (2014). Thousands of identical metal shelters stretch into the distance in neat rows in Azraq Refugee Camp, Jordan [Fotografia]. Global News. https://globalnews.ca/news/1378547/inside-azraq-jordans-prefab-refugee-camp/

Fig. 58 Plan International UK. (2020, April 30). Azraq: A refugee camp in lockdown [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=PzBU0Rjxkb0

Fig. 59 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Azraq Camp, Al-Azraq Camp, Jordan]*. Consultada a 11 de maio de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp,+Al-Azraq+Camp,+Jordânia/

Fig. 60 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Azraq Camp, Al-Azraq Camp, Jordan]*. Consultada a 11 de maio de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp,+Al-Azraq+Camp,+Jordânia/

Fig. 61 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Azraq Camp, Al-Azraq Camp, Jordan]*. Consultada a 11 de maio de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp,+Al-Azraq+Camp,+Jordânia/

Fig. 62 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Azraq Camp, Al-Azraq Camp, Jordan]*. Consultada a 11 de maio de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp,+Al-Azraq+Camp,+Jordânia/

Fig. 63 Muhammad Hamed. (2018). Syrian refugee women stand in front of their homes at Azraq refugee camp, near Al Azraq city, Jordan [Fotografia]. Reuters. https://english.alarabiya.net/coronavirus/2020/09/08/Coronavirus-UN-detects-COVID-19-cases-in-Syrian-refugee-camp-in-Jordan

Fig. 64 Aksamija, A., Majzoub, R., & Philippou, M. (Eds.). (2021). *Design to live: Everyday inventions from a refugee camp*.MIT Press.

Fig. 65 Amel Pain. (2019). Syrian refugee playing with a home-made kite at the Azraq refugee camp, near Zarqa, Jordan[Fotografia]. InfoMigrants. https://www.infomigrants.net/en/post/14290/jordan-nrc-provides-assistance-at-azraq-refugee-camp

Fig. 66 Aksamija, A., Majzoub, R., & Philippou, M. (Eds.). (2021). *Design to live: Everyday inventions from a refugee camp*.MIT Press.

Fig. 67 United Nations High Commissioner for Refugees. (2015, March 16). *T-Shelter for Azraq Refugee Camp (3D diagrams)*. UNHCR. https://data.unhcr.org/en/documents/details/46026

Fig. 68 United Nations High Commissioner for Refugees. (2015, March 16). *T-Shelter for Azraq Refugee Camp (3D diagrams)*. UNHCR. https://data.unhcr.org/en/documents/details/46026

Fig. 69 Google. (s.d.). *[Google Earth map of Azraq Camp, Al-Azraq Camp, Jordan]*. Consultada a 11 de maio de 2026, de https://earth.google.com/web/search/Azraq+Camp,+Al-Azraq+Camp,+Jordânia/

Fig. 70 Google. (n.d.). [Google Street View of Baqa'a refugee camp, Jordan]. Retrieved September 26, 2026, from https://www.google.com/maps/

Fig. 71 Submarine Channel. (2014). Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp. Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

Fig. 72 Submarine Channel. (2014). Refugee Republic: Jumpstarting a new existence in an emerging city. Everyday life in a refugee camp. Submarine Channel. https://refugeerepublic.submarinechannel.com/

Fig. 73 Norwegian Refugee Council (NRC). https://www.nrc.no/perspectives/2022/what-does-self-reliance-mean-to-syrian-refugees-in-kri

Fig. 74 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). Princípios do nada [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2

Fig. 75 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). Princípios do nada [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2

Fig. 76 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). Princípios do nada [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2

Fig. 77 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). Princípios do nada [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2

Fig. 78 Rádio e Televisão de Portugal (RTP). (Junho, 2020.). Princípios do nada [Programa de televisão]. RTP Play. Ep. 2

Fig. 79 A place of chaos: Berlin's overcrowded refugee camp in Tegel. DER SPIEGEL. https://www.spiegel.de/international/germany/a-place-of-chaos-berlins-overcrowded-refugee-camp-in-tegel-a-a4cd1424-67e1-43bb-9fae-5561eb411067

Fig. 80 A place of chaos: Berlin's overcrowded refugee camp in Tegel. DER SPIEGEL. https://www.spiegel.de/international/germany/a-place-of-chaos-berlins-overcrowded-refugee-camp-in-tegel-a-a4cd1424-67e1-43bb-9fae-5561eb411067

Fig. 81 A doctor’s story: Inside the ‘living hell’ of Moria refugee camp. The Guardian. https://www.theguardian.com/world/2020/feb/09/moria-refugee-camp-doctors-story-lesbos-greece

Fig. 82 Tagree. (n.d.). Now you see me Moria. Tagree. https://tagree.de/now-you-see-me-moria/

Fig. 83 Valentim, N., & Eça, F. (2002–2008). Centro Comunitário São Cirilo. Nuno Valentim Arquitectura. https://nunovalentim.com/projecto/centro-comunitario-sao-cirilo/

Fig. 84 Valentim, N., & Eça, F. (2002–2008). Centro Comunitário São Cirilo. Nuno Valentim Arquitectura. https://nunovalentim.com/projecto/centro-comunitario-sao-cirilo/

Fig. 85 Charitonidou, M. (2023, February 24). *Alison and Peter Smithson’s collages as reinventing established reality*. Drawing Matter. https://drawingmatter.org/alison-and-peter-smithsons-collages-as-reinventing-established-reality/

Fig. 86 Architecture History. (s.d.). 1964, The Economist Building, London, UK. https://architecture-history.org/architects/architects/SMITHSON/OBJ/1964%2C%20The%20Economist%20Building%2C%20London%2C%20UK.html

Fig. 87 Architecture History. (s.d.). 1964, The Economist Building, London, UK. https://architecture-history.org/architects/architects/SMITHSON/OBJ/1964%2C%20The%20Economist%20Building%2C%20London%2C%20UK.html

Fig. 88 Hardingham, S. (Ed.). (2016). Cedric Price works 1953–2003: A forward-minded retrospective (Vols. 1–2). Architectural Association.

Fig. 89 Snijders, B. (2018, November 23). *The Amsterdam playgrounds, 1947–78*. Van Eyck Foundation. https://vaneyckfoundation.nl/2018/11/23/the-amsterdam-playgrounds-1947-78/

Fig. 90 García-Huidobro, F., Torres Torriti, D., & Tugas, N. (2008). ¡El tiempo construye!: El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: Génesis y desenlace.

Fig. 91 García-Huidobro, F., Torres Torriti, D., & Tugas, N. (2008). ¡El tiempo construye!: El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: Génesis y desenlace.

Fig. 92 Aravena, A., & Iacobelli, A. (2012). Elemental: Incremental housing and participatory design manual. Hatje Cantz.

Fig. 93 Aravena, A., & Iacobelli, A. (2012). Elemental: Incremental housing and participatory design manual. Hatje Cantz.

Fig. 94 Aravena, A., & Iacobelli, A. (2012). Elemental: Incremental housing and participatory design manual. Hatje Cantz.

Fig. 95 Aravena, A., & Iacobelli, A. (2012). Elemental: Incremental housing and participatory design manual. Hatje Cantz.

Fig. 96 Shigeru Ban Architects. (n.d.). Naked House. https://shigerubanarchitects.com/works/timber-and-bamboo/naked-house/

Fig. 97 OMMX. (n.d.). Building for change. https://officemmx.com/building-for-change/

Fig. 98 Frearson, A. (2017, April 25). *OMMX creates "bare-bones" affordable housing scheme with naked interior*. Dezeen. https://www.dezeen.com/2017/04/25/naked-house-ommx-bare-bones-affordable-housing-scheme-residential-london/

Fig. 99 Hardingham, S. (Ed.). (2016). Cedric Price works 1953–2003: A forward-minded retrospective (Vols. 1–2). Architectural Association.

Fig. 100 Fundación Arquitectura y Ciudad. (2025, May 4). *Visitas memorables 33*. https://fundaayc.com/2025/05/04/visitas-memorables-33/

Fig. 101 Shepard, C. (2023, April 23). *Mass support: Reconsidering housing theorist John Habraken*. Places Journal. https://placesjournal.org/article/reconsidering-housing-theorist-john-habraken/

Fig. 102 Turner, J. F. C. (1988). An introductory perspective. In B. Turner (Ed.), *Building community: A Third World case book*. Building Community Books

Fig. 103 Turner, J. F. C. (1976). Housing by people: Towards autonomy in building environments. Marion Boyars.

Fig. 104 United Nations High Commissioner for Refugees. (2022). *Jordan's Za'atari refugee camp: 10 years* [Video]. YouTube. https://youtu.be/Q9Qd9XboKEE

Fig. 105 United Nations High Commissioner for Refugees. (2022). *Jordan's Za'atari refugee camp: 10 years* [Video]. YouTube. https://youtu.be/Q9Qd9XboKEE

O LUGAR DA ARQUITETURA EM CAMPOS DE REFUGIADOS:
da emergência à permanência, de espaço a lugar

Joana Vilaça Lélis Gil Ferreira

FACULDADE DE ARQUITETURA